

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA Criada pelo Decreto Lei 762 de 14 de agosto de 1969 - Modificada pela Lei 6.532 de 24 de maio de 1978 FACULDADE DE EDUCAÇÃO Av. João Naves de Ávila, 2121 = Campus Santa Mônica = Sala 1G156 = CEP:38.408-100 = Uberlândia/MG- Fone: (34).3239.4163, 4223 = www.faced.ufu.br = faced@ufu.br	
---	--	---

Prof. Dr. Antônio Cláudio Moreira Costa

MEMORIAL DESCRITIVO PARA A PROMOÇÃO À CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

***ENCONTROS E REENCONTROS: MEMÓRIAS DE MINHA
CAMINHADA PESSOAL E ACADÊMICA.***

**Uberlândia
2020**

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA Criada pelo Decreto Lei 762 de 14 de agosto de 1969 - Modificada pela Lei 6.532 de 24 de maio de 1978 FACULDADE DE EDUCAÇÃO Av. João Naves de Ávila, 2121 = Campus Santa Mônica = Sala 1G156 = CEP:38.408-100 = Uberlândia/MG- Fone: (34).3239.4163, 4223 = www.faced.ufu.br = faced@ufu.br	
---	--	---

Prof. Dr. Antônio Cláudio Moreira Costa

MEMORIAL DESCRITIVO PARA A PROMOÇÃO À CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

ENCONTROS E REENCONTROS: MEMÓRIAS DE MINHA CAMINHADA PESSOAL E ACADÊMICA

Documento apresentado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme art.3º da Portaria MEC nº982, de 03/19/2013 e a Resolução UFU/CONDIR n. 3, de 03/2017 e Republicada conforme RESOLUÇÃO nº SEI 05/2018/CONDIR de 22/08/2018

**Uberlândia
2020**

COMISSÃO ESPECIAL DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Gabriel Humberto Munõz Palafox
Prof. Titular UFU – Presidente da Comissão de Avaliação

Prof^ª. Dra. Isabel Antunes Rocha
Prof^ª. Titular UFMG – Membro Externo

Prof. Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos
Prof. Titular UFSM – Membro Externo

Prof. Dr. João Batista de Figueiredo Albuquerque
Prof. Titular UFCE – Membro Externo

Uberlândia, 12 de outubro de 2020.

DEDICO,

A memória do meu pai Antônio Nascimento da Costa, dos meus avós Pedro dos Santos Moreira e Arquelau Corrêa da Costa e das minhas avós Ivete de Andrade Moreira e Jardelina Nascimento da Costa; dos meus tios: Ivan Moreira, Inácio Moreira, Pedro Moreira, Raimundo Costa; das minhas tias Isabel Moreira e Fátima Costa. Referencio todos que me antecederam.

À minha mãe biológica Ivaína Moreira da Costa e as minhas mães de coração Ida Moreira, Isa Maria, Ivanice e Irene. Todas elas me amam e me acolhem tanto no plano físico, quanto no plano espiritual.

As minhas irmãs biológicas Ana Paula e Ana Cláudia e as minhas irmãs de coração Elisângela Araújo e Jaqueline Benigno.

Ao tio Astrogildo Brito, meu pai de coração, amigo, conselheiro, que com amor, acolhimento, respeito e paciência sempre me fez refletir sobre minhas escolhas e as consequências delas.

Ao tio Idalécio Moreira, parceiro e amigo querido com quem vou aprendendo a arte de reinventar-me cotidianamente.

Aos amigos Rogério Mota e Hernani Guilherme pelos 38 anos de amizade e pelo amor que nos une.

A amiga Gleide Corrêa por estender-me a mão e com generosidade me ajudar no meu reencontro comigo mesmo.

As minhas filhas Ana Gabriela e Isis, que ao terem a oportunidade de ler esse texto possam conhecer um pouco mais sobre seu pai. Que o amor, a amizade e o respeito possam ser laços firmes a nos unirem sempre.

A Mirian Lima, pelo carinho afetuoso, respeito e por todas as aprendizagens compartilhadas.

GRATIDÃO,

À professora, orientadora e amiga querida Luiza Helena Christov, pela oportunidade, acolhimento e confiança que me permitiram estar cumprindo essa etapa da minha jornada pessoal e acadêmica.

Ao amigo e parceiro de projetos junto as comunidades sem terra Robinson Janes, pelo carinho e respeito com que sempre regou nossa amizade.

Aos professores que marcaram minha caminhada acadêmica: Antônio Luiz de Andrade (Tato); Alberto Albuquerque; Bernardo Mançano; Arilda; Ivan Manoel; Teresinha D'Aquino; Mirian Lourenção; Maria do Rosário; Cristiano Di Giorgi.

Aos militantes e amigos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, por me incluírem nos processos educativos por eles desenvolvidos e por me animarem para lutar pelo fim de todos os latifúndios, em especial o latifúndio do saber.

Aos professores da UFU, com quem tenho aprendido bastante. Todos de alguma forma contribuíram na minha caminhada acadêmica e no refinamento das minhas percepções política e de mundo: Cairo Mohamad; Marcelo Soares; Elenita Pinheiro; Paulo Celso; Carlos Henrique, Carlos Lucena, Robson França, Guilherme Saramago, Selmo Haroldo, Valéria Rezende, Sônia Santos, Mara Rúbia, Maria Vieira, Maria Simone, Geovana, Joelma, Olenir, Roberto Puentes, Bernerval, Camila Coimbra, Sandra Lima, Guimes Rodrigues, Edilson Graciolli, Arquimedes, Armindo, Vânia, João Cleps, Marcelo Chelotti, Cristiane Betanho, Sidney Rucco, Antônio Almeida, Yasca Antunes, Socorro Militão, Renata Carmo...

Aos parceiros de projetos e de sonhos: Gilberto Paulino; Francisco Leite, Kaled, Alessandro Pimenta – Universidade Federal do Tocantins; Dilenio Dustan – Universidade Federal de Juiz de Fora; Adilson Santos – Universidade Federal de Ouro Preto; Eugênia Portela – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Salomão Hage – Universidade Federal do Pará; Sandra Garcia – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A Rosane, Técnica Administrativa aposentada da UFU, pela sua dedicação, simplicidade, solidariedade e principalmente, pelo irrestrito respeito ao ser humano. Em nome da Rosane, agradeço a todos os técnicos administrativos com que convivi e convivo: Carlão, Edmilson, Claudinha, Candinha, Oscari, Luciana, Rafaela e a todos que não lembrei.

Aos funcionários da ADUFU: Djalma; Marluce, Rubão.

Aos meus amigos Sérgio Doretto, Gildásio Jardim (artistas plástico), Cristino Wapichana (escritor indígena) e Pingo de Fortaleza (cantor e compositor), que com suas artes trazem mais beleza e leveza para minha vida e para o mundo.

Tudo Outra Vez

Belchior

https://www.youtube.com/watch?v=XfhY_898CeI

Há tempo muito tempo que eu estou longe de casa
E nessas ilhas cheias de distância
O meu blusão de couro se estragou
Ouvi dizer num papo da rapaziada
Que aquele amigo que embarcou comigo
Cheio de esperança e fé, já se mandou
Sentado à beira do caminho pra pedir carona
Tenho falado à mulher companheira
Quem sabe lá no trópico a vida esteja a mil
E um cara que transava à noite no "Danúbio azul"
Me disse que faz sol na América do Sul
E nossas irmãs nos esperam no coração do Brasil
Minha rede branca, meu cachorro ligeiro
Sertão, olha o Concorde que vem vindo do estrangeiro
O fim do termo "saudade" como o charme brasileiro
De alguém sozinho a cismar
Gente de minha rua, como eu andei distante
Quando eu desapareci, ela arranhou um amante.
Minha normalista linda, ainda sou estudante
Da vida que eu quero dar
Até parece que foi ontem minha mocidade
Meu diploma de sofrer de outra Universidade
Minha fala nordestina, quero esquecer o francês
E vou viver as coisas novas, que também são boas
O amor/humor das praças cheias de pessoas
Agora eu quero tudo, tudo outra vez

RESUMO

O Memorial Descritivo para a promoção à carreira de Professor Titular da Faculdade de Educação – FAGED, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, é, sob meu ponto de vista, mais um rito de passagem do mundo acadêmico, que, todos os que pretendem chegar ao topo da carreira devem se submeter. Esse processo é muito significativo porque temos a oportunidade de apresentar alguns elementos desconhecidos para a maioria daqueles com quem convivemos e são importantes para que possam começar nos entender sob uma nova perspectiva. Pretendo apresentar a minha trajetória social e educacional desde quando nasci na cidade de Belém-PA, em março do ano de 1972, até os dias de hoje. Farei um esforço para demarcar minhas experiências sociais pois elas tiveram influência decisiva no meu processo educativo desde a educação básica até o ensino superior. No que diz respeito às normas de promoção ultrapassei os 1000 pontos necessários de acordo com a Resolução 04/2014 do Conselho Diretor da UFU, para a classe de Titular, já que fiz 1.889,37 (mil oitocentos e oitenta e nove pontos com trinta e sete centésimos). Desde que entrei no ensino superior sempre procurei desenvolver concomitantemente o ensino, a extensão e a pesquisa, que constituem o tripé da universidade; no entanto meu trabalho tem maior ênfase no ensino e principalmente na extensão, através de trabalhos voltados essencialmente aos movimentos sociais do campo (Sem Terras, Indígenas e Quilombolas) e aos moradores de bairros periféricos da cidade de Uberlândia). Tenho desenvolvido pesquisas com alguns professores de outras universidades, com colegas da UFU e individualmente. No que se refere ao desenvolvimento de atividades ligadas à gestão, eu nunca exerci nenhum cargo de gestão na estrutura da Universidade, confesso que não tenho perfil para assuntos burocráticos, uma vez que o que me move e me mobiliza é a práxis social; no entanto, através do diálogo com colegas pesquisadores, compreendo ser importante ocupar espaços na gestão visando a defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade referenciada acessível a todos. No memorial aqui apresentado busco apresentar a palavra da experiência através de um complexo exercício de exposição, por isso apresento todas as aprendizagens acumuladas tanto no campo pessoal, quanto profissional.

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz/ cantar (e cantar e cantar) a beleza de ser um eterno aprendiz/ Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será/ Mas isso não impede que eu repita É bonita, é bonita e é bonita”. Gonzaguinha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1.TRAJETÓRIA PESSOAL	11
1.1 Primeira Fase: O REINÍCIO DE UMA JORNADA: algumas lembranças	11
1.2 Segunda Fase: Coisas da infância: o menino era maluquinho	18
1.3 Terceira Fase: Adolescência/Juventude	24
2. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL	26
2.1 A Educação Básica	26
2.2 O Ensino Superior	36
2.2.1 Síntese da Formação no Ensino Superior	36
2.2.2 Graduação	36
2.2.3 Pós-graduação	46
2.2.3.1 Mestrado	46
2.2.3.2 Doutorado	49
2.2.3.3 Síntese das atividades desenvolvidas durante a graduação, mestrado e doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (1994 – 2002)	49
2.2.3.4 Pós-doutorado	53
3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL/ACADÊMICA	57
3.1 Faculdade de Filosofia e Letras de Jacarezinho – FAFIJA	57
3.1.1 Síntese da Experiência profissional: Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho – FAFIJA	58
3.2 Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO	59
3.2.1 Síntese da Experiência profissional: Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO (Vínculo: 2002 a 2003)	60
3.3 Universidade Federal do Tocantins – UFT	61
3.3.1 Síntese da Experiência profissional Universidade Federal do Tocantins – UFT (Vínculo: 2004 a 2007)	65
3.4 Universidade Federal de Uberlândia – UFU	70
3.4.1 Síntese da Experiência profissional: Universidade Federal de Uberlândia – UFU	73
4. CONCLUSÃO	96
5. ANEXOS	98
5.1 Atividades realizadas durante o processo de formação de mestrado e doutorado.	98
5.2 Evento de extensão realizado nas Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO.	106
5.3 Livros publicados durante	109
5.3.1 – Livro 1	109
5.3.2 – Livro 2	109
5.3.3 – Livro 3	110
5.3.4 – Livro 4	111

INTRODUÇÃO

Atendendo as exigências da Universidade Federal de Uberlândia com intuito de atingir a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme Art. 7º da Resolução 03/2017 do Conselho Diretor republicada pela Resolução nº SEI 05/2018/CONDIR de 22/08/2018:

Para promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, o docente deverá demonstrar efetiva dedicação institucional ao ensino, gestão, extensão ou pesquisa, atuando, obrigatoriamente, no ensino e na extensão ou no ensino e na pesquisa, conforme arts. 2º e 3º da Portaria MEC n. 982, de 3 de outubro de 2013, e atender cumulativamente os seguintes requisitos:

I - possuir título de Doutor;

II- estar há, no mínimo, 24 meses no último nível da Classe de Professor Associado, conforme a data da última progressão constante no histórico do docente emitido pela PROGEP/DIADO;

III – aprovação de Relatório de Atividades pela Unidade, devendo obter pontuação mínima no interstício de 23 meses, conforme Anexo 2; e

IV – lograr aprovação, por Comissão Especial, de:

- a) Apresentação de defesa pública, presencial ou a distância, via web, de Memorial de acordo com o Anexo 5 desta Resolução, que deve considerar as atividades de ensino, extensão, pesquisa e gestão acadêmica e produção profissional relevante, da carreira docente em conformidade com os arts. 5º e 6º da Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013; ou
- b) Apresentação e defesa pública de Tese acadêmica inédita, presencial ou a distância, via web, elaborada e defendida especificamente para a finalidade dessa promoção.

Assim sendo e seguindo as especificações da Resolução, optei pelo memorial, para a Promoção à classe de Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais. Nesta produção, tenho como objetivo apresentar a minha história de vida, articulada com a minha trajetória acadêmica, pois acredito ser impossível a dissociação entre as diversas experiências que nos constituem como acadêmicos, mas essencialmente como seres humanos. Portanto, parto do princípio de que as experiências vivenciadas no âmbito pessoal, familiar, social e profissional, se fundem na formação daquele que se entende por educador.

O memorial nos possibilita fazer um inventário das nossas vivências, que como seres humanos, é sempre constituída de encontros e desencontros. Acredito que um memorial não é um texto que tem objetivo precípuo a exaltação/exibição de aspectos ligados exclusivamente aquilo que constitui a nossa aparência e que nos

garante aceitação nos diversos círculos por nós frequentado. Não! Um memorial deve ser um texto que revela nossa essência, nossas deficiências, nossos medos, nossas fraquezas e nossos erros; o memorial não é um texto que deva buscar o convencimento de uma tese ou a imposição de um contexto; memorial é um documento de exposição e é preciso ter ousadia para fazê-lo.

1.TRAJETÓRIA PESSOAL

1.1 Primeira Fase: O REINÍCIO DE UMA JORNADA: algumas lembranças.

[...] O teu corpo físico define a atualidade do teu corpo espiritual. Já viveste, quanto nós mesmos, vidas incontáveis e trazes, no bojo do Espírito, as conquistas alcançadas em longo percurso de experiências na ronda dos milênios. Tua mente já dispõe, nas criptas da memória, de recursos enciclopédicos da cultura de todos os grandes centros do planeta. Teu perispírito já se revestiu com porções da matéria de todos os continentes. [...] Vives novamente na carne para o burilamento do teu Espírito. A reencarnação é o caminho da Grande Luz. Ama e trabalha. Trabalha e serve. Perante o bem, quase sempre, temos sido somente constantes na inconstância e fiéis à infidelidade, esquecidos de que tudo se transforma, com exceção da necessidade de transformar. (Xavier. O Espírito da Verdade. 2016)

Eu nasci no dia 06 de março de 1972, no Hospital Geral de Belém – HGB, um hospital do Exército, pois meu pai era cabo dessa instituição e lá nós tínhamos direito aos atendimentos à saúde. Meu pai era negro e se chamava Antônio Nascimento da Costa, era cabo do Exército e mecânico, trabalhando até seu afastamento para a reserva no Parque Regional de Manutenção. Meu pai estudou até a terceira série do primário e ser militar era para ele motivo de orgulho. Minha mãe é branca e tem uns olhos azuis como o céu, chama-se Ivaína Moreira da Costa, estudou um pouco mais e conseguiu concluir o curso de Magistério, minha mãe era uma normalista. Tanto minha mãe, quanto meu pai tinham uma família numerosa. Meu pai tinha 11 irmãos e minha mãe teve 18 irmãos (meu avô quando casou com minha avó era viúvo e já tinha seis filhos, minha avó os acolheu e com o casamento, os dois vieram mais 12, e olha que meu avô era cozinheiro de uma companhia marítima e vivia viajando. (Cabra bruto...rs). Meus avôs paternos chamavam-se Arquelau Corrêa da Costa e Jardelina Nascimento da Costa, os maternos chamavam-se Pedro dos Santos Moreira e Ivete de Andrade Moreira. Ressalto que meu pai queria me registrar com o nome de Arquelau, em homenagem ao meu avô, mas minha tia/mãe Ida de Andrade Moreira, o convenceu mudar de ideia e sugeriu Antônio Cláudio; Antônio como referência a ele e Cláudio, porque era um nome bonito e estava na moda na época. Se não fosse minha tia eu teria sofrido bem mais na escola, o que hoje se convencionou chamar de bullying.

Meus pais se conheceram e se relacionaram conforme as regras da época, teve namoro, teve noivado e o casamento. O namoro, de acordo com os depoimentos do meu

pai era muito empolgante: meu avô sentava numa cadeira, meu pai e minha mãe em outra, e juntos curtiam a voz do Brasil no rádio à pilha, e meu pai e meu avô pitavam quase que uma carteira de cigarros, chamado na época de gaivota. A senha para meu pai ir embora, era quando meu avô começa abrir a boca e seguido a isso vinha uma tosse seca, na terceira abertura de boca e terceira tossida, vovô Pedro levantava e desejava boa noite ao meu pai e que Deus o acompanhasse. O noivado foi simples, não teve grande festa. O casamento foi no cartório e na igreja, pelas fotos é possível comprovar que os noivos formavam um belo casal. É possível ver a fisionomia séria do meu avô Pedro, e como os trajes da época eram bem interessantes. Costumo dar umas risadas quando vejo essas fotos.



Depois que meus pais casaram foram morar numa casa pequena alugada no próprio bairro da Pedreira. Depois de algum tempo meus pais conseguiram juntar dinheiro (algumas centenas de cruzeiros) e compraram a casa que viveram juntos a maior parte da vida. Era uma casa de madeira, tinha uma sala, um quarto, uma cozinha e o banheiro era separado da casa. Na janela da cozinha, tinha o famoso **jirau** que era um espaço de madeira onde se lavava as louças e a água escoria para a terra do quintal. Como a casa era pequena, sobrava muito espaço para o quintal e meu pai criava galinhas, patos, cachorro. Na época da casa de madeira nosso melhor amigo se chamava Pindobá; ele era um vira-lata puro, malandro e que gostava de comer os ovos das galinhas para a fúria do meu pai. Outro animal de estimação que tivemos foram duas tartarugas e uma cotia. A cotia era engraçada e eu gostava dela, afinal foi um presente do meu pai, o problema é que ela roía tudo e como a casa era de madeira ela passou muita raiva na minha mãe, que logo na primeira semana já queria dar fim à coitada. Roeu o pé da mesa, meu pai fez um remendo, começou a roer uma viga de sustentação

da casa, minha mãe fez um infuso de pimenta malaqueta e a danada deu um sossego, mas se vingou de minha mãe, pois roeu metade de um tamanco dela. Ai foi a gota d'água e a morte da coitada foi decretada, mas sem eu saber; inventaram um passeio pra mim num fim de semana e quando voltei falaram que a cotia tinha sumido. Falaram que procuraram, mas infelizmente não a encontraram, depois de muito tempo descobri a verdade, mas não fiquei com raiva.

Vivemos longos anos nessa casa de madeira e por intermédio do nosso pai fomos inseridos nas rotinas de trabalho educativo: varrer o quintal, recolher os ovos das galinhas, lavar louças e encerar o assoalho de madeira da casa; essa atividade tinha todo um ritual, primeiro passávamos a palha de aço para tirar a cera velha e deixar a madeira lisa, depois passávamos a cera e por último a enceradeira ou o escovão. Era uma das missões mais cansativas, mas ao final o resultado nos deixava satisfeitos com o brilho do assoalho. De eletrodomésticos tínhamos poucas coisas, mas éramos felizes, porque a maioria das pessoas que moravam no bairro não tinham. Tínhamos uma geladeira (Frigidaire - azul calcinha), uma vitrola e uma televisão Telefunken preto e branco, que um certo dia meu pai apareceu com uma tela colorida e colocou na frente da televisão para fazer um colorido....rs..rs. Ficou horrível, e logo essa invencionice foi descartada, ou doada pra alguém, um verdadeiro presente de grego.





A simplicidade da nossa pequena casa de madeira era compensada com as bênçãos de Deus por termos tudo o que precisávamos para a nossa sobrevivência com dignidade. Ainda hoje lembro dessa casa, nos dias de chuva sempre sentíamos o vento suave entrando pelas brechas das madeiras, uma goteira ou outra também era comum e várias panelas e baldes eram espalhados pela casa. Sentíamos o cheiro da terra molhada e o perfume das plantas, ouvíamos o cantar da sábia, dos curiós e dos bem-te-vis, o canto das cigarras e a farra dos periquitos.

Quando estávamos “maior”, minha mãe voltou a trabalhar e empreendeu o projeto de construir uma casa de alvenaria. Ela foi a responsável por transformar em realidade o sonho de uma casa de tijolos, pois meu pai era meio acomodado, minha mãe sempre foi guerreira e quando metia uma coisa na cabeça, ninguém tirava (hoje aos 71 anos não mudou nada e continua “tinhosa”). A construção foi meio que um mutirão. O mestre de obras chama-se João, um homem sério, mas muito engraçado ao mesmo tempo. A casa de madeira foi sendo desmanchada aos poucos, pois não tínhamos para onde ir. O projeto da casa era bem legal pra época, tinha dois quartos, uma sala, uma cozinha, uma copa, um banheiro dentro da casa, e um pequeno quintal já todo coberto por cimento. Lembro que carreguei muito tijolo e areia para a construção da casa, todos tinham que ajudar. Aos finais de semana o trabalho era dobrado e meus tios iam ajudar na construção. Lembro que minha mãe fazia comida pra todo mundo, comida forte pra aguentar o trabalho bruto; ela fazia um feijão numa grande lata de manteiga no fogão a lenha. Sinto o cheiro daquela comida feita com carinho, o feijão era reforçado, tinha linguiça, charque e toucinho (bacon é coisa moderna), o arroz era bem temperado no alho e vez ou outra tinha uma carne de panela, que quem fazia era meu pai. A carne

assada de panela do meu pai era imbatível, dá água na boca só de lembrar. Foi uma época difícil, mas Deus nos abençoou e tudo aconteceu de acordo com os seus desígnios.

Com a casa pronta, meus pais ganharam mais privacidade e nós, os três filhos (Ana Cláudia, Eu e a Ana Paula, a caçula) tivemos um quarto. O quarto era pequeno, dava um beliche e uma rede. Conforme minhas irmãs foram ficando moças, meu pai e minha mãe acharam por bem eu dormir numa cama de campanha, na sala. Dormi longos anos nessa cama, todo dia armava e desarmava, era um desafio, mas venci.

Nessa segunda casa, tivemos vários passarinhos, pois meu pai gostava de criar, e também tivemos nosso segundo cachorro, também era vira-lata, mas tinha uma genética de pequinês. Xuxu chegou em casa através de meu tio Osvaldo, casado com minha tia Irene. Ele estava bebendo num bar e o cachorro por lá apareceu e os dois começaram a se relacionar e quando meu tio saiu do bar o cão veio atrás dele e ele muito esperto, levou lá pra casa. Acolhemos o cachorro e o batizamos de Xuxu, numa homenagem a Xuxa (artista). Esse cachorro era da boemia, quase toda sexta-feira ou sábado ele fugia e só voltava no outro dia, como se estivesse bêbado e quase sempre com alguns hematomas pelo corpo. Durante a semana era um bom companheiro e um excelente caçador de ratos, mas nos finais de semana ele se transformava.

Toda minha infância, adolescência e juventude foi vivenciada no Bairro da Pedreira, na avenida Marquês de Herval. A Pedreira era um bairro habitado essencialmente por pessoas trabalhadoras que lutavam arduamente para garantir a sobrevivência da família. O bairro da Pedreira foi durante longos anos esquecido pelo poder público local, pouquíssimas ruas eram asfaltadas, não tinha saneamento básico, havia muito lixo jogado pela rua, pois o serviço de coleta era ineficiente. Em meio a tanto lixo a população de ratos era enorme, e eles sempre reivindicavam um lugar nas casas, pra falar bem a verdade todas as casas tinham ratos, umas mais, outras menos. Nesse contexto as mercearias lucravam com a venda de ratoeiras e veneno pra rato, em especial o chumbinho, que hoje é proibido.

Lembro também que tinha um grupo de moleques, eu estava no meio, que formou um esquadrão caça ratos; todas as noites nos reuníamos com lanternas, baladeiras (estilingue) e algumas espingardas de ar comprimido para abater aquelas criaturas. Matávamos muitos, mas sem nos dar conta, criávamos um grande problema de saúde pública, pois como não enterrávamos os ratos e nem os queimávamos, quando

eles entravam em estado de putrefação o fedor era insuportável e os urubus e as moscas tomavam conta do ambiente. Frente a gravidade da situação a prefeitura municipal resolveu limpar a área e todos os meses fazia um trabalho de manutenção. Nossa ação não intencional, acabou exigindo ações políticas para o bairro.

O bairro da Pedreira é conhecido em Belém como o bairro do samba e do amor. Tinha a época duas escolas de samba: Acadêmicos do Samba da Pedreira e Quem São Eles. Na época do carnaval o bairro se tornava mais animado e agitado em função dos ensaios das escolas de samba, na principal avenida do bairro Avenida Pedro Miranda, logicamente uma das poucas asfaltadas. Após o Carnaval os ânimos quietavam um pouco e em abril já começa os ensaios das quadrilhas para as festas juninas, a cidade inteira respirava o clima junino. Na Marquês de Herval, onde eu morava, lembro da realização de inúmeras festas juninas. Eu, por insistência da minha mãe, saía numa quadrilha junina, para acompanhar a minha irmã, a desculpa era essa, mas na verdade era mais para me sacanearem porque na época eu não gostava de festa, era um verdadeira bicho do mato, gostava de ficar em casa ou então só olhando a movimentação como um corujão; não dançava nada era mole como uma cobra empalhada. Eu gostava de montar as fogueiras, soltar bombas, estalinhos e fazer outras traquinices, que sempre me rendiam uns puxões de orelha, uns tapinhas carinhosos e um solene convite pra dormir que já tinha chegado minha hora.



Eu e minha irmã Ana Cláudia, minha parceira da quadrilha e de tantas peraltices.

No bairro da Pedreira era possível perceber um certo ecletismo religioso. Podíamos observar a presença muito forte e marcante da Igreja Católica, mas também uma certa influência Protestante e da Umbanda. Nas minhas memórias estão registradas as imagens dos despachos, quase sempre deixados na encruzilhada (Av. Marquês de Herval, esquina com a Travessa Humaíta ou Travessa da Viletá). Lembro que no perímetro em que eu morava, tinha um Centro de Umbanda, coordenado pelo pai Dico, um investigador da Polícia Civil. Dico e seus irmãos eram conhecidos como os irmãos coragem e eram temidos pela bandidagem. No terreiro do pai Dico as festas em homenagem aos orixás eram sempre boas e reunia um grande número de pessoas, por fé ou simplesmente pelos banquetes que eram servidos; no dia de Cosme e Damião distribuíam balas e doces para a molecada e eu sempre estava lá pra pegar a minha parte.

Aprendendo um pouco sobre a história dos orixás descobri que Xangô é o Orixá que reina na Pedreira. Ao ser iniciado na Umbanda, descobri que sou filho de Xangô e tenho como Regente Ogum. De fato, eu tenho várias características arquetípicas desses dois orixás, principalmente de Xangô. Sou apaixonado por pedras, gosto de tê-las junto comigo, onde eu esteja. Cada vez tenho a certeza de que nada ocorre por acaso e certamente não foi por acaso que nasci e me criei na Pedreira, o eterno bairro do samba e do amor. Partilho com os leitores desse texto, os pontos de Xangô que mais gosto. Axé!

Xangô da Pedreira

<https://youtu.be/gcsZFppoWgU>

Ele Bradou na Aldeia
Bradou na cachoeira
em noite de luar
do alto da Pedreira
vai fazer justiça
pra nos ajudar

Ele bradou na Aldeia
Caô Caô
E aqui vai bradar
Caô Caô

Ele é Xangô da Pedreira
Ele nasceu na cachoeira
Lá no Juremá

Justiça Maior

<https://www.lettras.mus.br/umbanda/justica-maior/>

Pedra rola da pedreira
Em cima de quem errou
Justiça quem faz é Ele
Porque ele é Xangô

Com seu leão do lado
Com seu machado na mão
Ele corta mironga
Pra seus filhos dá proteção

Justiça maior é de meu pai Xangô
Justiça verdadeira
O seu brado é tão alto
Ecoa na pedreira

1.2 Fase: Coisas da Infância: o menino era maluquinho

Meninos – Juraildes da Cruz

<https://www.lettras.com/juraildes-da-cruz/704229/>

Vou pro campo
No campo tem flores
As flores têm mel
E mais de noitinha
estrelas no céu
O céu da boca da onça é escuro
Não cometa, não cometa, não cometa furo
Pimenta malagueta não é pimentão

Vou pro campo, acampar no mato
No mato tem pato, gato e carrapato
Canto de cachoeira
Dentro d'água pedrinhas redondas
Quem não sabe nadar
não caia nessa onda
A cachoeira é funda e afunda

Não sou tanajura mas eu crio asas
e com os vagalumes eu quero voar
O céu estrelado hoje é minha casa
e fica mais bonita quando tem luar
Quero acordar com os passarinhos
Cantar uma canção com o sabiá

Dizem que verrugas são estrelas
que a gente aponta
Que a gente conta antes de dormir
Eu tenho contado
mas não tem nascido
Isto é história de nariz comprido
Deixe de mentir

Os sete anões pequeninos
Sete corações de meninos
A alma leve
São folhas e flores ao vento
O sorriso e o sentimento
Da Branca de Neve

Não sou tanajura mas eu crio asas
e com os vagalumes eu quero voar
O céu estrelado hoje é minha casa
e fica mais bonita quando tem luar
Quero acordar com os passarinhos
Cantar uma canção com o sabiá
Quero acordar com os passarinhos
Cantar uma canção com o sabiá

Cheguei ao mundo pesando mais de quatro quilos, era muito grande e gordo. Durante algum tempo achavam que eu tinha alguma deficiência, pois não conseguia segurar o peso da minha cabeça, era todo molengoíde (termo usado pela minha tia Ida). Os médicos acalmaram os ânimos e falaram que eu era uma criança normal, apenas fora dos padrões normais.

O primeiro registro da minha infância é que não tive um berço; no Pará, na minha época, entre os pobres, os bebês dormiam em rede e para ficar mais confortável, abaixo de cada punho era colocado um pau, para manter a rede aberta e arejada. Para preservar as pobres criaturinhas dos ataques dos Carapanãs (nome dado ao pernilongo no Pará) sobre a rede tinha um mosqueteiro. Outra coisa que minha mãe relata é que mamadeira pra mim não dava certo pois não saciava minha fome. Minha mãe, achando que eu era um menino normal, me dava uma mamadeira antes de dormir e eu chorava a noite toda. Meu pai, um dia, já no limite do aborrecimento, foi alertado pelos bons espíritos que eu só podia estar com fome. Com seu jeitinho meigo de militar acordou

minha mãe e disse que iria fazer um mingau pra mim. Então ele preparou um mingau de araruta, minha mãe deu a mamadeira, ele deixou de lado e pegou uma garrafa de 1 litro de coca-cola, encheu de mingau, esfriou e me deu. Para surpresa de todos eu tomei tudo, e dormi como um anjo, mas no outro dia minha mãe teve que lavar a rede, devido um “probleminha técnico” da barriga da criança. Toda noite tomava minha garrafa de mingau e todos dormiam em paz.

Usei botas ortopédicas durante longos anos para corrigir um problema nos pés. Quando expressei minhas primeiras palavras me transformei num comediante precoce, por conta de um problema muito sério e comum a maioria das crianças: dislexia¹. Mandavam eu falar Tartaruga e eu dizia carcaruga; pulseira e eu falava buceira, pediam pra falar guardanapo e eu falava guardalapo. Todos davam risadas, não por maldade, mas por falta de conhecimento e informação. Havia outras palavras que pediam pra eu falar mas eu não conseguia e chorava, como por exemplo paralelepípedo.

Lembro dos meus brinquedos, a maioria construídos pelo meu pai, caminhão de madeira, fura-fura, carros de arreira feitos com latas de leite ninho (era um sucesso, e eu adorava), bolas de gude, papagaio, pipas, rabiolas... Brincávamos de roda, eu, minha irmã, primos e primas. Adorava uma bola, na época as famosas eram as dente de leite, mas esse meu talento nunca foi devidamente valorizado, uma pena, pois o Brasil perdeu um craque....rs. Outra lembrança boa, foi um velocípede de ferro (lembrava um jeep militar) que ganhei e com ele uma macacão do Nelson Fitipaldi, gostava muito daquela roupa, que combinava com minha bota ortopédica. Por falta de investimento e de visão de futuro ninguém acreditou que eu poderia ser um grande piloto da Fórmula 1. Tive um Falco (um boneco militar, barbudo com um corpo sarado, paraquedista); uma bola de couro de futebol de campo, quebra-cabeça, jogo de varetas...

¹ A dislexia é uma disfunção neurológica, que se manifesta ao nível da dificuldade de aprendizagem da leitura, em pessoas com inteligência normal ou acima da média.

Esta dificuldade crónica não está relacionada com a qualidade do ensino, o nível intelectual, as oportunidades socioculturais, ou as alterações sensoriais. Tem uma base neurológica, com alterações na estrutura e funcionamento neurológico, e pode apresentar uma influência genética.

Quem sofre de dislexia apresenta um esforço acrescido para distinguir letras, formar palavras e compreender o seu significado. Os alunos que têm estas dificuldades não são preguiçosos, pouco inteligentes imaturos, nem têm necessariamente problemas visuais ou de postura. Requerem um tratamento terapêutico intensivo e apoio no processo de ensino-aprendizagem, para que consigam ter sucesso. (Fonte: Associação Portuguesa de Dislexia. Disponível em: <http://www.dislex.co.pt/o-que-%C3%A9-a-dislexia.html>)



Tive vontade de ter tantos brinquedos, mas, dois que queria muito e nunca tive. Um autorama e uma bicicleta. Escrevi inúmeras cartas ao dito papai noel e o bom velhinho nunca atendeu meus pedidos; depois de um tempo descobri que papai noel era uma invenção, que ele não existia e quem comprava os presentes eram os nossos pais. Dai, compreendi que, se não tinha o autorama e a bicicleta, era porque meus pais não podiam me dar.

Além dos brinquedos tive um sonho de ter um cavalo de corrida; eu achava lindo aqueles animais e sempre quis aprender a montar. Uma tia minha, irmã da minha mãe, que morava em Goiânia caiu na besteira de dizer que iria me dar um. Criei uma grande expectativa, tive vários sonhos com meu cavalo de corrida. Todo ano quando ela chegava em Belém e eu a encontrava, antes de tomar a bênção, perguntava pelo meu cavalo e ela sempre me dava uma desculpa. Ele me enrolou durante muitos anos e ai fui percebendo que tinha caído no conto do vigário e que nunca iria ganhar cavalo de corrida nenhum, todo mundo da família sabia que aquilo era uma brincadeira, menos eu que levei a sério. Certo dia, eu já deveria ter uns 15 anos e quando cheguei em casa lá estava tia Elina, tomei a bênção e ela com um sorriso maroto me disse: “meu filho eu trouxe um presente pra você”; na hora pensei que ela tinha honrado o compromisso e trazido meu cavalo de corrida, mas ela abriu a bolsa e de dentro dela tirou um cavalo branco de plástico e disse: demorou mais chegou. Dei um sorriso amarelo, quem estava por perto morreu de rir, e a minha sombra a xingou bastante. Guardei o cavalo e depois até eu dei risada da situação.

Certo dia, um carpinteiro, seu Olávo, que fazia trabalhos para minha tia Ida, me deu de presente um carro de mão de madeira, daí comecei a visualizar novas oportunidades de empreendimentos e minha mãe ficava desesperada para que aquilo não virasse uma realidade. Pegava aquele carro de mão de madeira e sai gritando pela rua: Caranguejeiro, Caranguejeiro. Picololezeiro, Tapioqueiro, Faço frete....kkkk Uma mudança radical, sem investimento familiar, resolvi empreender. Lembro também que perturbei minha mãe para ser tocador da bateria da escola de samba....rs. Meu pai tinha um LP dos Originais do Samba e na capa aparecia o Mussun tocando um surdo e eu queria ser igual a ele. O tempo passou e meus empreendimentos também não lograram êxito, pra alívio da minha mãe.

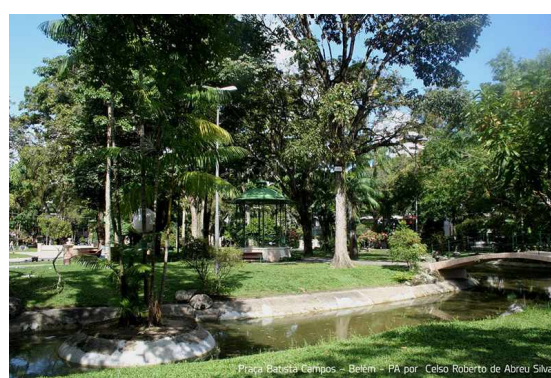
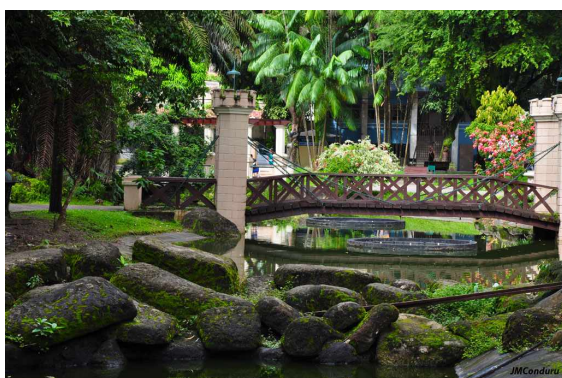
Como morávamos em um bairro carente, as opções de lazer eram muito restritas. Tinha o jogo de bola, no meio da rua, no meio da piçarra (terra vermelha com muito cascalhos), era proibido jogar calçado, tinha que jogar descalço. Eu joguei várias vezes, mas sempre terminava o jogo com alguns calos de sangue no pé. Tinha também as famosas Rua de Lazer, que era um grande evento que mobilizava um grande número de pessoas e contava com o apoio da Polícia Militar pra fechar a rua e garantir o mínimo de segurança. Na Rua de Lazer tinha várias atrações, jogo de futebol, nas condições já descritas; corrida de saco; jogo de quebra pote; corrida do ovo, bingo, campeonato de queimada; pau de sebo, que era um mastro grande todo ensebado que no topo havia uma boa quantidade de dinheiro, isso era uma atração a parte, pois muitos se aventuravam, mas era raridade alguém conseguir pegar a grana. Além disso tudo tinha os bingos, onde eram sorteadas cestas de alimentação, frango assado, caixas de cervejas, e outros artigos que eram conseguidos com as parcerias. Não posso deixar de mencionar que tudo terminava num grande baile, ao som do Carimbó e do Brega, músicas típicas do Pará, que na época eram boas, hoje acredito que só o carimbó sobreviveu, pois, o Brega entrou em decadência com artistas que nunca passariam pelos jurados Aracy de Almeida e Pedro de Lara, do programa de calouros do Sílvio Santos. Esses dois jurados eram um show a parte, eram muito engraçados, faziam caras e bocas e teciam uns comentários hilariantes.

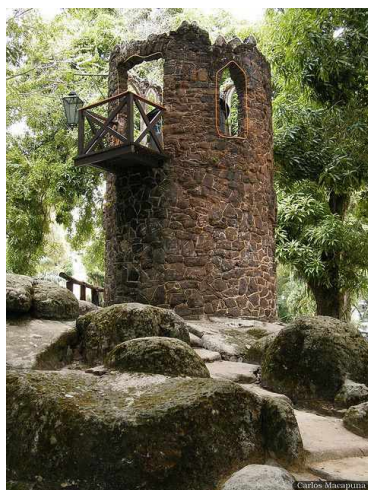
Outra diversão que meus pais nos proporcionavam era nos levar para passear nas praças. Geralmente eles nos levavam na Praça da República (cheia de coretos e onde fica o Teatro da Paz) ou na Praça Batista Campos; pra mim são até hoje as praças mais bonitas da cidade e da qual sempre que estou em Belém vou passear por lá e matar a

saudade de um tempo muito bom. Eu e a Cláudia corríamos e fazíamos um monte de travessuras sob os olhares atentos dos nossos pais. Nesses passeios éramos agraciados com pipocas, algodão doce e sorvete, era tudo de bom.



As imagens acima são da Praça da República e as fotos abaixo são da praça Batista Campos.





Nunca frequentamos clube social, pois nunca fomos associados a nenhum. Minha Tia Ida, que da família era a que tinha uma situação financeira melhor, era sócia de alguns clubes como o Paysandu e Pará Clube e colocou eu e minha irmã como seus dependentes, mas lembro de ter ido uma única vez no Pará Clube e me senti muito mal, sentia as pessoas me olhando como se eu fosse de um outro mundo. Mas, eu não era de outro mundo, mas de uma realidade diferente, era impressionante como as minhas características fenotípicas causavam certo desconforto naqueles burgueses e principalmente em mim, que sentia os olhares condenatórios e racistas.

Os piqueniques para as praias de Salinas ou Mosqueiro, organizados pela dona Dora e Dona Graça e por mais umas pessoas do bairro eram também outra diversão. Geralmente eram fretados dois ônibus de transporte urbano, não tinha esse papo de ônibus de turismo. Lembro que minha mãe e as outras mulheres passam a noite fazendo as comidas que iríamos levar e levávamos de tudo, pois o bom farofeiro não deixa faltar nada. De comida sempre tinha frango, arroz, feijão, muita farofa de carne, muito pastel

de carne e camarão (uma delícia era o que eu mais gostava). Os homens, pra variar não ajudavam em quase nada, mas se ocupavam em preparar as bebidas: muita batida de limão, maracujá, de murici, de cupuaçu; várias caixas de cerveja. A preocupação com o refrigerante ou o suco e até mesmo com a água era quase nula. A farra era boa, vez ou outra tinha uma confusão, mas tudo era contornado.

Outra coisa boa da minha infância/juventude eram as férias de final do ano proporcionadas pelo meu tio Astrogildo, casado como minha tia Ivanice irmã da minha mãe. Sempre eles me levavam para mosqueiro com eles nas férias, mas tinha uma condição: não podia tirar notas vermelhas, não podia ficar reprovado e tinha que obedecer. Eu sempre fui e ainda sou muito ligado com esse meu Tio, o qual considero com meu pai. Minha tia é uma mãezona também, muito generosa e sempre busca um jeito de ajudar todo mundo, além disso é uma mulher guerreira da qual tenho muito orgulho, pela sua determinação e comprometimento com o bem estar da sua família. As férias de julho, geralmente eu ia para o quartel com meu pai, e eu gostava de estar lá com ele, pois tinha uma grande área verde e podia brincar com os filhos dos amigos de meu pai, que também iam pra lá.

Lembro também, que uma vez por ano eu ia ao cinema e quem me proporcionava esse prazer era meu tio Idalécio, irmão da minha mãe, carinhosamente chamado por Del. Ele sempre me levava para assistir o filme novo dos Trapalhões (Didi, Dedé, Mussun e Zacarias), todo ano tinha filme novo. Foi com esse meu tio que aprendi a gostar de músicas boas, de qualidade. Sou muito ligado ao tio Idalécio e tenho grande admiração por sua inteligência e história de vida, baseada em muito esforço, superação e sucesso.

1.3 fase: Adolescência/juventude

Cheguei nessa etapa da minha jornada na metade dos anos de 1980; foi uma fase de descobertas, os hormônios estavam à flor da pele e como todo adolescente eu fui um pouco rebelde, pois com um pai militar e linha dura não teve jeito de ser mais. Frequentei algumas casas noturnas paraense: Círculo Militar, era uma boate localizada no Forte do Castelo, um lugar fantástico; Gemini a melhor boate que já existiu em Belém (“A inacreditável boate onde se entrava com o carro. Um shopping center dançante, com várias boates dentro de uma só. O Gemini Drive In foi a referência de

que o show em Belém, não podia parar. Para se ter uma noção do que estou falando, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=39sih6oCNDs>); A Boutique, outra boate super top, já nos anos de 1990. Eu gostava muito desses lugares, não era um dançarino, mas fazia umas performances depois de tomar algumas bebidas.

Usei cabelos longos, pois era moda na época; meu pai e minha mãe não gostavam nenhum pouco, mas a Cláudia, minha irmã, achava legal. Cortava o cabelo no Manuelitos, porque era bom e principalmente barato; a pessoa que cortava meu cabelo dizia que o corte se chamava A La Menudo (hoje dou muita risada dessas lembranças, ainda mais porque não suportava os Menudos).

Os anos 80/90 foram anos muito significativos para todos meus contemporâneos. Tínhamos bandas de Rock Nacional fantásticas: Titãs (com o clássico LP Cabeça Dinossauro), Paralamas do Sucesso, Biquini Cavadão, Camisa de Vênus, Legião Urbana, Ultraje à Rigor, Engenheiros do Hawaii, Capital Inicial, Barão Vermelho e tantas outras; foram tempos mágicos, músicas de qualidade. Os poetas Cazuza e Renato Russo marcaram e encantaram toda uma geração e até hoje suas músicas são atuais.

Através do meu tio Idalécio me aproximei e constitui uma amizade valorosa com o Luiz Fernando e o Gilberto. Eles eram torcedores do Clube do Remo e eu também, e aí íamos para o estádio juntos, saímos juntos, bebíamos e ouvíamos muita música boa, pois o Luiz era DJ e tinha uma quantidade gigantesca de discos de Vinil LPs de todos os ritmos nacionais e internacionais. Entre tantos cantores nós nos identificávamos muito com Belchior, quando tocava as músicas do gênio cearense, bebíamos em dobro, brindávamos e sempre seguia a frase: “essa é copo” que significava encher os copos e virar tudo de um único gole. Na convivência com esses amigos coleciono uma série de histórias.

Outro amigo que me acompanhou nessa jornada foi o Jardel. Fomos criados praticamente juntos e ele considerava meu pai como pai dele. Ele vivia na minha casa, saímos muito juntos e também bebíamos muito. Sempre bebíamos em casa, pegávamos as bebidas que meu pai comprava, ligávamos o som e escutávamos músicas do Elvis, Paulo Diniz, Martinho, Vinícius, Toquinho, João Gilberto, Bethânia, Raul, Rock...

Vivendo essas experiências e colecionando aprendizados, “assim sem perceber “eu era adulto já/ e vida boa, tanto tempo faz”.

2. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

2.1 A Educação Básica

A primeira instituição escolar que tive acesso foi o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que ficava no bairro da Pedreira, ainda hoje situado à Travessa Humaitá, esquina com a Pedro Miranda. Pelo nome fica evidente que era uma instituição com orientação católica, era uma instituição privada com preço que cabia no orçamento dos meus pais. Esse colégio era bem legal, tinha uma ampla área verde e até uma nascente, mas não nos deixavam chegar próximo; seguindo a lógica católica criaram o mito da areia movediça que todos morriam de medo e assim a segurança estava garantida. Na verdade esse colégio era uma espaço dito educativo, que os pais colocavam seus filhos, não com a intenção deles aprenderem, mas sim com o objetivo de poderem trabalhar sossegados. Lá aprendi manipular os lápis de cor e tive o contato com as vogais. Lembro que nesse colégio tinha umas atividades interessantes tais como jardinagem e marcenaria, e eu adorava, não queria fazer outra coisa. Decorrido um ano, minha mãe chegou à conclusão que foi um ano sem aprendizado significativo e tirou eu e a Cláudia desse Colégio. Saímos do Colégio, mas o compromisso de ir todos os domingos às 6:30 da manhã à missa ficou mantido por muito tempo. Essa atividade pra mim era uma obrigação e a parte que mais gostava era quando o padre dizia: Podem ir em Paz e que o Senhor vos acompanhem.



Saindo do Sagrado, minha mãe nos matriculou numa escolinha chamada 15 de Agosto. Essa foi mais uma escola em que não aprendi praticamente nada, era só brincadeira e nós (Eu e a Cláudia) chegávamos todos os dias em casa encardidos e meu

pai nos dava banho; pensa num banho estiloso, não tinha essas coisas de shampoo e buchinhas de banho de esponja, o sabonete era o phebo, mas antes tinha o sabão de coco para tirar o grosso, papai nos esfregava com uma escovinha de lavar roupas doía pra caramba, ficávamos vermelhos, mas bem limpinhos. Depois do banho nos passava talco, e água de colônia e nos deixava assistir alguns desenhos (Liga da Justiça, Mulher Maravilha, Batman e Robin, Clube do Mickey e depois nos deixou assistir a novela Escrava Isaura. No 15 de Agosto além de não aprender nada levei pra lá minhas duas tartarugas, pois lá tinha um lago e minha mãe me convenceu que lá elas ficariam mais felizes. No Dia do Índio, fui iniciado nas artes cênicas, umas professoras criaram uma performance sem sentido e eu tive que fazer uma dança vestido de índio, fiquei chateado, lembro que minha mãe fez uma saia de juta e meu pai cortou um coco ao meio, tirou a castanha, lixou, envernizou e eu dançava e tocava aquele coco. Pensa numa criança contrariada. Fiquei só um ano nessa escola, pois minha mãe não percebeu nenhum progresso educativo. Quando sai queria pegar de volta minhas tartarugas e isso deu dor de cabeça pra minha mãe, mas no final acabaram ficando por lá mesmo.

Depois do Colégio 15 de Agosto, fui para um colégio particular de orientação católica, localizada no Centro da cidade, na Av. Nazaré, chamado Santa Catarina de Sena, que era uma ordem religiosa italiana. Era um colégio de Freiras. Belém tinha vários colégios de orientação religiosa entre eles destacavam-se ao lado do Santa Catarina, o Colégio Gentil Bittencourt; o Colégio Nazaré/Marista; o Colégio Moderno; o Colégio Santo Antônio, o Colégio Santa Rosa e o Colégio Salesiano. Esses colégios foram instalados em Belém para formar os filhos das elites brancas do Pará. Eles recebiam apoio governamental com isenção de impostos pois, atuavam com o pretexto de serem entidades filantrópicas e sem fins lucrativos. Para reforçar essa ideia, o Santa Catarina, tinha por tradição sortear algumas bolsas de estudos para aqueles que se enquadrassem num perfil sócio-econômico baixo. Minha mãe ficou sabendo disso e inscreveu eu e minha irmã, tivemos a sorte de ser contemplados. A condição da bolsa era que o aluno não poderia repetir de ano, quem repetisse perdia a bolsa, ou teria um desconto nas mensalidades caso desejassem manter os filhos na escola.

O Santa Catarina de Sena, como todos os colégios da época, seguia à risca a ideologia das décadas de 1970/80. Era uma escola tradicional. Os professores só chamavam o nome dos alunos na primeira aula e os informavam seus números, no decorrer do ano erámos transformados em um simples número. Todas as segundas-

feiras todos os alunos eram reunidos no grande pátio e as turmas organizadas em fila indiana para o hasteamento da Bandeira Nacional e todos cantavam o hino. Depois desse ritual todos eram levados a sua sala sob o comando dos professores, que parecia um boiadeiro tocando uma boiada, triste comparação, mas era assim que percebia e ao recordar isso fica mais forte essa percepção. Nessa época estávamos em pleno regime militar, a educação não tinha nenhuma preocupação em formar pessoas críticas e criativas, mas sim conformá-las e submetê-las aos processos de submissão em curso. Paulo Freire, na sua obra prima, *A Pedagogia do Oprimido*, descreveu e denunciou com brilhantismo a educação dessa época repressora.



Santa Catarina 1970/80 – sec. XX



Anos 2000 - sec. XXI

Entrei no Colégio Santa Catarina numa turma de alfabetização. Estava num nível bem abaixo dos meus colegas de sala. Passei um semestre inteiro dando muito trabalho para minha mãe e para a “tia” Nazaré. Não sabia ler nada, não escrevia nada, não conhecia as consoantes, o caso era desesperador. Nas férias tive umas aulas intensivas com meu pai dentro dos padrões militares, aprendi todas as consoantes num dia; levei muito bolo e puxão de orelhas, mas o método coercitivo militar surtiu efeito e com toda certeza fui auxiliado e amparado pelos bons espíritos. Quando voltei das férias a tia Nazaré ficou surpresa, e disse pra minha mãe: “esse não é o Antônio!”. Voltei turbinado, lendo, escrevendo e terminei o ano como um dos melhores alunos e fui aprovado para a primeira série.

Na primeira e na segunda série foi super tranquilo. Eu não tinha amizades, era um bicho do mato. Era uma escola de brancos e eu me sentia deslocado naquele lugar. Sempre convivi com os apelidos: índio, Juruna, Aritâna... A maioria dos meus colegas iam para a escola de carro com seus pais, enquanto eu e minha irmã íamos de ônibus.

Minha mãe a princípio ia nos deixar, mas um dia deu uma leve surtada e disse que daquele dia em diante nos iríamos sozinhos, que ela iria conosco para nos ensinar direitinho aonde descer para ir para o colégio (o ponto era em frente ao Mandarin, uma loja de uns árabes que era um sonho, pois lá se encontrava tudo aquilo que você procurava, era um mini shopping, outra referência era o Cine Opera, um cinema que a maioria dos filmes exibidos eram pornográficos) e foi nos buscar para nos ensinar aonde pegar o ônibus para voltar pra casa. Pronto! Desse dia em diante eu e minha irmã íamos e voltávamos sozinhos de ônibus para o colégio, uma independência necessária para nós, filhos de uma classe social não privilegiada.

Minha mãe sempre teve a preocupação em levarmos um lanche para o colégio, pois não tinha dinheiro para nos dar para comprar as coisas que eram vendidas na cantina da escola, pois eram caras demais. Então o cardápio preparado pela minha mãe e às vezes com auxílio da minha avó Ivete eram bem variados e saudáveis, mas eu sentia um certo desconforto de abrir meu lanche em público. Alguns cardápios: tangerina, pão com ovo, pão com goiabada, maçã era uma fruta cara e geralmente só se comia quando se estava doente....rs, mas banana sempre aparecia no cardápio. As bananas eram colocadas dentro de uma sacola plástica, enrolada em lenços de papel, abafadas dentro da mochila, ficavam pretas, amassadas e quando estourava o saco plástico faziam um estrago, sujava todos os livros e cadernos.

Uma outra coisa que marcava nossas origens sociais eram as roupas e sapatos que nós usávamos. A camisa do Colégio era igual pra todo mundo, mas a calça azul e o tênis azul não tinham um padrão definido. Comecei usando umas calças de tergal e o famoso conga. Muitos dos meus colegas já usam umas calças jeans e não era aquelas USTOP, duras e grosseiras feita especialmente pra os trabalhadores das fábricas, era um jeans mais delicado, além disso usavam uns sapatos importados que os pais traziam da Zona Franca de Manaus. Com relação aos meus sapatos congas, eu tinha duas alegrias, quando meus pais compravam pois era azul marinho e um solado com bico extremamente branco, e quando me desfazia deles, pois eles desbotavam com as primeiras lavagens e o solado e o bico iam amarelando; além disso o bico começava a dobrar pra cima e você se sentia o verdadeiro Aladim. Eu odiava o conga, mas seu sucessor não era melhor, mas mais discreto, era o alcollor. Não tinha aquele bico horrível do conga, mas desbotava e ambos duravam apenas um semestre. Depois as freiras permitiram usar kichute, que era um sapato preto que com as lavagens fica cinza,

mas aguentava um ano inteiro sem problemas. O Kichute tinha um fio gigante, e eu me sentia um espartano com ele, pois como minha perna era fina, dava várias voltas para finalmente finalizar o amarrilho.



Esse era o Conga.



Esse era o allcolor



Esse era o guerreiro kichute.

Esses três sapatos eram os mais usados pelos que tinham poucos recursos, os demais, filhos da elite paraense usavam uns tênis mais bonitos.



É, importante ressaltar que para continuar no Colégio não podia ficar reprovado. Meus pais eram extremamente rigorosos com isso e visando assegurar a bolsa e a disciplina nos estudos nos colocou para estudar com uma professora particular todos os dias de segunda a sexta das 13:30 às 17:30. A professora se chamava Iramaia e era considerada boa porque usa como método pedagógico uma educação tradicional baseada na palmatória e nos castigos, como por exemplo, ficar de joelhos com a cara para a parede em cima de sementes de milho. Toda sexta-feira tinha a famosa tabuada, e a palmatória era o incentivo para a rodada de estudos. Éramos seis alunos, sentávamos na mesa e ela ia fazendo as perguntas: “ $3 \times 6 + 2$ ” tínhamos um pequeno tempo pra

responder, se não respondesse passa à pergunta ao seguinte e, se esse acertasse, tinha que dar um bolo no outro, e não podia ser devagar, pois se desse devagar e a pessoa não fizesse aquela cara de dor, a professora nos ensinava como usar a palmatória. Lembro que dei um bolo fraco na minha irmã e a professora Iramaia me deu um bolo com a palmatória que minha mão passou o fim de semana inteiro doendo, daí em diante aprendi a usar. Ficamos com a professora Iramaia até a 4ª série.



Esse era o instrumento antipedagógico mais utilizado durante minha trajetória nas primeiras séries. Vivemos sob os tensionamentos da pedagogia do medo. Esses métodos roubavam nossa humanidade.

Na terceira série comecei a me soltar um pouco por intermédio da amizade com meu amigo/irmão Rogério Pinheiro Mota. Ele havia repetido de ano e era considerado um garoto problemático pois era filho de pais separados. A professora orientou a minha mãe a me aconselhar a não andar como o Rogério. Ser filhos de pais separados naquela época era muito complicado em virtude do grande preconceito que existia, ainda mais num colégio religioso onde o casamento é uma instituição sagrada que deve ser mantida a qualquer custo. Em função da amizade com Rogério e por intermédio do futebol, meu grupo de colegas se ampliou: Dilermando, Edimilson, Marcos Alby, Mauro e Maurício (cujo apelido, por sua cor era macaquinho). Nós formávamos um time bom e competitivo, eu jogava mais como zagueiro, o Dilermando jogava no gol, Rogério ala direita, Maurício ala esquerda, Marcos Alby jogava de central, e Edmilson de frente. Na terceira série comecei a reagir às piadas dos meus colegas e passei a não tolerar mais certas brincadeira que considerava desrespeitosa, tudo isso devo às influências do Rogério.

Na quarta série entrou para nossa sala o Hernani Guilherme Anjos da Silva, meu amigo e irmão. Já nos conhecíamos dos jogos de futsal, e ele era bom de bola. Repetiu de ano e veio para nossa turma. Ai pronto, nosso time ficou bem forte, quase imbatível. Para além da bola, nosso compartimento em sala de aula, ficou um pouco alterado e

passamos a ser encarados como alunos indisciplinados. Nos sentávamos no fundo da classe e de lá observávamos tudo e todos, e depois fazíamos as gozações; geralmente o Rogério é quem dava as ideias e todos executavam, mas quase sempre só sobrava pra ele, pois ele já era marcado pela nossa professora.

Podíamos fazer bagunças, mas sempre tirávamos notas boas, pois chegava em casa eu estudava a tarde inteira e nos dias de provas meu pai acordava as quatro da manhã para tomar a lição; eu tinha uma capacidade de memorização fantástica, decorava várias páginas palavra por palavra conforme o professor havia ditado ou escrito no quadro negro. Em geral na terceira avaliação eu já estava aprovado em tudo e a quarta avaliação era mais pra consolidar a aprovação. Todos os alunos da quarta série B foram aprovados naquele ano, o Rogério ficou de recuperação, mas acabou passando também. Meu pai acompanhava rigorosamente nossos boletins e uma nota vermelha significava um castigo ou mesmo uma surra. Meu pai batia mesmo, ainda mais quando voltava aborrecido do quartel, e minha mãe nos colocava de joelhos pra rezar, para espantar os maus espíritos, pois segundo ela nós estávamos atacados. E olha que talvez ela tivesse razão mesmo.

Um fato marcante que não posso deixar de mencionar aqui é que durante a 4ª série, quase todos os alunos faziam a primeira comunhão, afinal de contas estávamos num colégio de orientação católica. Toda semana todas as turmas iam num dia específico à missa, e também nós confessávamos. Até durante a missa nós aprontávamos umas gracinhas que deixavam as professoras e as irmãs chateadas. Lembro que uma vez, chegamos na capela do colégio e pra variar ficamos nos últimos bancos, daí o Rogério teve a ideia de brincarmos de nos confessar. Então cada um tinha que entrar no confessionário e fazer o papel do padre, enquanto o outro ficava ajoelhado fazendo que estava confessando. Todos foram, mas quando chegou a vez do Mauro, a irmã Rosa (a irmã mais malvada do colégio, tinha uma cara de má e era meio gorda) viu o que se passava e veio em passos largos em nossa direção e não deu tempo dele sair. Então a irmã Rosa pegou o Mauro pelas orelhas e o colocou ajoelhado no altar a missa inteira. A orelha do Mauro ficou vermelha o dia inteiro e ele ficou revoltado com a gente, mas depois nos perdoou.

Da 5ª a 8ª série além dos colegas já citados tivemos mais 4 amigos que compuseram nosso grupo (Alex, Maurício Ribeiro, Frederico e Juliano) e que quase deixou as irmãs elouquecidas e muitos professores não nos suportavam, vou citar

apenas alguns: Camargo, o professor de Português; Ana Lúcia, a professora de OSPB e EMC, uma mulher embrutecida, todos tinham medo dela, logo as aulas eram super sossegadas; Pinto, professor de Matemática da 5ª e da 6ª, ele era magro e um pouco gago e em virtude disso, as aulas eram bem agitadas; Professor Otávio, de matemática da 7ª a 8ª série, esse era um homem grande, forte, barbudo e ninguém fazia bagunça, o silêncio era total. Uma vez o Rogério ensaiou uma gracinha, mas o Otávio cortou o mal pela raiz, e disse assim: “Olha eu não estou aqui pra brincadeira e não vou admitir gracinhas suas seu Patetá Maluco e nem da sua turma”. Todo mundo ficou sério, mas nossas sombras estavam morrendo de rir. Depois da aula a gozação foi geral, e por alguns dias só chamávamos o Rogério de Patetá Maluco. Vou relatar duas grandes “obras” que fizemos no Santa Catarina:

- a primeira foi uma bomba de São João, daquelas grandes, que soltamos na hora do recreio. Todos do grupo participaram da ação. O Maurício comprou a bomba, Alex, Frederico, Mauro ficaram na porta da sala reparando se não vinha ninguém. Hernani colocou a cadeira para jogar a bomba pela janela, eu acendi a bomba e o Rogério jogou a bomba pela janela, mas para nosso azar uma menina viu o ato do Rogério, na hora não disse nada. Nós pensávamos que a bomba não ia explodir porque demorou um tempo, mas quando explodiu parecia que o Colégio ia desabar, o eco foi muito forte e como os alunos estavam subindo as escadas porque já tinha acabado o recreio, o pânico foi geral e aí nós podemos ter a dimensão da besteira que fizemos, pois não esperávamos que os resultados fossem aquele. Pelo tamanho da obra as freiras já imaginavam quem poderia ter feito aquilo, e a menina que viu o Rogério jogando a bomba o denunciou para a irmã. Rogério foi encaminhado ao Serviço de Orientação Educacional, já era conhecido pois sempre ia lá; ele foi pressionado para revelar quem mais estava envolvido naquele ato e ele não delatou ninguém e pegou uma suspensão de uma semana. Esse episódio foi na 5ª série.

- a segunda situação que deixamos as irmãs e a bedel (Dona Nair) enlouquecidas, se passou na 7ª. Tínhamos uma professora de inglês extremamente chata, ela não tinha simpatia de ninguém da nossa turma. Ela passou o ano inteiro nos ensinando o ver To Be, as cores e umas músicas bem sem graça. Durante essas aulas ninguém prestava lá muita atenção e ela sempre pregava longos sermões na turma e vivia dizendo que quem não estivesse gostando da aula era para sair. Cansados dessa professora fizemos uma reunião, e, a altura do campeonato, a turma era bem unida, algumas meninas se

juntaram ao nosso grupo e deliberamos que a próxima vez que ela falasse que quem não estivesse satisfeito com a aula podia descer, a turma inteira iria descer. Na semana seguinte ela disse a palavra mágica, e a turma toda saiu da sala e desceu para o pátio. Dona Nair ficou louca gritando para voltarmos, mas nos dispersamos e não voltamos e depois as irmãs vieram conversar e a situação foi exposta e a professora foi substituída.

Essas foram as duas situações que mais marcaram a minha trajetória no Santa Catarina, em termos de rebeldia, de desrespeito às regras impostas e a severidade com a qual éramos tratados. Na 7ª série o Rogério foi expulso, acho que não só por ser considerado indisciplinado, um garoto problema, mas porque ele começou a fumar uns baseados, nós sabíamos, mas ele nunca nos ofereceu. Eu, Hernani e o Maurício Ribeiro, não fomos expulsos, mas fomos convidados a mudar de colégio após concluirmos a 8ª série. A justificativa dada aos nossos pais e que nós éramos muito indisciplinados e para não nos expulsarem, estavam pedindo que procurássemos uma outra instituição educativa. Essa foi a razão dada, mas sinceramente não vejo por esse lado, pois algumas coisas deveriam ser levadas em consideração: Eu e Hernani éramos jovens fora do padrão burguês daquele colégio; eu com descendência indígena e o Hernani com descendência afro-brasileira, o Maurício era pardo e todos nós morávamos em bairros periféricos, conhecidos pelos roubos e pelo tráfico e consumo de drogas: Pedreira, Telégrafo e Municipalidade. As irmãs não desconheciam esses aspectos e para elas o que fizeram por nós até o momento já estava de bom tamanho. Além do mais, cabe ressaltar que no ensino médio não havia concessão de bolsas. É preciso reconhecer que as classes menos favorecidas as condições de acesso à educação foram e ainda são limitadas. Na lógica tecnicista da época os alunos das classes desfavorecidas deveriam buscar uma educação com vistas ao ingresso no mercado de trabalho e não em uma universidade. Os demais colegas, Alex, Rogério, Frederico eram todos brancos e moravam no centro da cidade em bairros nobres, saíram do colégio e foram para aqueles que os preparariam melhor para o ingresso na universidade pública.

Eu e o Hernani fomos para o Centro de Estudos Técnicos do Estado do Pará – CETEP, ensino médio, articulado com o ensino técnico. Pensávamos em fazer uma universidade, mas também precisávamos aprender fazer alguma coisa para ingressarmos no mercado de trabalho. Eu fiz o ensino médio articulado com o curso de auxiliar de empresas e o Hernani fez o curso de técnico em informática.

A diferença entre o CETEP e o Colégio Santa Catarina de Sena eram gritantes. No primeiro, a clientela era predominantemente de classe média; lá os professores tinham uma relação mais amistosa com os alunos, um ou outro, era mais conservador/reacionário, além disso esses professores também eram da classe média e não tinham a ostentação observada nos professores do Santa Catarina.

No CETEP os professores tinham uma grande proximidade com o sindicato e com o Partido dos Trabalhadores. Foi com os nossos professores de história que pude fazer uma releitura do que havia aprendido no Santa Catarina; esses professores nos trouxeram as narrativas dos vencidos. Com nosso professor de Filosofia, o Angelo, tivemos a oportunidade de aprender a pensar sozinhos e ver o mundo a partir de uma leitura mais crítica, foi ele quem nos apresentou as ideias marxistas e freireana.

Foi através das aulas de filosofia, com o professor Angelo, que nós começamos a formar nossa consciência crítica e de classe, passamos a compreender as contradições sociais e nos organizar politicamente no Grêmio Estudantil. Lembro que na primeira vez que o ex-presidente Lula concorreu as eleições, ele foi fazer um comício em Belém, na Praça do Relógio que fica próximo ao Ver-o-Peso, e nós do Grêmio Estudantil nos organizamos e fomos. Era bonito ver o povo paraense de baixo da chuva tradicional, ouvindo o discurso e cantarolando lulalá e uma frase em provocação ao candidato Ronaldo Caiado, representante das elites agrárias, que dizia o seguinte: “Arrame farpado, na bunda do Caiado....”, a lembrança dessa frase está associada a ação truculenta da Polícia Militar, que ao ver a empolgação das massas tratou de dispersar o povo e foi nesse dia que levei a primeira paulada com um cacete de borracha; doeu pra caramba, é uma dor queimante, só quem já pegou uma cacetada sabe o que é. Saí correndo por longos quarteirões eu e meus colegas e por sorte conseguimos fugir da fúria da Polícia Militar, mas o hematoma causado pela ação violenta do policial ficou cravado em minhas costas por uns bons dias.

2.2. O Ensino Superior

2.2.1 SÍNTESE DA FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

PERÍODO	CURSO – INSTITUIÇÃO
1991-1993	Graduação em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar Universidade Estadual do Pará – UEPA
1994 - 1996	Graduação em Pedagogia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.
1997	Habilitação em Administração Escolar. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil
1997-1999	Mestrado em Educação Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título Dissertação: A educação de jovens e adultos sem terra: a experiência do curso de magistério Orientador: Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi. Bolsista da: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, Brasil
2000-2004	Doutorado em Educação Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Título: Os impactos do PRONERA no assentamento Fazenda Reunidas: as relações entre universidade, movimentos sociais e governo Orientador: Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi. Bolsista da: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, Brasil
2019-2020	Pós-Doutorado em Educação Universidade do Porto, Cidade do Porto, Portugal Processo 23117.040851/2019-00

2.2.2 - GRADUAÇÃO

Terminando o ensino médio, eu e Hernani, como já estava escrito nas estrelas, não passamos no vestibular. Fizemos cursinho, à noite, e com muita dedicação conseguimos passar no exame vestibular. Eu tentei Direito na universidade federal, mas não passei e fui aprovado no Curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, na Universidade Estadual do Pará – UEPA, em 1991; meus pais sempre me diziam: *estuda pra passar no vestibular numa universidade pública, porque não teremos condições de pagar uma faculdade particular*. Hernani passou para o curso de

Direito na Universidade da Amazônia, uma universidade particular, e ele e sua família lutaram bravamente para que ele se formasse.

Ao começar o curso na UEPA tive uma grande surpresa, a maioria dos meus colegas também tinham tentado Direito na Universidade Federal e não tinham sido aprovados. Meus companheiros por afinidades foram o Gláuco (fez o curso, mas hoje é coronel da Polícia, já aposentado. Que inveja...rs), o Joel, do interior de Belém chamado Cameté e o Humberto, de um interior chamado Peixe-Boi. Confesso que no começo eu não gostei do curso, achava aquilo tudo uma chatice, pois queria mesmo era fazer Direito. Além disso, o curso era à noite, e a essa altura do campeonato eu já estava trabalhando.

Eu e o Gláuco tínhamos mais afinidades e influenciados pela ideia de ganhar dinheiro sem precisar de grandes esforços, juntamos uma grana e resolvemos fazer um investimento num empreendimento chamado AMWAY, fomos numas reuniões e achamos que poderia dar certo e nos tornarmos “diamantes”, termo usado para as pessoas que recebiam um cheque bem interessante todo mês. Amway era uma empresa americana com uns produtos bons, mas muito caros e inacessível à maioria das pessoas do nosso círculo de amizades. Tentamos vender os produtos, mas a missão foi muito difícil, nós chegamos a comprar uma quantidade de produtos e tivemos que vender bem abaixo do preço para não ficar no prejuízo total. O sonho de nos tornarmos “diamante” foi por água abaixo e ficamos sendo bijuteria mesmo.

Depois do investimento fracassado com a Amway, consegui por intermédio da minha tia Ida, um estágio no Centro de Educação à Distância do SENAC, como digitador, fiquei lá por 6 meses. Minha tia era diretora de formação profissional e eu fiz um monte de curso preparatório ao mercado de trabalho: Datilografia manual, elétrica e eletrônica. Curso de computação os primeiros LOTUS 123 e outros que nem me lembro mais, foi ela quem conseguiu o estágio pra mim.

Após ter concluído o estágio no SENAC, fui trabalhar numa fábrica de produtos de segurança do trabalho. A especialidade da fábrica era a produção de botas com e sem biqueira de aço e luvas de raspa. Tinham outros produtos, mas esses eram os carros-chefe da empresa. Esses produtos vendiam bastante para as madeiras e para as empresas da construção civil. Não tínhamos salário fixo e nem carteira assinada, ganhávamos comissão de 10% sobre as vendas, mas como vendíamos muito, ganhávamos relativamente bem. Sai da empresa porque começaram a atrasar o

pagamento e também por não ter nenhuma segurança. Recebi o que me deviam, pedi pra sair e agradei a oportunidade.

Meu último emprego em Belém foi na C&A. Belém, no início dos anos de 1990 estava se organizando para receber o primeiro shopping center do Estado, e muitas oportunidades de emprego se abriram. Fui contratado na C&A para trabalhar no Centro de Processamento de Dados, em junho de 1993, mas até a construtora entregar o prédio aos lojistas, eu e mais um monte de funcionários começamos a fazer as propostas para as pessoas adquirirem o cartão da loja. Assim que entregaram os espaços aos lojistas, todos foram convocados para a missão de montar a loja, era um serviço braçal e extremamente cansativo. Lembro que duas vezes por semana chegavam carretas carregadas de produtos para montarmos a loja, e por fim chegaram as roupas, foram várias carretas dia sim, dia não.

Duas semanas antes da inauguração da loja, tivemos um curso intensivo para trabalharmos no CPD, nós tínhamos a missão de controlar a vida financeira da loja, nós colocávamos todos os caixas em funcionamento, fazíamos as alterações de preços de produtos era uma loucura. Além de fazer isso, no tempo livre tínhamos que cadastrar todas as propostas dos cartões. Passamos algumas madrugadas fazendo isso, trabalhando das 00:00 hs às 07:00 hs da manhã. Tudo estava indo bem na C&A, estava trabalhando no período da manhã, das 08:00 às 17:00 hs e dava tempo de ir pra casa tomar banho, jantar e ir pra faculdade. Um belo dia, numa época de fim de ano, o gerente (seu Fábio) me chamou e disse que eu teria que trabalhar no turno da tarde e teria que fazer o fechamento da loja. Eu argumentei que não dava porque estava fazendo faculdade e meu curso só tinha no período noturno. Então, ele virou pra mim e disse a seco: “você tem que decidir, ou trabalha ou estuda, porque precisamos de você aqui no período da tarde. Pensa e me dá uma resposta até na segunda-feira”. Isso foi numa quinta-feira, fiquei chateado com aquela conversa e com o tom arrogante daquele cidadão. Chegando em casa, meu pai olhou pra mim e disse: “que bicho te mordeu pra ti estar com essa cara?”. Ai falei pra ele toda a história e ele me disse: “nem pensa em parar de estudar, emprego você arruma outro”. Estava decidido a sair e na sexta-feira fiquei sabendo que o motivo da mudança, era em função de um pedido de uma funcionária protegida dele. Diante disso, minha decisão seria pedir pra sair na segunda-feira.

À noite quando fui pra faculdade meus colegas me convidaram para ir passar o fim de semana em Mosqueiro (uma praia de rio com ondas, a 65 km de Belém) e eu não pensei duas vezes e aceitei o convite. Como tinha sido escalado para trabalhar na madrugada na digitação das propostas de cartões, trabalhei de 00:00 hs às 07:00 hs e deveria trabalhar no período das 18:00 às 22:00 para fazer o fechamento. Não apareci na loja no sábado a tarde e nem no domingo, só fui aparecer na segunda-feira. O gerente me chamou na sua sala, estava com muita raiva, e disse: “você está despedido, passa no RH para acertar suas contas e não precisa cumprir o aviso prévio”. Como estava disposto a sair, achei muito bom.

Outra coisa interessante a ser ressaltada de quando entrei na faculdade em Belém, foi o meu envolvimento como o movimento estudantil. Participei de uma Gestão do Centro Acadêmico e comecei a entrar em contato com a realidade política sob uma perspectiva mais crítica, de cunho marxista. Fiz parte das comissões que organizavam em Belém a participação dos Estudantes de Pedagogia nos Encontros Nacionais, os ENEP. A participação nesses encontros era muito interessante, sempre tinha manifestação e sempre tínhamos a oportunidade de ouvir palestras excelentes que nos motivavam a lutar por um processo educativo mais humano, crítico e criativo.

Em julho de 1993, fui ao ENEPE em Brasília e lá conheci uma moça chamada Elisangela Natália Sapia, participamos de algumas reuniões juntos e de algumas palestras e nas noites culturais, fomos estreitando nossas afinidades e durante os dias do ENEPE vivemos uma paixão. Ela era da UNESP, do campus de Presidente Prudente. Conheci o coordenador do Curso de Pedagogia à época, o prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes e trocamos contatos. O prof. Alberto era uma pessoa sensacional, um marxista convicto, de posicionamentos fortes, mas muito amoroso. Terminado o Encontro eu e a Elisangela continuamos a manter contatos, por cartas (naquela época ainda se tinha essa prática) e por telefone, para desespero da minha mãe toda vez que as contas de telefone chegavam e olha que sempre nos falávamos depois da meia noite que era mais barato. Assim que sai da C&A, eu conversei com a Elisangela e falei que estava pensando em tentar uma transferência para a UNESP. Ela ficou empolgada e foi conversar com o Alberto, o coordenador do Curso de Pedagogia, que disse a ela que era possível, teria que analisar a grade curricular do meu curso no Pará para ver o que se poderia fazer. Mandeí a grade curricular, pelos Correios, ele analisou e disse que seria possível uma transferência, mas eu teria que fazer um processo seletivo interno para a

transferência. Conversei com Elisângela e disse a ela que iria fazer o teste interno para transferência e se fosse aprovado, eu iria morar em Presidente Prudente. Assim poderíamos ficar mais próximos e viver aquele sentimento, que não sabíamos direito o que era.

Comuniquei minha decisão aos meus pais que disseram que eu era doido de ir para um lugar que não conhecia ninguém, que eu ia quebrar minha cara e depois ia voltar com o rabo entre as pernas. Meu tio Astrogildo, foi o único que me incentivou a ir para São Paulo. A minha tia Ida, não queria que partisse, mas falou se esse era o desejo do meu coração, que ela iria respeitar. Na verdade, não estava fazendo aquilo unicamente para ficar próximo a Elisângela, mas sim pelas perspectivas de evolução intelectual que eu vislumbrava. Se continuasse em Belém, iria terminar o curso e certamente não iria fazer mais nada na área e iria arrumar um emprego qualquer. Em meados de janeiro de 1994, eu parti com uma grande mala com todas as minhas coisas, para Presidente Prudente. Uma viagem de ônibus até São Paulo, fiquei uns dias na casa de um quase tio chamado Francisco, que morou com a família da minha mãe. Peguei algumas roupas, deixei a grande mala na casa dele e peguei outro ônibus para Presidente Prudente.

Fui recepcionado pela Elisângela e fiquei hospedado na casa dela por duas semanas com a permissão dos pais dela. Fiz o teste para a transferência e fui aprovado, e então consegui fazer todo o processo de transferência da Universidade Estadual do Pará, para a Universidade Estadual Paulista. Depois de duas semanas, a mãe da Elisângela me arrumou um pensionato que era de uma conhecida dela, uma japonesa chamada Dona Matilde. Num primeiro momento o pensionato estava lotado e fui morar no porão dividindo um quarto minúsculo com um rapaz chamado Claydson, que era padeiro e um grande maratonista. Claydson era conhecido como cai-cai e todos o chamavam assim, ele trabalhava todas as noites das 22:00 hs às 06:00 hs da manhã. Tínhamos uma boa convivência, ele era uma pessoa muito especial, uma pessoa muito generosa e prestativa, mas o que mais destaque nele era a humildade. Fiquei apenas dois meses no pensionato, pois as condições do porão eram péssimas e o cheiro do mofo atacou minha renite e a sinusite e fiquei muito mal, tendo que recorrer ao diprosplan, o único remédio que dava um jeito na situação, e na época era vendido sem receita médica.

As aulas começaram e com ela minha relação com a Elisângela acabou. As aulas eram no período da tarde, começava às 14:00 hs e ia até as 18:00 hs, eu ia e voltava todos os dias caminhando para a Universidade, eram 8 km diários de caminhada. A

turma que ingressei era formada essencialmente por mulheres, havia apenas dois homens, eu e o José, que era noivo e trabalhava no CPD do banco Itaú. Logo nos primeiros dias de aula a professora Luiza Helena Christov, anunciou que iria abrir uma vaga para monitoria na disciplina de Orientação para o Trabalho Científico e que as inscrições estavam abertas. Eu não perdi tempo e no intervalo já fui lá fazer minha inscrição. Fiz o teste seletivo, que era uma dissertação sobre uma temática sorteada na hora, e posteriormente uma entrevista. Fui abençoado por Deus com a vaga de monitor da professora Luiza Helena. Durante o meu primeiro ano fui monitor e tive uma bolsa e isso me possibilitou ter recursos financeiros para suprir as minhas necessidades básicas, como pagar o aluguel do pensionato, fazer aos sábados umas compras na feira, comprar umas bolachas e uns miojos. Minha mãe sempre me ajudou e todos os meses mandava pelos correios uma parte dos tickets refeição que ela recebia no trabalho dela e servia para eu almoçar e jantar alguns dias no restaurante da universidade, que era terceirizado.

A professora Luiza Helena juntamente com um grupo de professores, em especial o professor Bernardo Mançano, desenvolviam um projeto de educação do campo, num município chamado Mirante do Paranapanema, e eu os acompanhava nas discussões que estavam sendo realizadas. Foi por conta desse projeto desenvolvido pelos professores da UNESP/FCT que me apaixonei pelas questões relacionadas à luta pela terra e a educação do campo.

Logo que cheguei e efetivei minha matrícula fiz minha inscrição para o processo seletivo da moradia estudantil, mas devido meu pai ser na época sargento do Exército e minha mãe estar trabalhando, meu pedido de moradia foi reprovado com a justificativa que eu não me encaixava nos padrões sócio-econômicos exigidos pelos programas de moradia estudantil. Como já estava envolvido no movimento estudantil, um amigo meu da geografia chamado Og da Silva e Silva, um caçara, conversou na casa onde morava e foi consensuado de que lá eles iriam receber um aluno e este iria dormir embaixo da bancada. Foi então que sai do pensionato e fui para a casa mais famosa da moradia, conhecida como a república dos renegados. Dona Matilde, a dona do pensionato fez a gentileza de me levar lá no seu Passat branco. Cada casa tinha 4 quartos e dois banheiros, no total moravam oito estudantes. A república dos renegados era muito movimentada, como a maioria dos hóspedes estudavam à noite, e as aulas terminavam às 22:00 horas, quando o pessoal chegava ia fazer o jantar, iam tocar violão, jogar truco, ouvir rock ou simplesmente fumar os baseados ou beber. Como eu não curti o baseado,

eu sempre tomava umas batidas que eles inventavam. Durante o mês que fiquei na república dos renegados, fiquei no quarto com o OG e o André Mendes, ambos da geografia. Tirando que não conseguia dormir antes das 2:00 horas da manhã, o restante era tranquilo.



Em maio de 1994, no primeiro ano de UNESP, as lideranças estudantis do DCE e Centros Acadêmicos chamaram uma reunião e deliberaram que os “bichos” estavam muito acomodados e deveriam brigar por moradia. E que ninguém poderia mais ficar dormindo embaixo das bancadas. A sugestão foi ocupar a diretoria da Faculdade, que naquele momento estava sob a gestão do professor Alvanir Figueiredo, para pressionar a construção de mais casas ou o aluguel de casas. Isso foi numa quarta-feira à noite, e após a reunião tudo foi articulado para ocuparmos a direção naquela madrugada, e assim foi feito. No outro dia, quando os funcionários chegaram para trabalhar a direção estava ocupada, todas as salas fechadas e um mar de colchonetes espalhados pelos corredores. A imprensa foi acionada, o jornal impresso e o televisivo deram repercussão ao caso. Ficamos lá por uma semana. Depois ocupamos umas casas reservadas aos professores que vinham fazer trabalhos na faculdade.

As casas ocupadas abrigaram 20 alunos que resistiram lá bravamente até o final do ano. Assistimos a final da Copa nas casas ocupadas, fizemos até um churrasco regado a uma cachaça chamada oncinha e uma cerveja horrível chamada Belco (o fígado chega a doer com essas lembranças). Ressalto que nesse ano os professores fizeram uma greve longa, quase 90 dias parados, quem morava no estado foi para suas casas, ficar ao lado dos seus familiares, mas quem não morava tinha que ficar por lá e aguentar firmemente. Eu tinha uma tia que morava em Campinas e nas duas semanas finais da greve, incentivado por um colega que morava em Caraguatatubá, resolvemos

arriscar visitar nossos parentes. Tentamos carona na rodovia, mas não deu certo. Passamos o dia inteiro tentando e voltamos desanimados. Foi então, que um aluno da geografia, chamado Mané da Hora que trabalhava na Prefeitura, disse que iria nos arrumar duas passagens de trem. Realmente ele conseguiu, mas não esperávamos que fosse no vagão dos indigentes, que ficava logo atrás da máquina do trem e fazia um barulho ensurdecedor. Descobrimos na hora do embarque que iríamos no vagão dos indigentes e nossos nomes estavam na lista como coordenadores do vagão. Sempre tive vontade de fazer uma viagem de trem, mas não naquelas condições, foram 12 horas até Sorocaba e de lá peguei um ônibus até Campinas. Não foi a viagem dos sonhos, mas foi a viagem possível; foi uma viagem que nos ensinou a sermos mais humildes, que todos são iguais e que ninguém vive na indigência por opção, mas por forças das circunstâncias, quase sempre ocasionadas por escolhas inadequadas que fazemos. Entre o vagão dos indigentes e os demais vagões, tinha uma porta com um corte quadrado onde tinha um vidro, por onde as demais pessoas nos olhavam com indiferença, desprezo, preconceito, como se todos ali fossem animais. Foi uma experiência altamente rica e educativa, que nos levou a uma reflexão profunda sobre classes sociais, consciência de classe e luta de classes.

Ao chegar em Campinas, comprei umas fichas telefônicas (nessa época não existia cartão e nem celular) e liguei para minha tia que foi me buscar na rodoviária. Eu reconheci a minha tia, mas ela não me reconheceu. Quando chamei pelo nome dela e ela enfim me reconheceu, senti nos olhos dela a compaixão e a dor de uma mãe que vê um filho em sofrimento. Percebi seus olhos meios marejados de lágrimas. Minha tia não tinha como me reconhecer, pois eu estava literalmente um trapo e exalando um cheiro nada agradável, adquirido por osmose com os colegas de viagem. Não tinha roupas de frio e na época, já estava esfriando, já era mês de junho, e arrumei lá pela moradia uma calça velha de moleton, que estava rasgada e eu improvisei uma costura com fio dental. Os 15 dias que fiquei com minha tia Isa (irmã de minha mãe) e meu tio Francisco, foram essenciais para sentir o calor do acolhimento/amor familiar e recarregar minhas energias para enfrentar as batalhas, que estavam por vir, e naquele momento estavam apenas começando. A primeira providência de minha tia foi jogar fora aquela calça costurada com fio dental. Meu tio me emprestou um conjunto de moleton. Mas depois, minha mãe me mandou um dinheiro e minha tia me levou para comprar umas roupas, comprei uma calça jeans; uma botina Zebu que usei durante os 3 anos da faculdade e

dois conjuntos de moleton. É claro que o dinheiro que minha mãe mandou não era muita coisa e minha tia teve a generosidade de completar o restante. Minha tia Isa é uma mãe pra mim, amo demais essa minha tia e gosto muito do seu esposo o Francisco e da sua filha Sabrina. Sem o apoio e o amor incondicional da minha tia Isa e do Francisco, talvez não tivesse tendo a oportunidade de relatar isso aqui.

Ao regressar para Presidente Prudente, após o encerramento da greve dos professores, estava como os ânimos renovados, engordei alguns quilos e estava feliz e confiante que iria vencer aquela provação. Tirando o ritmo acelerado para repor o tempo perdido, tudo transcorreu dentro da normalidade. No final do ano quando todos retornaram para suas cidades de origem, inclusive eu, as casas foram desocupadas e os nossos pertences foram colocados num depósito de madeira no meio do mato e as casas foram transformadas em escritórios para os funcionários da faculdade. Dai após as férias retornei ao pensionato da Dona Matilde e desta vez, fui morar num quarto bem grandão eu e o Cai-Cai e por lá fiquei até a minha formatura.

No segundo ano, consegui a renovação da bolsa de monitoria, mas paralelamente a isso, eu e a professora Luiza Helena elaboramos um projeto de iniciação científica PIBID/CNPQ, e fomos contemplados. Foi muito bom, pois me deu condições de entrar no mundo da pesquisa. Como fui contemplado com a bolsa de iniciação científica, tive que deixar a monitoria. Essas oportunidades jamais teriam tido se estivesse continuado em Belém. O projeto tinha como objetivo analisar as relações entre escola e comunidade nas escolas rurais da região do Pontal do Paranapanema. Através dessa pesquisa me aproximei muito do grupo de pesquisa do professor Bernardo Mançano Fernandes e paralelamente ao desenvolvimento do projeto de iniciação científica, comecei a fazer um estágio no Laboratório de Geografia Agrária, fazendo a tabulação dos dados sobre um mapeamento educacional em escolas de assentamento e acampamento da reforma agrária, ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. O projeto com o professor Bernardo foi concluído em junho de 1996, e seus resultados foram apresentados por mim na Reunião Anual da SBPC, em São Luiz/MA. O projeto com a professora Luiza foi concluído em agosto 1996, e serviu como base para o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Na UNESP também estive envolvido com o movimento estudantil, tanto com o Centro Acadêmico, quanto com o Diretório Central do Estudantes – DCE. As duas entidades tinham fortes vinculações políticas com o Partido dos Trabalhadores – PT. Os

companheiros forçaram a barra para eu me filiar ao Partido, mas eu não aceitei, pois gostaria de ter preservada a minha autonomia de pensamento. Além do movimento estudantil, durante os dois anos da minha graduação na UNESP, e como consequência dos projetos que estava envolvido, acabei participando organicamente do MST, estando ligado ao Setor de Educação. Primeiro fui coordenador regional, depois estadual e depois passei a compor o coletivo nacional do Setor de Educação.

O terceiro ano do Curso foi bem complicado, pois estava muito envolvido com as atividades do MST, mas tive a sorte de contar com a sensibilidade dos meus professores que abonaram minhas faltas e não me deixaram reprovado. Apesar de não participar ativamente das aulas, eu assumi o compromisso com os professores de ler os textos e fazer o fichamento de todos e quando fosse as aulas, eu seria o responsável pela apresentação dos textos. Nesse último ano de curso me envolvi com uma pesquisa coordenada pela professora Sônia Bergamasso, Vera Bota e Terezinha D'Aquino, que tinha como objetivo fazer o I Recenseamento Nacional em Assentamentos e Acampamentos da Reforma Agrária. Esse projeto foi financiado pelo INCRA/MDA e no Estado de São Paulo, as professoras assumiram a coordenação dos Trabalhos. Participaram Equipes da UNESP de Presidente Prudente, Marília, Botucatu e Araraquara, USP E UNICAMP. A equipe de Presidente Prudente ficou responsável pela região Oeste do Estado, realizamos esse trabalho nos meses de julho e agosto. Em outubro, como atividade do MST, o coletivo do Setor de Educação realizou o primeiro encontro dos Sem Terrinhas, que contou com a participação de mais de 600 crianças filhas de Sem Terras de todo o Estado. Participaram dessas atividades alunos da Unesp de Presidente Prudente e Marília.

Em dezembro de 1996, terminei o curso, foram 3 anos de muito aprendizado e experiências acumuladas e que me serviram de base para escrever um projeto de pesquisa para concorrer ao Mestrado, na Unesp de Marília. Fiz minha inscrição no processo seletivo e logo após a formatura fui convocado pelo MST para contribuir na coordenação de um curso de ensino médio/supletivo com formação em magistério. O curso era realizado no estado do Rio Grande do Sul, no município de Veranópolis, no Instituto Técnico de Pesquisa e Reforma Agrária – ITERRA, e tinha como princípio metodológico a pedagogia da alternância. Ou seja, as aulas eram realizadas nos meses de janeiro/fevereiro e julho, em regime de internato e os alunos vinham de todos os estados do Brasil, indicados pelo Setor de Educação Estadual do MST. Nos outros

meses os alunos voltavam para suas comunidades para desenvolver os projetos propostos pelos professores; cabe destacar que muitos alunos do curso já trabalhavam como professores, mas não tinham nenhuma certificação, ou seja, eram considerados professores leigos. Em meados de janeiro me ausentei por 5 dias para fazer as provas do mestrado e em meados o de março, tive a grata satisfação de receber a notícia de que tinha sido aprovado na prova escrita e que iria passar pela entrevista. Fui para a arguição do meu projeto e o professor Cristiano Di Giorgi, manifestou grande interesse no meu projeto, afinal de contas, já conhecia um pouco do meu trabalho, uma vez que ele era professor da Unesp no campus de Presidente Prudente. Fui aprovado na entrevista e finalmente iria cursar o mestrado.

2.2.3 PÓS GRADUAÇÃO

2.2.3.1 Mestrado

Iniciei o mestrado em março de 1997, vinculado a linha de pesquisa Política e Gestão da Educação Brasileira. O projeto desenvolvido foi “**A educação de jovens e adultos sem terra: a experiência do curso de magistério**”, tendo como orientador o Prof. Dr. Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi. Para o desenvolvimento desse projeto contamos com apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Durante o primeiro ano tracei como objetivo concluir os créditos; realizar os trabalhos de campo e fazer continuamente a revisão da literatura pertinente ao tema.

Ao chegar em Marília, fui imediatamente integrado ao Centro de Pesquisa e Estudos Agrário – CPEA, que à época era coordenado pela professora Teresinha D’Aquino. Minha integração imediata se deu por conta dos trabalhos que eu desenvolvia e que iam ao encontro das pesquisas e estudos desenvolvidos pelo Centro. Uma das primeiras atividades que propus aos colegas do CPEA foi a nossa participação na chega da Marcha Nacional do Movimento Sem Terra – MST à Brasília. Foi uma marcha que mobilizou milhares de militantes do movimento que caminharam bravamente longos percursos enfrentando chuva e sol para reivindicarem a Reforma Agrária e tudo o que é necessário para a viabilidade dos assentamentos rurais. Foi um momento histórico, Brasília foi ocupada por trabalhadores e trabalhadoras rurais, crianças e jovens; as cores das bandeiras vermelhas coloriram a esplanada.



Marcha organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) chega a Brasília e realiza ato que reúne 100 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios. Diante do êxito da manifestação, o presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu no dia seguinte uma comissão de representantes da marcha.

A caminhada dos sem-terra tivera início dois meses antes, em 17 de fevereiro, quando três colunas, reunindo 1.300 integrantes, partiram simultaneamente de diferentes pontos do país em direção ao Brasília. O objetivo era protestar contra a política agrária do governo, a exclusão social e lembrar o Massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido um ano antes. Ao chegar ao destino, a marcha atravessou o Eixo Rodoviário e cobriu a capital federal com o vermelho das bandeiras do MST. Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-do-mst-toma-a-capital-federal>.

Participei da Marcha com meus companheiros do CPEA e do MST e lá tive a honra de conhecer o presidente Luiz Inácio, na época deputado Federal.

Ressalto que com o mestrado minha atuação no MST ficou complicada, pois as aulas eram em um nível mais elevado e exigiam maior dedicação, não dava para levar como fazia na graduação. Diante dessa situação, conversei com a Roseli Caldart e o

Edgar Koling, da Coordenação Nacional do MST e do Setor de Educação que não teria mais condições de continuar a desenvolver as atribuições que até então vinha assumindo em virtude do mestrado e com muito ressentimento pedir para me desligarem das minhas atividades como militante orgânico, mas que iria continuar contribuindo com a luta do Movimento, mas a partir de agora por dentro da universidade.

No final de 1997, conclui todos os créditos e me dediquei integralmente a pesquisa de campo, que como falado anteriormente foi desenvolvida em Veranópolis/RS no ITERRA. Durante os trabalhos de campo, fiz entrevistas com alunos e professores, com as lideranças Nacionais do MST. Produzi dois vídeos: um mostrando a dinâmica do Curso e um segundo vídeo de músicas do MST de autoria do cantor e compositor Zé Pinto, militante do movimento. A dissertação foi defendida em 1999 e foi aprovada com louvor e distinção. Ressalto que o apoio institucional da FAPESP foi fundamental para o êxito do trabalho.

Durante o mestrado estive envolvido com projetos ligados ao MST, o primeiro foi um de alfabetização de jovens e adultos, coordenado pelo Professor Robinson Janes, que tinha apoio do INCRA e do FAT. O segundo, foi um projeto ligado ao CPEA, com financiamento da CAPES, que tinha como objetivo analisar os indícios de trabalho infantil em assentamentos, acampamentos e outras propriedades rurais da região de Marília; por conta desse projeto tive uma relação muito próxima com o Conselho Tutelar e pude participar de várias formações promovidas por esse órgão.

Além dos projetos, participei de vários congressos, seminários e cursos de formação promovidos pelo MST. O evento mais marcante que participei durante o mestrado foi em 1998, da I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, realizado em Luziânia/GO. A partir dessa conferência ganhou força e notoriedade o movimento em favor de uma educação do campo, e no final de 1998 o governo lança o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária, que beneficiou e ainda beneficia um grande número de famílias de trabalhadores rurais.

Ao terminar o mestrado tinha ideia de voltar para Belém. Conversando com alguns professores e com o meu orientador e principalmente com meu tio Astrogildo, fui convencido que valeria a pena tentar logo o doutorado, pois se voltasse a Belém, iria me afastar dos grupos de pesquisas e iria ficar por um tempo isolado e depois o retorno ao doutorado seria mais complicado. Diante das argumentações fiz minha inscrição ao doutorado e fui aprovado.

2.2.3.2 Doutorado

O doutorado foi realizado também na UNESP/Marília no período de 2000 a 2004, na linha de pesquisa Política e Gestão da Educação Brasileira e fui orientado novamente pelo professor Dr. Cristiano Di Giorgi. Meu projeto de doutorado teve a intenção de analisar as relações entre universidades/movimentos sociais/Governo Federal no Desenvolvimento do PRONERA.

No doutorado fiz menos créditos que no mestrado e isso me possibilitou uma inserção ainda maior nos projetos desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa e Estudos Agrários – CPEA. Em meados de 1999, o Centro aprovou um grande projeto de dois anos de duração com financiamento do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, coordenado pela professora Dra. Teresinha D’Aquino, o qual teve como objetivo proporcionar formação técnico-profissional aos trabalhadores do Assentamento Fazenda Reunidas, da agrovila de Campinas. Com a aposentadoria da professora Teresinha, assume a coordenação do CPEA, a professora Dra. Mirian Lourenção e juntamente com a equipe finalizou o referido projeto, que teve como parceiros a Embrapa, Instituto Paula Souza e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR.

Durante o doutoramento, fiz vestibular para o curso de Direito e fui aprovado, cursei apenas um semestre. Meu orientador um dia me chamou e disse: “Pará (nome pelo qual me chamavam deste que cheguei em Prudente), pra que você está fazendo Direito? Você tem que crescer é para o alto e não para os lados. Se queres continuar esse curso o problema é seu, mas acho que você deve investir na carreira acadêmica que estás construindo”. Depois dessa conversa, percebi que meu amigo/orientador tinha toda razão e então abandonei o curso, e tenho certeza que foi a coisa mais sensata que fiz.

2.2.3.3 Síntese das atividades desenvolvidas durante a graduação, mestrado e doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (1994 – 2002)

ATUAÇÃO
→ Discente da Graduação e da Pós-Graduação; → Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas Agrárias; → Participação de projetos de pesquisas e organização de eventos; → Prestação de assessoria na área educacional;

→ Monitor; → Estagiário
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – ARTIGOS
1) COSTA, A. C. M. “Leitura, informação e arte: requisitos indispensáveis a formação do educador”. In: Nuances (UNESP Presidente Prudente), Presidente Prudente, v. 2, p. 58-60, 1996; 2) COSTA, A. C. M. “Educação no MST e a experiência do curso de magistério”. In: Quaestio (UNISO), Sorocaba/SP, v. 1, n.02, p. 63-75, 1999
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TEXTOS EM JORNAIS
1) COSTA, A. C. M. O carnaval. In: Jornal da Manhã, Marília/SP, 05 mar. 1998; 2) COSTA, A. C. M. Na luta pela reforma agrária. In: Jornal da manhã, Marília/SP, 15 mar. 1998; 3) COSTA, A. C. M. Crianças de Marília: Fórum de Defesa analisa o atendimento. In: Jornal da Manhã, Marília/SP, 31 mar. 1998; 4) COSTA, A. C. M. Crianças: Marília analisa o atendimento. In: Jornal Diário, Marília/SP, 25 abr. 1998; 5) COSTA, A. C. M. Crianças e adolescentes: um compromisso de todos. In: Jornal Diário, Marília/SP, 10 out. 1998
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TRABALHO COMPLETO PUBLICADO
COSTA, A. C. M. Família e escola: a realidade em assentamentos do Pontal do Paranapanema. In: VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 1996, Guaratinguetá. Cadernos de Resumo. São Paulo: UNESP, 1996
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – RESUMO EXPANDIDO PUBLICADO
COSTA, A. C. M. A educação de jovens e adultos trabalhadores sem terra: a experiência do curso de magistério. In: II Encontro de Educação do Oeste Paulista, Presidente Prudente: Unesp, 2000. p. 66-67
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – RESUMOS PUBLICADOS
1) COSTA, A. C. M. Os impactos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no assentamento fazendas reunidas: as relações entre universidade x movimentos sociais x universidade. In: III Encontro de Educação do Oeste Paulista, Marília: Unesp, 2001. p. 53-53; 2) COSTA, A. C. M. Os impactos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no assentamento fazenda reunidas: as relações entre universidade x movimento social x universidade. In: X Congresso Brasileiro de Sociologia e cidadania, novas utopias. Fortaleza/CE, 2001 p. 117-117; 3) COSTA, A. C. M. As experiências de desenvolvimento sustentável no assentamento reunidas a partir do programa nacional de educação na reforma agrária. In: Encontro Internacional Sobre Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, Botucatu: UNESP, 2001; 4) COSTA, A. C. M.; SIMONETTI, M. C. L.; BUIM, P. H. C.; LOPES, F. J.; REIS, M. M.

dos; CARVALHO JÚNIOR, Araré de; LEME, J. A. C.; AZEVEDO, A. J. de. Formação sócio-educativa-tecnológica para famílias assentadas numa perspectiva auto-sustentável. In: Encontro Internacional Sobre Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, Botucatu: UNESP, 2001; 5) COSTA, A. C. M. I Recenseamento nacional de educação em acampamentos e assentamentos rurais. In: VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, Guaratinguetá. Cadernos de Resumo. São Paulo: Unesp, 1995. p. 407-407
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PUBLICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO HIPERMIDIÁTICO
O Curso de Magistério do MST, 1999 - Desenvolvimento de material didático ou instrucional – Documentário
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PALESTRAS, MINI-CURSOS
1) Instrumentalização de apoio ao projeto pedagógico das escolas especiais. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 2) Competências e Habilidades na Educação de Jovens e Adultos. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 3) Competências e Habilidades na EJA. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 4) Avaliação de jovens e adultos. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 5) Avaliação em EJA. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 6) Avaliação: habilidades e competências. 2001. (Curso de curta duração ministrado); 7) Curso sobre organização social – Período: 03/2001; 8) Formação continuada de professores da educação de jovens e adultos – Período: 01/2001 a 12/2002
PRODUÇÃO TÉCNICA
1) Curso de Magistério do MST. 1997; 2) COSTA, A. C. M.; JANES, R. Projeto Pedagógico de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura Municipal de Lins/SP. 2000
PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
1) I Encontro Estadual Paulista de Estudantes de Pedagogia. 1994; 2) III Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores: Tempo da Escola. Tempo da Sociedade. 1994; 3) VIII Congresso Estudantil da UNESP: Participação Uma Experiência Concreta. Congresso Estudantil. 1994; 4) 3º Congresso Nacional de Ensino de Geografia "Formação do Professor e o Ensino de Geografia". 1995; 5) 47ª Reunião Anual da SBPC. 1995; 6) II Encontro Paulista dos Estudantes de Pedagogia. 1995; 7) VII Congresso de Iniciação Científica da UNESP. 1995; 8) I Congresso Infantil dos Sem Terrinhas: Reforma Agrária uma luta de todos e dos sem

Terrinhas também. 1996;

9) I Reunião de Iniciação Científica da UNESP/FCT. 1996;

10) Seminário de Metodologias de Trabalho com Movimentos Sociais Populares. 1996;

11) Universidade e Assentamentos Rurais. 1996;

12) 4ª Jornada de Iniciação Científica do Campus de Marília. 1997;

13) Criança prioridade absoluta no Município - II Conferência Municipal. 1997;

14) Direitos Humanos e Cidadania. 1997;

15) Grupos de Pesquisas e Projetos Integrados do CNPQ - Workshop. 1997;

16) II Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente. 1997;

17) II Conferência Regional: Criança prioridade absoluta no Município. 1997;

18) II Seminário de Extensão Universitária e assuntos comunitários. 1997;

19) II Simpósio Científico do Campus de Marília. 1997;

20) Jornada Lourenço Filho. 1997;

21) Mini-Curso: A Geografia e seu ensino no contexto da Globalização. 1997;

22) O Estatuto da Criança e do Adolescente como desafio para a educação - III Congresso Público Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. 1997;

23) Seminário Regional lugar de criança é na Escola: Não ao trabalho infantil. 1997;

24) VII Semana da Educação. 1997;

25) XI Ciclo de debates Zilda Feres: A formação de Educadores na LDB. 1997;

26) XXI Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas: Filosofia, História da Filosofia e Historiografia da Filosofia. 1997;

27) Conferência Nacional: Por uma educação básica do Campo. 1998;

28) Da luta pela terra - A construção da cidadania. 1998;

29) Experiências de assentamento na virada do século - Encontro da APIPSA. 1998;

30) Gestão centrada na Escola - IV Seminário Estadual da ANPAE/SP. 1998;

31) Preparando as pessoas para mudanças a partir da perspectiva da Terapia Ocupacional no trabalho com pessoas com dificuldade de aprendizagem. 1998;

32) Reflexões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e a importância do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - I Encontro de Educadores do Município de Marília. 1998;

33) Seminário: Criança e Adolescente: O coração da Comunidade. 1998;

34) Jornada Mauricio Tratenberg: Uma vida para as Ciências Humanas. 1999;

35) Políticas Públicas: Diretrizes e necessidades da Educação Básica - II Encontro de Educação do Oeste Paulista. 2000;

36) Terras do Brasil: Índios, Negros e Sem-Terra. 2000;

37) Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. 2001;

38) Políticas Públicas: Diretrizes e necessidades da Educação Básica - III Encontro de Educação do Oeste Paulista. 2001;

39) Sociedade e Cidadania: Novas Utopias - X Congresso Brasileiro de Sociologia. 2001

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – PARTICIPAÇÃO
1) Brincando e aprendendo na UNESP – Período: 10/1998; 2) Seminário: Criança e adolescente: o coração da comunidade – Período: 10/1998; 3) I Workshop de fotografia documental – Período: 04/1998; 4) Seminário: Da luta pela terra à construção da cidadania – Período: 04/1998
PROJETOS DE PESQUISA
1) Integrante do Projeto de Pesquisa: I Recenseamento Nacional de Educação em Assentamentos e Acampamentos Rurais: a concepção de escola na visão dos pais, alunos e professores do assentamento União da Vitória – Órgão Financiador: Associação Nacional de Cooperativas Agrícolas – Coordenador: Bernardo Mançano Fernandes – Período: 1995; 2) Coordenador do: I Censo Nacional da Reforma Agrária – Órgão Financiador: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Período: 1996; 3) Integrante do Projeto: Inserção no trabalho de crianças e adolescentes na cidade e nos assentamentos: saúde ou qualidade de vida? Proposta de análise e intervenção no âmbito da família e da comunidade – Órgão Financiador: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária Ministério do Desenvolvimento – Coordenador: Teresinha D’Aquino – Período: 1998; 4) Integrante do Projeto: Formação técnica em agropecuária de trabalhadores assentados – Órgão Financiador: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária Ministério do Desenvolvimento – Coordenador: Miriam Cláudia Lourenção – Período: 2001-2002

2.2.3.4 Pós-Doutorado

A intenção de fazer o pós-doutoramento pela primeira vez, se deu em 2006, pois havia a possibilidade de fazer um trabalho como o professor Rui Canário, da Universidade do Minho – Portugal. Meu ex-orientador fez os contatos com o Prof. Rui e ele havia aceitado ser meu supervisor no estágio pós-doutoral, mas meus colegas da instituição que trabalhava na época, negaram meu afastamento, mesmo sem ter ninguém em afastamento para qualificação. Diante da negativa do meu afastamento deixei essa pretensão de lado por um longo tempo.

Em 2017, tive um convite para me inscrever no processo seletivo para bolsa de pós-doutoramento em Educação na Universidade Federal do Pará, o convite partiu do professor Salomão Hage, que é uma das mais importantes referências sobre educação do campo no Brasil, com trabalhos sobre quilombolas, povos indígenas da Amazônia e trabalhadores rurais. Mas infelizmente, não foi possível viabilizar minha inscrição no processo seletivo, em função de estar enfrentando problemas de ordem pessoal que me impediam de assumir os compromissos requeridos.

Em 2018, consegui me harmonizar física e espiritualmente e então, decidi que estava passando da hora de sair para o pós-doutorado, fazer novos contatos, aprender

novas culturas e viver experiências diferentes das que vivi até então, no meu ambiente acadêmico. Tive convites para fazer o estágio pós-doutoral no Chile e no México, mas fui influenciado por alguns amigos, que já tinham passado pela experiência de fazer em Portugal e optei por fazer lá. A princípio tinha a intenção de trabalhar com a temática central da educação do campo, buscando fazer um contraponto entre Brasil e Portugal; meu primeiro contato com o professor Antônio Manoel da Universidade de Lisboa, que embora tenha aceitado ser meu supervisor, deixou bem claro que não havia muita coisa de educação rural em Portugal, mas que poderia fazer um trabalho, no entanto mais voltado a área da psicologia. Num primeiro momento achei interessante, mas depois pensei melhor e percebi que talvez não seria tão produtivo esse trabalho, pois minha trajetória acadêmica sempre esteve atrelada as discussões de educação e movimentos sociais. Ao fazer essas ponderações conversei com o professor e declinei da proposta. Um dia, lendo um artigo sobre educação e movimentos sociais vi que havia um professor da Universidade do Porto, que trabalhava articuladamente educação e movimentos sociais, então anotei seu e-mail e fiz os contatos iniciais. O professor chama-se Pedro Ferreira, e também me falou que na região do Porto não existia muito essa discussão de educação do campo/rural como no Brasil. No entanto, me apresentou sugestões de trabalho possíveis de serem realizados, cujas temáticas estão em pauta no atual contexto. Entre essas temáticas, me identifiquei com a questão do combate ao racismo, uma vez que no Brasil fazia parte da Comissão de Heteroidentificação da UFU.

Após cumprir os trâmites burocráticos, comecei meu estágio pós-doutoral em 20 de setembro de 2019, mesmo sem bolsa, dada a conjuntura brasileira, solapada por ideias fascistas que estão destruindo a educação brasileira, e retrocedendo no campo da ciência e da tecnologia.

Ao chegar na Universidade e ao primeiro contato com o professor Pedro, já fui convidado a participar da Mostra Internacional de Cinema Antiracista, promovida pelo grupo de combate ao Racismo, que em 2020 comemora 30 anos de resistência, chamado SOS Racismo. Nos dias da Mostra tive contato com vários militantes e me identifiquei com a causa e me inscrevi para participar de um curso de formação antiracista. A partir daí me tornei sócio militante em Portugal do SOS Racismo.

Nos primeiros cinco meses do pós-doutoramento eu e o professor Pedro já tínhamos aprovado um texto para um evento internacional sobre Paulo Freire, a ser

realizado em Paris/França; e organizado um Seminário Antiracista, que seria realizado nos dias 14 e 15 de maio. Organizamos também a apresentação de vídeos para discutir a temática do racismo na faculdade.

A vida acadêmica nas universidades portuguesas é muito intensa, e quase toda semana tinha uma coisa interessante acontecendo. Na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – FPCE, está sediado uma célula do Instituto Paulo Freire, cuja coordenação está sob a responsabilidade da professora Luiza Cortesão. Estava me sentindo feliz e em casa com a oportunidade de aprendizado que estava tendo, com as amizades que estavam sendo construídas, principalmente com colegas brasileiros que estavam fazendo mestrado, doutorado e pós-doutorado. Através do Instituto Paulo Freire, são realizadas as Tertúlias Pedagógicas, aonde os alunos do programa de pós-graduação, são orientados e fazem uma apresentação dialógica de uma das obras de Paulo Freire. São experiências fantásticas que levam a todos a um estado intelectual e humano de transcendência.

Tudo estava caminhando bem, mas a partir de março, com a crise pandêmica mundial provocada pelo COVID 19, tudo foi paralisado e todos foram obrigados a viver isolados socialmente e o mundo virtual ganhou a centralidade de todas as relações sociais, econômicas e culturais. Todos nós fomos inseridos num Big Brother particular e nos deparamos com nossas dificuldades de sermos tolerantes, acolhedores, solidários e amorosos. Nesse contexto tão sombrio, a síndrome do pânico, o desespero, a ansiedade e a depressão foram doenças fortemente potencializadas.

As redes sociais e a mídia televisiva, por falta de pautas, dão uma enorme ênfase aos números de casos de COVID 19 confirmados, no número de mortes e no caos vivenciados por países como Estados Unidos e Brasil, que possuem em comum o fato de serem governados por políticos despreparados, gananciosos, desumanos, genocidas e exterminadores da natureza. A narrativa corrente apresentada é que estamos em guerra contra o coronavírus; ora o vírus não está em guerra contra ninguém, ele não tem capacidade de planejar nada, pois a ele falta aquilo que só os seres humanos possuem, ou seja, a inteligência. É preciso sermos éticos e assumirmos que tudo o que estamos vivenciando é a consequência das relações desrespeitosas e egoístas que estamos mantendo entre os seres humanos e com a natureza.

Em meio a tantas dificuldades, da distância dos entes queridos, da perda de dois tios vítimas do COVID 19 e da impossibilidade de realizarmos aquilo que tínhamos

programado, as atividades pós-doutorais foram plenamente desenvolvidas e resultaram na produção de 3 artigos; numa palestra, na participação em um curso de formação política antiracista; na produção de um texto para a Mostra Internacional de Cinema Anti Racista e na produção deste memorial.

3. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL/ACADÊMICA

3.1 - Faculdade de Filosofia e Letras de Jacarezinho – FAFIJA

No início de 2002, ainda cursando o doutorado, me submeti a um processo seletivo para professor Substituto na Faculdade de Filosofia e Letras de Jacarezinho – FAFIJA, para trabalhar com a disciplina Metodologia da Pesquisa Educacional. Trabalhei com turmas do curso de Letras, Matemática, Biologia e Pedagogia. No curso de Pedagogia, além da disciplina que prestei concurso trabalhei com as disciplinas de Avaliação e Planejamento e Currículos e Programas.

A FAFIJA estava localizada no município de Jacarezinho/PR, no chamado Norte Pioneiro. Era uma faculdade bastante tradicional onde as relações estabelecidas eram baseadas não no conhecimento, mas nas complexas relações de poder ali existentes. Havia um grupo de professores que estavam lá há muito tempo e não trabalhavam numa perspectiva libertadora, mas sim conservadora e repressiva. Para quem foi militante orgânico do MST, teve uma formação marxista e têm como fonte de inspiração pedagógica as ideias freireanas, aquele não era um lugar prazeroso de se trabalhar. Para quem estava acostumado a uma prática pedagógica que se encerra entre as quatro paredes da sala de aula, era possível sobreviver naquelas condições.

Freire sempre nos alertou em suas obras que é preciso ousar e que o inédito viável é possível de ser realizado. Se quebarmos as relações verticalizadas entre professor e aluno e nos abirmos ao diálogo, criando um ambiente onde todos possam resgatar a humanização sufocada por discursos ideológicos contraditórios e equivocados, estaremos criando as condições necessárias ao desabrochar de sujeitos históricos, capazes de quebrar paradigmas e juntos construir novos processos de socialização comprometidos com as mudanças individuais e coletivas. As mudanças devem começar nos próprios sujeitos que estando conscientizados podem construir narrativas contra-hegemônicas para se libertarem da posição submissa projetada pelas elites dominantes.

Posso afirmar que quebrei muitas regras; ganhei a simpatia e o acolhimento dos alunos e de alguns professores, mas atrai muita inveja e antipatia por parte do grupo dos professores conservadores. Nas minhas aulas sempre discutia política com meus alunos e procurava relacionar o que estava acontecendo no mundo com aquilo que estávamos estudando.

Formei um Grupo de Estudos sobre Comunicação, cujo objetivo era analisar as influências dos meios de comunicação na formação da cosmovisão dos telespectadores. Nos reuníamos aos sábados a tarde de 15 em 15 dias e participavam alunos de todos os cursos e todos os integrantes do Diretório Acadêmico, além de duas professoras de Londrina. Sempre assistíamos um filme e depois partíamos para uma discussão sobre um texto que era previamente indicado. Os alunos que tive maior contato foram o André Luska, ligado ao PT; Joseane, uma grande liderança entre as mulheres da faculdade; Ché, um aluno da História que tinha ligações com o Partido Comunista; Karina, aluna da História e militante dos movimentos sociais; Isabel, do movimento negro; a professora Vanderlice Benevides, entre outros que não lembro o nome.

Através do grupo de estudos, conseguimos influenciar num processo eleitoral da faculdade, e uma professora com posições políticas mais progressistas acabou ganhando as eleições e isso despertou muito ódio naqueles que se achavam donos daquela instituição. Fizemos uma manifestação, articulada com os sindicatos e a Igreja Católica, contra a ALCA. Realizamos um grande seminário com a presença de vários professores de renome nacional para tratar das questões relativas a temática da inclusão e conseguimos trazer o coordenador da Secretaria de inclusão do MEC; o evento foi um sucesso, teve tanta gente que teve de ser realizado no teatro municipal. Além disso, consegui organizar um trabalho de campo para um assentamento, chamado Paranacity/PR, ligado ao MST.

Ao final do ano de 2002, meu contrato e dos professores que participaram dessas transgressões pedagógicas comigo não foi renovado, pois era apenas de um ano. Ficou a amizade e carinho com os alunos, muitos dos quais até hoje mantenho contato. Também ficou uma grande paixão envolvendo eu e a professora Vanderlice, uma mulher muito inteligente e extremamente politizada.

3.1.1 - Síntese da Experiência profissional: Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho – FAFIJA

ATUAÇÃO
→ Professor Substituto
ENSINO – GRADUAÇÃO
1) Metodologia da Pesquisa Educacional; 2) Avaliação e planejamento;

3) Currículos e Programas; 4) Métodos e Técnicas de Pesquisa
ENSINO – PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU
1) Metodologia da Pesquisa Educacional
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – Depto de Educação
1) I Ciclo de debates sobre educação inclusiva – Período: 10/2002

3.2. Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO

No segundo semestre de 2002, encaminhei meu currículo para a Direção das Faculdades Integradas de Ourinhos, e fui imediatamente chamado para assumir aulas nas turmas de Letras e Contabilidade. Era uma Faculdade que estava começando, uma proposta muito bonita e empolgante, mas que fica restrita ao papel. Era uma Instituição privada controlada pelos irmãos Quagliato.

Os Quagliato dominavam literalmente o município de Ourinhos, eram grandes latifundiários dedicados a plantação de cana-de-açúcar, pois eram donos da maior usina sucroalcooleira da região. Sempre estavam à frente da gestão municipal. Seus negócios também tinham raízes no Pará, onde se dedicavam à criação de gado, numa grande fazenda chamada Rio Vermelho; foram considerados os reis do gado pois tinham um rebanho de mais de 200.000 cabeças. A frente da Faculdade estava o senhor Roque Quagliato, o mais “respeitado” deles.

Se as relações de trabalho eram complicadas na FAFIJA, na FIO as coisas eram extremamente mais complexas. Tudo tinha que acontecer de acordo com aquilo que eles planejavam e não tinha discussão. O primeiro contato que tive com o senhor Roque foi numa reunião pedagógica para tratar do caso de alguns alunos que tinham ficado reprovados porque não tinham alcançado a nota mínima necessária para aprovação na minha disciplina. Lembro bem daquele sábado, estávamos sentado e o senhor Roque falou que mesmo que os alunos não estivessem conseguido a nota mínima, eles tinham que ser aprovados, pois se os deixássemos reprovados eles provavelmente iriam evadir e ele não queria que isso acontecesse; então ordenou que eu revisse todas as notas e aprovasse todos os alunos. Eu falei que não iria fazer aquilo, porque era contra meus princípios e disse que se o coordenador quisesse alterar as notas que ele o fizesse, mas

eu não iria fazer. Roque me olhou e disse que eu não estava ali para discutir princípios e que como funcionário de uma empresa deveria obdecer as ordens. Foi uma situação extremamente difícil e ali percebi que meus dias estavam contados naquela instituição. No semestre seguinte retiraram minhas aulas e me deixaram com apenas duas turmas, com oito horas semanais. Dai pedi para sair e fui prontamente atendido, nem precisei cumprir aviso prévio.

Mesmo num ambiente extremamente hostil, consegui realizar atividades de extensão com alunos do curso de letras em parceria com a APAE/Ourinhos e também organizei o coordenei um grande congresso sobre educação inclusiva que contou com a participação de mais de 700 inscritos (I Congresso de Educação Inclusiva da FIO/2003).

No segundo semestre de 2003 fiquei desempregado, mas como tinha a bolsa do doutorado, me dediquei integralmente a conclusão da tese, a qual defendi no começo de 2004.

3.2.1 - Síntese da Experiência profissional: Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO (Vínculo: 2002 a 2003)

ATUAÇÃO
→ Celetista – 20h
ENSINO – GRADUAÇÃO
1) Metodologia Científica; 2) Metodologia da Pesquisa
ORIENTAÇÕES – CURSO APERFEIÇOAMENTO; ESPECIALIZAÇÃO
1) Aluna: Francisca Clarice Vart Castanho – “A inclusão do deficiente auditivo no Ensino Fundamental” - Monografia - Especialização em Educação Especial - Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. 2003; 2) Aluna: Gracy Mary da Luz Nascimento – “O deficiente auditivo e sua comunicação visual” – Monografia - Especialização em Educação Especial - Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. 2003; 3) Aluna: Lúcia Helena Castilho Sanfelice – “A inclusão: sua força na renovação da escola” – Monografia - Especialização em Educação Especial - Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. 2003; 4) Aluna: Maria José da Cunha – “O deficiente no processo de inclusão” – Monografia - Especialização em Educação Especial - Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. 2003; 5) Aluna: Neiva Maria Santos Franco – “Sexualidade do portador de deficiência mental e sua família” – Monografia - Especialização em Educação Especial -

Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. 2003.
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TRABALHO COMPLETO PUBLICADO
1) COSTA, A. C. M. Educação Inclusiva: um desafio a ser superado. In: I Congresso de Educação Inclusiva das Faculdades Integradas de Ourinhos, 2003: Ourigráfica, 2003. p. 107-110
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – ORGANIZAÇÃO DE ANAIS DE EVENTO
1) COSTA, A. C. M. ; CHALITA, G.; MIRANDA, J. R.; POKER, R. B.; FIGUEIRÓ, M. N. D.; GHIRALDELLI JÚNIOR, P.; OLIVEIRA, A. A. S. de; MARTINS, S. Eli S. O.; VAMBOMMEL, E. M. C.; BALEOTTI, L. R.; NEUBERN, V. L. V. Anais do I Congresso de Educação Inclusiva. Ourinhos: Ourigráfica, 2003
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
1) I Ciclo de debates sobre Educação Especial. 2002; 2) Oficina de Capacitação do PRONERA. As relações interpessoais como alavancas para o desenvolvimento pessoal e profissional. 2002; 3) XI Semana Educacional. 2002; 4) I Congresso de Educação Inclusiva das Faculdades Integradas de Ourinhos. 2003.
PRODUÇÃO TÉCNICA – ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS
1) I Ciclo de Debates sobre Educação Inclusiva. 2002; 2) I Congresso de Educação Inclusiva das Faculdades Integradas de Ourinhos. 2003.
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – DEPTO DE LETRAS
1) Informática inclusiva: uma perspectiva profissional para portadores de necessidades especiais da APA – Período: 07/2002 a 03/2003; 2) I Congresso de Educação Inclusiva das FIO – Período: 05/2003

3.3. - Universidade Federal do Tocantins – UFT

Após defender a tese comecei a procurar por concursos públicos. Queria ingressar numa universidade pública, onde a pesquisa, a extensão e o ensino pudessem ser desenvolvidos de forma articulada e indissociavelmente. Navegando pela internet fiquei sabendo de um concurso que iria ter para a Universidade Federal do Tocantins. Para a minha área, tinha uma vaga no município de Miracema do Tocantins. Eu não

pensei duas vezes e fiz a minha inscrição. Após efetivar minha inscrição, liguei no campus de Miracema e falei com o Coordenador do Curso, o professor Paulo Cleber Mendonça Teixeira, mas conhecido como Coronel Mendonça, para saber como eram as condições da cidade e como era o campus. Nessa conversa, ele me falou que estavam precisando de um professor substituto para trabalhar com Política Educacional e falou que o processo seletivo simplificado estava aberto e me incentivou a fazer, pois tinha doutorado e minhas chances eram grandes.

Devido estar desempregado e sem nenhum emprego à vista, segui os conselhos do colega e parti, como dizem no Pará, de mala e cuia para o Tocantins. Fiz o processo seletivo e fui aprovado, afinal de contas eu era o único doutor em educação do município, meus colegas eram todos mestres, que já trabalhavam na antiga UNITINS e também não tinham vínculo com a recém fundada UFT, a exceção a regra era a professora Vânia Passos, atual Pró-Reitora de Graduação da UFT. Mudei para Miracema em março e o concurso foi em junho, fui aprovado no concurso, mas só tomei posse em outubro de 2004, nesse interim fiquei atuando como professor substituto.

O Tocantins é um estado extraordinário para quem trabalha com movimentos sociais. Lá podemos encontrar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o Movimento Quilombola, e os povos indígenas: Xerente, Karajá. O grande problema enfrentado foi a resistência por parte dos colegas que faziam parte da UNITINS e queriam reproduzir na UFT as mesmas relações de poder que até então vivenciaram. Nós que chegamos de fora, éramos chamados de forasteiros.

Após a posse no concurso minha primeira ação foi me associar a Seção Sindical dos Docentes da UFT – SESDUFT. Em seguida me coloquei à disposição para representar o campus de Miracema no Conselho Diretor da Seção Sindical. Em 2005 me candidatei a Direção do Campus, mas não logrei êxito. Tínhamos 10 professores, 5 votaram em mim e 5 votaram no outro candidato. Os votos dos alunos foram favoráveis ao meu opositor, mas quem decidiu foram os 2 únicos técnicos concursados que fizeram acordo e venderam seus votos, em troca de uma transferência para Palmas e outro para assumir a diretoria de finanças da Unidade Acadêmica. Legalmente, o candidato que concorreu comigo não poderia, pois não tinha título de doutor e a legislação exige que se tenha. Mas o Reitor, Alan Kardec Barbiero, fez uma jogada política e disse que naquele momento não estavam sendo realizadas eleições para direção de campus, mas para coordenador de campus. Nessa farsa eleitoral, todos os professores ligados a antiga

UNITINS foram eleitos “coordenadores de campus”. Fizemos uma reunião entre os doutores que perderam o pleito e mesmo tendo a convicção que aquilo não poderia acontecer legalmente, decidimos não recorrer à Justiça, pois o desgaste seria grande e nós estávamos chegando. As coisas eram tão ridículas que os tais coordenadores, gozavam de todas as prerrogativas, as quais só um diretor teria direito, inclusive a gratificação.

No ano de 2005, a SESDUFT aderiu a greve nacional da categoria do docente, proposta pelo ANDES/Sindicato Nacional. Foi uma greve longa que se estendeu por 112 dias. Foi uma greve difícil, a primeira no governo petista, que da mesma que outros governos, foi incensível quanto a reivindicação dos docentes. Essa greve expôs problemas com a carreira docente. Um deles é a forma como o salário é constituído: 75% de gratificações e 25% de salário-base. Eu participei durante um longo período do Comando de Greve Nacional e durante esse tempo conheci vários professores, entre os quais a professora aposentada Solange Breta, que era de Uberlândia e com quem tive grandes afinidades e com quem mantive contatos para me auxiliar na articulação política para a Universidade Federal de Uberlândia.

Em 2006 compus a chapa da Direção, como vice-presidente. Fomos eleitos e enfrentamos grandes batalhas ideológicas e lutamos arduamente contra um processo de total descumprimentos da legislação que rege o serviço público federal. Denunciamos esquemas de uso inadequado da Universidade para atender interesses pessoais e corporativos, como por exemplo uma Pós-Graduação Lato Sensu em odontologia, sendo que a universidade nem sequer tinha um curso de Odontologia. Além de ser um curso para capitalizar determinado grupo, o mais vergonhoso é que na matriz curricular tinha a disciplina Didática do Ensino Superior, e a professora que estava como responsável era a ex-presidente da Seção Sindical. Conseguimos barrar essa escressência no Conselho Universitário, o Sindicato tinha assento e eu era o representante e lembro que peguei pesado e como resultado, ganhei alguns amigos e muitos inimigos, principalmente aqueles que estavam à frente do curso e eram bem próximos da gestão da UFT. Nesse ano começou também as discussões sobre o Programa Reuni e nós do Sindicato visitamos todos os campi da UFT, fazendo a discussão política e tentando alertar os professores sobre as armadilhas implícitas no projeto do governo. Foram discussões acaloradas, pois para os adeptos do REUNI nós do Sindicato éramos contrários a expansão das universidades e com essa narrativa

equivocada e com a velha política coronelista local, conseguiram colocar o Sindicato em rota de colisão com o DCE. Deixamos claro que ninguém era contrário a expansão das universidades, o que questionávamos era a estratégia utilizada pelo governo para realizar o REUNI, que ao nosso ver aprofundaria os problemas enfrentados pelas universidades no país inteiro, com por exemplo, a precarização do trabalho docente.

Em 2007, apesar de todos os nossos argumentos contrários a lógica do REUNI, o projeto do governo foi aprovado e salvo engano, a UFT foi uma das primeiras a aderir ao programa. Nesse ano também tivemos novas eleições para a direção dos campi da UFT e mais uma vez o reitor, quis ignorar as regras que regem a escolha para diretor de campus; mas suas pretensões foram frustradas em virtude de o Sindicato ter acionado o Ministério Público Federal, entrando com uma ação judicial contra as atitudes da gestão da UFT em relação a escolha de diretores. Mas uma vez, a gestão jogou os alunos contra o sindicato sob o pretexto de que éramos contrários à democracia. Entramos com mandato de segurança e o promotor recomendou realizar as eleições para escolha de diretor de acordo com a legislação. No entanto, a reitoria da universidade, se mostrou intransigente e não recuou. No dia da votação organizada pela reitoria, denunciemos ao Ministério Público que ordenou que a Polícia Federal, recolhesse todas as urnas e todos os materiais utilizados. Multou a reitoria e estabeleceu um prazo de 72 horas para que um novo edital eleitoral, de acordo com a legislação fosse lançado. Apesar de todo desgaste gerado, foram feitas eleições em conformidade com a legislação e o cenário político da UFT ficou menos viciado, pois a maioria dos diretores eleitos tinham autonomia para pensar e não simplesmente obedecer as ordens impostas por uma gestão dita democrática.

No campus de Miracema, eu seria o candidato único, mas como estava insustentável minha convivência naquela Universidade e por ter conseguido uma transferência para a Universidade Federal de Uberlândia, não concorri às eleições. E nesses casos, a lei prevê que na falta de Doutor, professores de outros campi que tenham titulação poderiam concorrer. O grupo do Tocantis, articulou uma candidata ligada às relações viciosas vivenciadas na UNITINS, e o grupo de oposição apoiou um candidato que não tinha vínculos com aqueles colegas tradicionalistas e reacionários, mas que pregavam um discurso marxista e progressista. O candidato que apoiamos ganhou e outras histórias foram construídas.

Apesar da minha atuação sindical, na UFT também estive envolvido nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Desenvolvi um projeto de pesquisa em parceria com um grupo de professores da UFU/Palmas, ligados ao Núcleo de Altos Estudos Indígenas, junto a comunidade Xerente, no município de Xavantinia. Desenvolvi um projeto de pesquisa individual com sem terras da região e orientei dois projetos de Iniciação Científica ligados ao PIBIC/CNPQ. Na extensão desenvolvi projetos em parceria com o Colégio Tocantins; promovi um curso de extensão sobre Cuba e outras atividades que impactaram a universidade. No ensino trabalhei com a disciplina Avaliação Educacional; Planejamento e Estágio Supervisionado. Participei da orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC; participei como membro de bancas de TCC; participei de bancas de concurso público; e coordenei o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sustentabilidade.

3.3.1. Síntese da Experiência profissional Universidade Federal do Tocantins – UFT (Vínculo: 2004 a 2007)

ATUAÇÃO
→ Professor Efetivo – 40DE
ENSINO – GRADUAÇÃO
1) Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem – Curso: Graduação em Pedagogia; 2) Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos – Curso: Graduação em Pedagogia; 3) Investigação da Prática Educacional – Curso: Graduação em Pedagogia; 4) Pesquisa Educacional – Curso: Graduação em Pedagogia; 5) Planejamento Educacional - Curso: Graduação em Pedagogia; 6) Projetos da Prática Pedagógica – Curso: Graduação em Pedagogia
ENSINO – PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
1) Metodologia da Pesquisa Educacional – Curso de Especialização – Período: 04/2004 a 07/2007
ORIENTAÇÕES – INICIAÇÃO CIENTÍFICA
1) Bolsista: Nébias Flávia da Silva Coelho – “Educação fundamental no assentamento Brejinho: proposta alternativa ou reprodução de práticas urbanas” - Iniciação Científica (Graduando em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins -

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – 2006;

2) Bolsista: Ramayana Pereira Paiva – “A concepção de escola na visão dos pais, alunos e professores do assentamento Brejinho” - Iniciação Científica (Graduando em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2006

ORIENTAÇÕES – CURSO APERFEIÇOAMENTO; ESPECIALIZAÇÃO

1) Aluna: Fabiola Maria Arais Gomes Glatz – “Um olhar diferenciado para educação do campo” – Monografia - Especialização em Orientação Educacional - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

2) Aluno: Cleber Valadares da Silva – “A repetência em matemática nos 6º anos do ensino fundamental nas escolas públicas e conveniadas do município de Paraíso do Tocantins, no ano de 2005” – Monografia - Especialização em Educação Matemática - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

3) Aluno: Francisco de Assis Alves Vanderley – “A repetência em matemática nos 6º anos do ensino fundamental nas escolas públicas e conveniadas do município de Paraíso do Tocantins, no ano de 2005” – Monografia - Especialização em Educação Matemática - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

4) Aluno: Nerom Santos Gil – “A repetência em matemática nos 6º anos do ensino fundamental nas escolas públicas e conveniadas do município de Paraíso do Tocantins, no ano de 2005” – Monografia - Especialização Em Educação Matemática - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

5) Aluna: Ana Maria Gomes dos Santos – “Avaliação: Estratégias para a construção da autonomia e instrumento essencial na melhoria da qualidade do ensino: crescimento profissional e institucional” – Monografia - Especialização em Educação Matemática - Universidade Federal do Tocantins. 2007.

ORIENTAÇÕES – TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO – GRADUAÇÃO

1) Aluna: Raimunda Pereira Silva Dias – “Avaliação da aprendizagem na 1ª Série do ensino fundamental da modalidade EJA: um estudo de caso da Escola Municipal Vilmar Vasconcelos Feitosa” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

2) Aluno: Célio Costa Lacerda – “Avaliação da aprendizagem na 2ª série do Ensino Fundamental da modalidade - EJA, suas implicações e desafios: um estudo de caso da Escola Municipal Vilmar Vasconcelos Feitosa - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia - Universidade Federal do Tocantins. 2006;

3) Aluna: Milena Alves de Souza Azevedo – “Libertando-se do polegar através do método Paulo Freire: um estudo de caso do 1º período da modalidade EJA da Escola Municipal Vilmar Vasconcelos Feitosa” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia - Universidade Federal do Tocantins. 2007;

4) Aluna: Elizabete Formiga Alves de Castro – “Programa Brasil Alfabetizado: solução para o problema do analfabetismo de jovens e adultos ou reprodução de propostas fracassadas anteriormente. Um estudo de caso no pólo de Miracema do Tocantins/TO” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia -

Universidade Federal do Tocantins. 2007; 5) Aluna: Laudiany Martins Bandeira da Silva – “Concepção e práticas avaliativas: um estudo de caso no 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Sales Pereira Marins, em Miranorte/TO” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia - Universidade Federal do Tocantins. 2007;
COORDENAÇÃO
1) Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Desenvolvimento Social – GEPEDS – Período: 02/2005 a 07/2007
REPRESENTAÇÃO
1) Representante Docente no Conselho Universitário do Campus de Palmas – Período: 04/2006 a 07/2007; 2) Membro do Grupo de Educação a Distância do Campus de Palmas – Período: 05/2005 a 07/2007; 3) Membro do Comitê de Ética em Pesquisa – Período: 04/2004 a 07/2007; 4) Membro da comissão para elaboração do Projeto Pedagógico do Mestrado Profissional em Educação – Campus de Palmas - Período: 01/2006 a 03/2006; 5) Membro da Comissão Organizadora do II Seminário de Educação à Distância da UFT e I Teleconferência em EaD no Estado do Tocantins – Período: 11/2004
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – ARTIGO
1) COSTA, A. C. M. “Reflexões sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil”. In: Interface (Porto Nacional), Porto Nacional - TO, v. 3, p. 1005-117, 2006
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TEXTO EM JORNAL
1) COSTA, A. C. M. O Telejornal: algumas considerações. Jornal Do Tocantins, Palmas/TO, p. 4 - 4, 26 fev. 2005
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TRABALHO COMPLETO PUBLICADO
1) COSTA, A. C. M. As relações entre governo federal x movimento social x universidade no desenvolvimento do Pronera no Estado de São Paulo. In: VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural - La cuestion rural em América Latina: Exclusion y resistencia social - Por um agro com soberania, democracia y sustentabilidad., 2006, Quito. p. 144-145
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – RESUMOS PUBLICADOS
1) COSTA, A. C. M. As práticas avaliativas desenvolvidas em escolas de assentamento do Município de Miracema do Tocantins. In: IV Encontro de Educação do Oeste Paulista, 2006, Assis. IV Encontro de Educação do Oeste Paulista, 2006;

2) COSTA, A. C. M. As práticas avaliativas desenvolvidas em escolas de assentamento do município de Miracema do Tocantins. In: VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural - La cuestion rural em América Latina: Exclusion y resistencia social - Por um agro com soberania, democracia y sustentabilidad., 2006, Quito: ALASRU, 2006. p. 505
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PALESTRAS, MINI-CURSOS
1) Avaliação do Processo de Ensino e de Aprendizagem. 2004. (Curso de curta duração ministrado/Especialização); 2) Metodologia da Pesquisa Educacional. 2004. (Curso de curta duração ministrado/Especialização)
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
1) 1º Seminário Nacional sobre Educação Básica de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária. 2006; 2) 25º Congresso do Andes/SN. 2006; 3) Profissão Docente - Prática Social e Política Sindical. 2006; 4) III Seminário da luta pela Terra a construção da Cidadania: Sem-Terra, Negros e Índios: Sujeitos históricos na luta por um país sem latifúndio, sem preconceitos e com Educação - As práticas avaliativas no assentamento do Brejinho. 2007; 5) Programa de Capacitação do Banco de Avaliadores do SINAES. 2007; 6) Escolas Democráticas III. 2007.
CONSULTORIA
1) Consultor Ad-Hoc Universidade Federal de Pelotas/ Faculdade de Educação – Período: 08 e 09/2006; 2) Assessor Ad-Hoc na análise de Projetos de Pesquisa Científica e Tecnológica – Período: 10 e 11/2006
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS – ESPECIALIZAÇÃO
1) Banca de Jocifran da Silva Coelho – “As novas tecnologias no ensino da matemática na Escola Municipal Jorge Amado” - Especialização em Educação Matemática/Universidade Federal do Tocantins – 2006; 2) Banca de Jaime do Espírito Santo Vieira Júnior – “Análise dos erros cometidos nas operações fundamentais pelos alunos no 1º ano médio básico do CEM-Dona Filomena” - Especialização em Educação Matemática/Universidade Federal do Tocantins – 2006
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS – CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

1) Banca de Elza Rodrigues Maciel Souza – “O processo de alfabetização dos jovens e adultos em Miracema: em foco a Escola Municipal Vilmar Vasconcelos Feitosa” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2006;

2) Banca de Leila Maria Cardoso de Oliveira – “A importância da leitura na formação social do cidadão e as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos da 4ª série do ensino fundamental da Escola Antônio Pereira de Sousa - Miranorte/TO” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2006;

3) Banca de Rosilene Moura Aguiar Oliveira – “Gestão Democrática da Escola: Planejamento Emancipador e Mecanismos de Participação” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins - 2006

PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS

1) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto - na Universidade Federal do Tocantins em 2004 - Membros: COSTA, A. C. M.; TEIXEIRA, P. C. M.; ADORNO, L. F. M.;

2) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins em 2004 – Membros: COSTA, A. C. M.; FREIRE, J. C. da S.; PASSOS, V. M. de A.;

3) Banca Examinadora de Concurso Público para Auxiliar de Ensino, Professor Assistente e Professor Adjunto - na Universidade Federal do Tocantins em 2005;

4) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins em 2005 – Membros: COSTA, A. C. M.; CARDOSO, A. C. M.; FREIRE, J. S. E.;

5) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins em 2005 – Membros: COSTA, A. C. M.; FREIRE, J. C. da S.; PASSOS, V. M. de A.;

6) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins em 2006 – Membros: COSTA, A. C. M.; FREIRE, J. C. da S.; LIMA, M. A. C.;

7) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto na Universidade Federal do Tocantins em 2006 – Membros: COSTA, A. C. M.; PASSOS, M. A.; FREIRE, J. C. da S.

PRODUÇÃO TÉCNICA – ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

1) I Ciclo de Debates: Sem-Terras, Negros e Índios. 2006

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – CAMPUS DE MIRACEMA

1) A TV Digital no Brasil: os padrões internacionais e as relações de poder – Período: 05/2007;

2) III Seminário: Da Luta pela Terra a construção da Cidadania – Período:

04/2007; 3) I Ciclo de Debates: Sem-Terras, Negros e Índios – Período: 04/2006; 4) Palestra: A concepção Freiriana de Educação e de Sociedade – Período: 04/2006; 5) Brincando e aprendendo na UFT – Período: 03/2005 a 11/2005; 6) As lutas sociais no campo: o massacre do Eldorado dos Carajás – Período: 04/2005; 7) Oficina sobre Avaliação do processo de ensino e aprendizagem aos professores da rede pública municipal de ensino de Miracema – Período: 10/2004; 8) Simpósio de Educação – Período: 10/2004; 9) Mini-curso: Mídia e Educação – Período: 10/2004; 10) Acampamento pedagógico: Viver, aprender e conviver: tudo pode ser divertido – Período: 03/2004
PROJETOS DE PESQUISA
1) Coordenador do Projeto: Formação de nível básico para trabalhadores rurais – Período: 2005 a 2007

3.4. Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Ingressei na Universidade Federal de Uberlândia no segundo semestre de 2007, através de um processo de redistribuição. Fui lotado na Faculdade de Educação – FAGED, cuja direção estava sob responsabilidade do Prof. Dr. Marcelo Soares Pereira da Silva. Pela minha formação e pela demanda existente, fui inserido no Núcleo de Política e Gestão da Educação e trabalhei inicialmente com turmas de Política e Gestão da Educação nas Licenciaturas; com Estágio Supervisionado e PIPE na pedagogia.

Durante um Congresso do ANDES/SN, realizado em São Luiz/MA, já havia conhecido alguns professores da UFU que faziam parte da Direção do Sindicato; conheci os professores Antônio Bosco (FAGED), Venilton (ESEBA), Maria Alice (Agronomia); Aparecida (professora aposentada do curso de Direito). Quando cheguei na UFU, a minha primeira providência foi me associar à Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia – ADUFU, Seção Sindical do ANDES/SN. A centralidade dos debates do Sindicato naquele momento girava em torno de duas questões pontuais: o combate ao REUNI e a filiação ou não do ANDES à Central Sindical e Popular – CSP/CONLUTAS.

Na UFU, a discussão mais acalorada se dava em torno do Projeto REUNI. Todas as Faculdades discutiram exaustivamente o Programa de Expansão proposto pelo Governo Lula; a Gestão da UFU, ideologicamente identificada com o Partido dos Trabalhadores – PT, defendia veementemente a adesão ao Reuni. A direção da FAGED era favorável a adesão ao Programa; os professores mais ligados ao sindicato eram contra; a Diretora de Graduação, defendia a posição da Reitoria, outros defendiam interesses próprios. As reuniões eram tensas e muito desgastantes, pois o grupo de professores era nitidamente dividido. A UFU foi uma das últimas universidades a aderir ao REUNI, e sua aprovação se deu num clima muito tenso, em uma reunião “secreta”, fora do prédio da Reitoria, pois no dia da votação, estudantes, professores e técnicos bloquearam a entrada dos representantes do Conselho Universitário às dependências da Reitoria. Diante dessa reação da comunidade acadêmica a reunião foi realizada num local só divulgado, por celular, aos conselheiros. Assim, em meados de 2007 o REUNI foi aprovado na UFU e sua implantação e implementação começaram em fevereiro de 2008.

Em 2008, a convite do professor Guimes, compus uma chapa para disputar as eleições para a Reitoria, na composição da chapa, o Prof. Guimes era candidato a Reitor; o prof. Antonio Bosco era candidato a Vice-Reitor e eu Pró-Reitor de Extensão. A nossa chapa se chamava Democracia-Inclusão-Diversidade. Entre os princípios da chapa estavam a paridade, entre técnicos, discentes e docentes nos conselhos superiores, o cumprimento das modificações da LDBEN trazidas pelas leis 10.639/03 (temática afro-racial) e 11.635/08 (temática indígena), a defesa da autonomia da universidade, entre outros. Essa chapa foi uma chapa de protesto, tratamos a realidade sem melindres e isso incomodou muita gente, mesmo assim obtivemos 11% dos votos, o que foi avaliado como positivo na avaliação que fizemos, levando em consideração que não tínhamos dinheiro para fazer uma campanha como as outras chapas fizeram e mais do que isso, levando em consideração que a UFU é uma universidade extremamente tradicional, que reflete a sociedade uberlandense. Nesse contexto, um negro à frente da Reitoria, não é algo ainda admissível, mas tenho muita esperança que essa situação vai ser transmutada. Com as políticas afirmativas em curso, a universidade vai sendo ocupada por negros e negras, alunos e alunas das regiões periféricas que trazem sua cultura para dentro da universidade, transformando-a em um ambiente lindamente diverso.

Em 2009, tentei ingressar na pós-graduação, na linha de Política Educacional. Entreguei toda a documentação exigida e fiquei aguardando a análise. Fiquei sabendo, através de um professor, que na linha de política meu credenciamento havia sido aprovado. Fiquei feliz, porque vislumbrava a possibilidade de trabalhar com pesquisas na área de educação e movimentos sociais. Mas, uma semana depois, fui informado que numa reunião do Conselho da Pós-graduação, meu credenciamento não foi referendado, porque minha produção acadêmica na época não atendia as exigências requeridas. Diante deste fato foquei minhas energias nas atividades de ensino e extensão, mas sem descuidar da pesquisa, embora restrita aos projetos individuais, alguns coletivos e projetos de iniciação científica. Buscar fortalecer a produção científica tem sido meu objetivo visando em breve o ingresso no programa de pós graduação strito sensu.

Com o passar dos anos fui percebendo que na FACED os movimentos sociais sempre foram objetos de pesquisas, mas em raríssimos contextos foram considerados parceiros num projeto que visasse a extinção do latifúndio do saber. Na verdade a UFU não tem tradição de trabalhos com movimentos sociais, a exceção se fez na gestão da Pró-Reitoria de Extensão do professor Gabriel Palafox, esse é um fato constatado não apenas por mim, mas pelos próprios movimentos sociais e pelos poucos professores que se dedicam ao trabalho com eles.

No meu trabalho de extensão tive a oportunidade de conviver com diferentes movimentos sociais: Sem Terras, Sem Tetos, Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas, Grupos de Congos de Uberlândia, Grupos Religiosos de Matriz Africana, Grupo Abadá Capoeira, Crianças e Adolescentes em situação de risco. Desenvolvi vários projetos com e sem recursos. Os trabalhos com os sem tetos, povos indígenas e quilombolas, foram projetos desenvolvidos com recursos próprios ou com recursos dos parceiros institucionais que fui constituindo ao longo do caminho, em especial professores das Universidades Federais do Tocantins, campus de Arraias; Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Federal de Ouro Preto e Universidade Federal do Pará.

Os projetos com o Congos e com o Grupo Abadá Capoeira, foram projetos realizados com Emenda Parlamentar, do deputado Gilmar Machado e também com recursos próprios. O trabalho com os Sem Terra, mas especificamente sobre educação do campo, foram projetos com recursos da CAPES e da extinta SECADI/MEC, a saber: PIBID INTERCULTURAL: Educação do Campo (CAPES); Curso de Pós-graduação

Lato Sensu em Educação do Campo (SECADI/MEC); Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo, ligado ao Programa Escola da Terra (SECADI/MEC). O projeto com as crianças e adolescentes em situação de risco, foi desenvolvido com recursos do Governo Federal, através do Programa de Extensão – PROEXT. Os trabalhos com os Grupos Religiosos de Matriz Africana, foram desenvolvidos sem recursos. Os trabalhos desenvolvidos com os povos indígenas foram desenvolvidos com recursos federais.

Na FAGED tive poucos parceiros para o desenvolvimento desses projetos, pois a maioria dos meus colegas não têm muito interesse e nem perfil para trabalhar com movimentos sociais. As pessoas na FAGED procuram desenvolver trabalhos como os movimentos sociais são: professores Cairo e Benerval; professoras Elenita Pinheiro, Maria Vieira e Olenir. A maior parte dos trabalhos de extensão desenvolvidos na FAGED/UFU foi através da parceria com colegas de outras unidades acadêmicas, em especial como os professores João Cleps e Marcelo Chelloti do Instituto de Geografia; professora Cristiane Betanho, da Faculdade de Gestão e Negócios; Prof. Guimes do Instituto de Química/Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro – NEAB; professora Raquel do Instituto de Artes e professora Yaska Antunes do Curso de Teatro.

3.4.1 Síntese da Experiência profissional: Universidade Federal de Uberlândia – UFU

ATUAÇÃO
→ Professor Efetivo – 40DE
ENSINO – GRADUAÇÃO
1) Política e Gestão da Educação – Cursos: Ciências Biológicas; Geografia diurno; Geografia noturno; Artes Visuais integral; Artes Visuais noturno; Física; Letras; Matemática; História; Pedagogia; Filosofia; Ciências Sociais; 2) Estágio Supervisionado de prática Educativa II – Curso: Enfermagem; 3) Estágio Supervisionado 4 - Inspeção Escolar no Ensino Fundamental e Médio – Curso: Pedagogia; 4) Princípios e Organização do Trabalho do Pedagogo I – Curso: Pedagogia
ENSINO – CURSO DE APERFEIÇOAMENTO
1) Avaliação Educacional nas Escolas do Campo – disciplina ministrada no Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo: Escola da Terra, promovido pela FAGED/UFU em 20/10/2018

ORIENTAÇÕES – PROJETO PIBID E OUTRA NATUREZA

1) Bolsista: Hugo Ricardo Ribeiro dos Santos - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - História - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

2) Bolsista: Aline Lúcia de Paulo - Disciplina: Políticas e Gestão da Educação - 2012. Orientação de outra natureza - Universidade Federal de Uberlândia. 2012;

3) Bolsista: Flávia Gabriella Franco Mariano - Disciplina: Políticas e Gestão da Educação - Orientação de outra natureza - Universidade Federal de Uberlândia. 2012;

4) Bolsista: Isabel Alves Simão. PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - Pedagogia - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

5) Bolsista: Isabela de Barros Lopes. PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - Letras - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

6) Bolsista: Gabriela de Araújo Oliveira - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo”. 2012. Orientação de outra natureza - História - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

7) Bolsista: Jaqueline Freitas Januário - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - Letras - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

8) Bolsista: Orídia Machado de Oliveira - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - Letras - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

9) Bolsista: Victor Hugo Soliz - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - História - Universidade Federal de Uberlândia. 2012;

10) Bolsista: Livia Mazer Ferraz - PIBID – “Educação Popular com ênfase em Educação do Campo” - Orientação de outra natureza - Biologia - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2012;

11) Bolsista: Wagner Luiz Lotti - PIBID – “A Atuação do Pedagogo na Gestão da Escola”. Orientação de outra natureza - Geografia - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2013;

12) Bolsista: Bianca Rodrigues Cabral - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo - Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

13) Bolsista: Hugo Ricardo Ribeiro dos Santos - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático:

Educação do Campo – Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

14) Bolsista: Gabriela Oliveira de Araujo - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo - Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

15) Bolsista: João Henrique da Silva - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo – Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

16) Bolsista: Isabela de Barros Lopes - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo - Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

17) Bolsista: Larissa Ferreira da Silva - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo – Período: 2014-2015 - Universidade Federal de Uberlândia. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ORIENTAÇÕES – INICIAÇÃO CIENTÍFICA

1) Aluna: Ananda Roberta Alves dos Santos – “A influência das idéias de Paulo Freire na proposta educativa do MST” - Iniciação Científica (Graduando em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2009;

2) Aluna: Michelle Cândida de Oliveira – “As políticas públicas de Educação Infantil em áreas rurais e urbanas no Município de Uberlândia-MG no período de 2008 a 2009” - Iniciação Científica. (Graduando em Educação Física) - Universidade Federal de Uberlândia - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. 2010;

3) Aluna: Marielle Cardosos Marra – “As práticas avaliativas desenvolvidas nas escolas rurais da região do Triângulo Mineiro - Iniciação Científica (Graduando em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2012;

4) Aluno: Gustavo de Castro Silva – “Estudando, analisando e refletindo sobre a temática da Educação Ambiental a partir das propostas pedagógicas das Escolas Rurais e Urbanas de Uberlândia - Iniciação Científica (Graduando em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal de Uberlândia - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. 2012;

5) Aluna: Adriana Costa Mendes – “As práticas avaliativas desenvolvidas nas Escolas Rurais da região do Triângulo Mineiro” - Iniciação Científica (Graduando em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Uberlândia. 2013.

ORIENTAÇÕES – CURSO APERFEIÇOAMENTO; ESPECIALIZAÇÃO

1) Alunos: Maysa do Carmo de Paula; Wanderlino José Teixeira – “Arte, Lazer e Cultura no Assentamento Roseli Nunes III” - Monografia - Especialização em

Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016;

2) Alunas: Carmem L. Oliveira; Flávia Fátima Brito; Larissa V. Franco – “Projeto solo verde: projeto pedagógico para alunos de escolas rurais” – Monografia - Especialização em Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016;

3) Alunos: Irene Beatriz Fontes Nogueira; Sebastião Antônio de Abreu – “O camponês e o protagonismo na educação da tecnologia agroecológica: o caso da ACAMPRA e do Projeto Rondon” – Monografia - Especialização em Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016;

4) Alunos: Ana Claudia Matias Faria; Jahellen Gomes Silva; Jussara Gomes – “O solo como ferramenta transformadora didático-pedagógico” – Monografia - Especialização em Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016;

5) Alunas: Aparecida L B; Maria Salomé M D; Michele M S; Rosimeire C P – “Plantas medicinais no contexto histórico cultural da educação do campo” – Monografia - Especialização em Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016;

6) Alunos: Maria L F; Ricardo L F; Solange O S; Maycon S C; Alexandre F – “O ensino de geografia e matemática nas escolas do campo” – Monografia - Especialização em Educação do Campo - Universidade Federal de Uberlândia. 2016.

COORDENAÇÃO DE CURSO

1) Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo: Escola da Terra promovido pela Faculdade de Educação (FACED/UFU) – Período: 10/2017 a 08/2018;

2) Coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Educação do Campo (Portaria 004/2015/FACED de 27/02/2015) – Período: 11/2014 a 10/2016

MEMBRO DE COMISSÃO

1) Comissão Permanente para análise dos Relatórios de Progressão e Promoção dos docentes da FACED (Portaria nº025/14/FACED/UFU; Portaria nº 027/15/FACED/UFU; Portaria nº 020/16 de 18/07/2016);

2) Comissão Permanente de Acompanhamento e Controle fiscal da Faculdade de Educação (Portaria nº077/13/FACED/UFU) – Período: 12/2013 a 12/2014;

3) Comissão com a finalidade de coordenar, organizar, consultar e discutir com a comunidade acadêmica da UFU e apresentar propostas para estrutura organizacional e regimental do centro (PORTARIA R nº 806 de 22/04/2013 de 22/04/2013) – Período: 04/2013 a 12/2013;

4) Comissão com o propósito de analisar o pedido de reconhecimento de diploma de Mestrado, obtido na Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, Portugal, em Língua Portuguesa (Portaria SEI PROPP nº 29, de 10 de agosto de 2018);

5) Comissão de Assessoramento e Apoio para desenvolvimento da Educação das Relações Étnico-Raciais na UFU, ligada à Pró-Reitoria de Graduação/PROGRAD (Portaria/PROGRAD nº.002, de 16 de junho de 2014) – Período: 06/2014 a 12/2016;

6) Comissão Julgadora de Exame de Suficiência do Componente Curricular:

Sociedade, Trabalho e Educação (Portaria nº 012/15/FACED/UFU) Período: 07 e 08/2015.
PARTICIPAÇÃO EM CONSELHOS
1) Membro do Colegiado Curso de Letras-UFU – Período: 07/2008 a 07/2010 2) Membro do Conselho da Faculdade de Educação – Período: desde 2007
MEMBRO - NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE-NDE
1) Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Licenciatura em Química - da UFU (Portaria nº049, de 20 de setembro de 2013) – Período: 09/2013 a 12/2013
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – ARTIGOS
1) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. “Escola Nacional Florestan Fernandes: uma alternativa de enfrentamento da lógica capitalista”. In: Revista de Educação Popular (Impresso), v. 7, p. 169-172, 2008; 2) COSTA, A. C. M. “Educação de Jovens e adultos no Brasil: novos programas, velhos problemas”. In: Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional (Curitiba. Impresso), v. 4, p. 64-82, 2009; 3) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. “Paulo Freire e a formação do MST: resistência à velha e clássica organização do trabalho pedagógico”. In: Revista de Educação Popular (Impresso), v. 9, p. 46-54, 2010; 4) COSTA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. C. “As Políticas Públicas de Educação Infantil no contexto do Neoliberalismo”. In: Revista de Educação Popular (Impresso), v. 7, p. 1-185, 2011; 5) REIS, A. C. A. dos; FRANÇA, M.; COSTA, A. C. M. “Ambiente escolar e o Ideb em municípios do Pará, Rio Grande do Norte e Minas Gerais”. In: Revista Educação em Questão (Online), v. 55, p. 254, 2017
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – LIVROS PUBLICADOS
1) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Diversidade e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. 1. ed, 2014; 2) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Diversidade e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. 2. ed. Uberlândia: Profilme, 2015. v. 2; 3) COSTA, A. C. M. I Jogos Mundiais Indígenas: celebração e encontro de culturas. 1. ed. Uberlândia/MG: RB Digital, 2016. v. 1. 270p; 4) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. (Org.); ARRUDA, E. P. (Org.). Educação no e do Campo: olhares que se cruzam. 1. ed. Uberlândia/MG: EDUFU, 2017. v. 1. 300p.
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – ORGANIZAÇÃO DE LIVROS
1) COSTA, Antônio Claudio Moreira; PEREIRA, Maria Simone Ferraz (Org.); PIMENTA, A. R. (Org.). Educação no e do Campo: olhares que se cruzam. 1. ed.

Uberlândia: UFU, 2017. v. 300. 272 – ISBN: 978-85-68351-74-1;

2) COSTA, Antônio Claudio Moreira (org.). I Jogos Mundiais Indígenas: celebração e encontro de culturas. Uberlândia: RB Digital, 2016 – 270p. ISBN: 978-85-68351-57-4

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS

1) COSTA, A. C. M. Telejornal e Educação: um diálogo (im)possível. In: Antônio Bosco de Lima e Maria Vieira Silva. (Org.). Escolas Democráticas: Estado, Políticas e Movimentos Sociais. Uberlândia: LOP'S, 2008;

2) COSTA, A. C. M.; LIMA, A. B. Políticas públicas e avaliação: sobre o controle a emancipação humana. In: Antônio Bosco de Lima e Gabriel Humberto Munoz Palafox. (Org.). Estado e políticas públicas em tempos de reformas. Atomo, 2010;

3) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. Paulo Freire e a Formação do MST: resistência à velha e clássica organização do trabalho pedagógico. In: Salomão Antônio Mufarrej Hage; Damião Bezerra Oliveira; Darinêz de Lima Conceição; Giselle da Silva Souza; Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues. (Org.). Paulo Freire e a Formação do MST: resistência à velha e clássica organização do trabalho pedagógico. 1 ed. Belém: Gráfica Alves, 2012, v. 1, p. 79-84;

4) COSTA, A. C. M.. Educação do Campo: História e perspectivas contra-hegemônicas em uma sociedade capitalista. In: Salomão Antônio Mufarrej Hage; Damião Bezerra Oliveira; Darinêz de Lima Conceição; Giselle da Silva Souza; Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues. (Org.). Educação do Campo: políticas e práticas educacionais no Pará e no Brasil. 1 ed. Belém: Gráfica Alves, 2012, v. 1, p. 49-58;

5) COSTA, A. C. M. O PIBID e a educação do campo na UFU: reflexões sobre uma caminhada. Diálogos do PIBID com as escolas do/no campo. 1 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2016, v. 1, p. 160-183;

6) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. Função Social da Escola Burguesa: revisitando conceitos.. In: Antônio Cláudio Moreira Costa; Alessandro Rodrigues Pimenta; Maria Simone Ferraz Pereira. (Org.). Educação no e do Campo: olhares que se cruzam. 1 ed. EDUFU: Uberlândia, 2017, v. 1, p. 87-110;

7) PEREIRA, M. S. F.; COSTA, A. C. M. A Avaliação e a Produção da Qualidade na Escola Pública de Educação Básica. In: Dalva Valente Guimarães Gutierrez, Maria Goretti Cabra Barbalho, Maria Simone Ferraz P. Moreira Costa. (Org.). Dimensões do PAR: contextos e estratégias de implementação. 1 ed. Campinas - SP: Mercado das Letras, 2017, v. 1, p. 47-74

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS

1) COSTA, A. C. M. As práticas avaliativas no assentamento do Brejinho. In: III Seminário da Luta pela Terra a Construção da Cidadania: Sem-Terra, Negros e Índios: sujeitos históricos na luta por um país sem latifúndio, sem preconceitos e com educação, 2007, Miracema do Tocantins;

2) COSTA, A. C. M.; LIMA, A. B. Avaliação como forma de Controle e de

Emancipação Humana. In: IV Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, 2008, Uberlândia – MG;

3) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. Participação Estudantil no processo de Avaliação Institucional da Escola: Princípio para a auto-organização dos Alunos. In: IX Seminário Nacional: Uno e o Diverso na Educação Escolar e XIV Seminário Regional sobre Formação do Educador, 2008, Uberlândia;

4) COSTA, A. C. M. Metodologia alternativa de trabalho em assentamentos de reforma agrária. In: III Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares, 2008, Uberlândia;

5) BARROS, C. V. B.; SANTOS, A. C. O. dos; COSTA, A. C. M. Telecentros e Inclusão digital: resultados parciais sobre levantamentos de projetos inclusivos em Uberlândia - MG. In: I Simpósio de Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã - LECOTEC, Bauru: LECOTEC/UNESP, 2009;

6) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. Participação estudantil no processo de Avaliação Institucional da Escola: uma alternativa para a Gestão Democrática. In: V Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente, 2009, Uberlândia;

7) SANTOS, A. C. O. dos; COSTA, A. C. M. Sociedade informacional e exclusão: Os projetos de inclusão digital em Uberlândia-MG. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba;

8) COSTA, A. C. M.; SANTOS, A. C. O. dos; BARROS, C. V. B. Resultados Parciais sobre levantamentos de telecentros e demais projetos inclusivos em Uberlândia. In: IV Congreso de la Cibernsiedad, 2009;

9) COSTA, A. C. M. A influência Freiriana no processo de formação do educador do MST. In: XV Seminário Regional sobre a formação do Educador, 2010, Uberlândia.

10) COSTA, A. C. M. A influência das idéias de Paulo Freire no processo de formação do MST. In: XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 2010, Belo Horizonte;

11) COSTA, A. C. M. Educação do Campo: História e Perspectivas Contra Hegemônicas Em Uma Sociedade Capitalista. In: I Encontro Internacional de Educação do Campo, 2010, Brasília;

12) COSTA, A. C. M.; PEREIRA, M. S. F. Paulo Freire e a formação Do MST: resistência à velha e clássica forma de organização do trabalho pedagógico. In: X Encontro de pesquisa em Educação da Anped Centro Oeste: Desafios da produção e divulgação do conhecimento, 2010, Uberlândia;

13) COSTA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. C. As políticas públicas de Educação Infantil no contexto do Neoliberalismo. In: X Encontro de Pesquisa em educação da Anped Centro Oeste: desafios da produção e divulgação do conhecimento, 2010, Uberlândia;

14) COSTA, A. C. M.; PASSOS, D. C.; FARIA, M. V.; ROCHA, P. C. Metodologia da problematização: uma alternativa para o desenvolvimento da educação do campo. In: VI Simpósio Internacional - O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente e II Seminário Internacional da Educação do Pontal do Triângulo

Mineiro, 2011, Uberlândia;

15) COSTA, A. C. M. Educação em alternância e educação para a cooperação: bases educativas para a educação do Campo. In: ENPECPOP - Encontro nacional de Pesquisadores e Culturas Populares, 2011, Uberlândia;

16) COSTA, A. C. M. A importância do PIBID para os alunos das licenciaturas. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

17) COSTA, A. C. M. Acessibilidade na escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

18) COSTA, A. C. M. Limites e possibilidades do PIBID/Educação do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

19) COSTA, A. C. M. A interface entre escolaridade, profissão e renda familiar do campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

20) COSTA, A. C. M. Os Desafios da Escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

21) COSTA, A. C. M. PIBID Educação Popular com Ênfase e Educação do Campo: um novo paradigma para a educação das escolas rurais. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

22) COSTA, A. C. M. PIBID Educação Popular com Ênfase no Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

23) COSTA, A. C. M.; SIMAO, I. A. PIBID Educação do Campo: impactos e contradições para a formação docente. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no Campo, 2013, São Carlos;

24) COSTA, A. C. M.; LOPES, I. B.; OLIVEIRA, G. A. Acessibilidade e Inclusão nas Escolas do Campo. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no Campo, 2013, São Carlos;

25) COSTA, A. C. M.; SIMAO, I. A. PIBID Educação do Campo: Impactos e Contribuições para a Formação Docente. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no campo Educação do Campo: Conteúdo e Método, 2013, São Paulo;

26) COSTA, A. C. M.; LOPES, I. B.; OLIVEIRA, G. A. Acessibilidade e Inclusão nas Escolas do Campo. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no campo Educação do Campo: Conteúdo e Método, 2013, São Paulo;

27) COSTA, A. C. M. Leitura e escrita da língua Portuguesa e inter-relação com a língua inglesa na educação do campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

28) COSTA, A. C. M. Estudando, analisando e refletindo sobre a temática da educação ambiental a partir das propostas pedagógicas das. In: VII Simpósio

Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

29) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Avaliação Sistêmica como Política de Regulação da Qualidade Educacional. In: XXVII Simpósio de Política e Administração da Educação, 2015, Olinda;

30) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Prática Pedagógica e avaliação no plano de ações articuladas (PAR): a pesquisa e suas intenções. In: XXVII Simpósio de Política e Administração da Educação, 2015, Olinda;

31) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Avaliação Externa e o discurso da qualidade: Influências no currículo escolar. In: VIII Simpósio Internacional O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente e X Seminário Regional da ANPAE Sudeste, 2016, Uberlândia;

32) COSTA, A. C. M. O PIBID e a educação do campo na UFU: reflexões sobre uma caminhada. In: I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras, 2016, Uberlândia;

33) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Práticas Pedagógicas em Escolas no campo: constatações, análises e proposições. In: I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras, 2016, Uberlândia;

34) COSTA, A. C. M.; PAULA, H. V. C.; PEREIRA, M. S. F. Formação Docente, Movimentos Sociais e Práticas de Ensino: para além da lógica produtivista de currículo. In: Seminário Internacional e IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo: Políticas Educacionais para o meio rural na América Latina, 2017, São Carlos, v. 1. p. 783-787;

35) SILVA, Michele Maria da; COSTA, Antônio Claudio Moreira. “A formação de educadores do campo: a experiência do programa Escola da terra desenvolvida pela FAGED/UFU”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019 – pág: 563-572

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – RESUMO EXPANDIDO PUBLICADO

1) COSTA, A. C. M.; PASSOS, D. C.; FARIA, M. V.; ROCHA, P. C. Metodologia da problematização: uma alternativa para o desenvolvimento da Educação do Campo. In: VI Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo Presente, 2011, Uberlândia;

2) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Avaliação Externa e o discurso da qualidade: Influências no currículo escolar. In: VIII Simpósio Internacional O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente e X Seminário Regional da ANPAE Sudeste, 2016;

3) COSTA, Antônio Claudio Moreira. “Educação superior do Campo na Região do Triângulo Mineiro”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019 – pág. 777-781;

4) KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; COSTA, Antônio Claudio Moreira. “As

manifestações afro-brasileiras como estratégias pedagógicas para a implementação da LEI 10.639”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019 – pág: 134-138

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – RESUMOS PUBLICADOS

1) SANTOS, A. C. O. dos; COSTA, A. C. M. Sociedade Informacional e exclusão: Os projetos de Inclusão Digital em Uberlândia - MG. In: Octava Conferencia Iberoamericana en Sistemas, Cibernética e Informática: CISCi, 2009, Flórida – EUA;

2) COSTA, A. C. M.; SIMAO, I. A. PIBID Educação do Campo: Impactos e Contribuições para a Formação Docente. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no campo Educação do Campo: Conteúdo e Método, 2013;

3) COSTA, A. C. M.; OLIVEIRA, G. A.; LOPES, I. B. Acessibilidade e Inclusão nas Escolas do Campo. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no campo Educação do Campo: Conteúdo e Método, 2013;

4) COSTA, A. C. M. Leitura e escrita da língua Portuguesa e inter-relação com a língua inglesa na educação do campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

5) COSTA, A. C. M. Estudando, analisando e refletindo sobre a temática da Educação Ambiental a partir das propostas pedagógicas das. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

6) COSTA, A. C. M. A importância do PIBID para os alunos das licenciaturas. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

7) COSTA, A. C. M. Acessibilidade na escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

8) COSTA, A. C. M. Limites e possibilidades do PIBID/Educação do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

9) COSTA, A. C. M. A interface entre escolaridade, profissão e renda familiar do campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

10) COSTA, A. C. M. PIBID Educação Popular com Ênfase e Educação do Campo: um novo paradigma para a educação das escolas rurais. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

11) COSTA, A. C. M. PIBID Educação Popular com Ênfase no Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

12) COSTA, A. C. M. Os Desafios da Escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;

13) COSTA, A. C. M.; COSTA, M. S. F. P. M. Avaliação Sistêmica como Política de Regulação da Qualidade Educacional. In: XXVII Simpósio de Política e

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PUBLICAÇÕES DIVERSAS

- 1) Editoração de Livro: COSTA, A. C. M. In: Diversidade e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Uberlândia: Profilm. 2014;
- 2) Editoração de Livro: COSTA, A. C. M. In: I Jogos Mundiais Indígenas: celebração e encontro de culturas. Uberlândia: RB Digital. 2016;
- 3) Apresentação do livro: COSTA, A. C. M. (org.). In: I Jogos Mundiais Indígenas: celebração e encontro de culturas. Uberlândia: RB Digital, 2016 – p. 3-4 - ISBN: 978-85-68351-57-4;
- 4) Editoração de Livro: PEREIRA, M. S. F.; COSTA, A. C. M. In: Educação no e do Campo: olhares que se cruzam. 2017;
- 5) Prefácio: COSTA, A. C. M. Educação do Campo e cidadania no Brasil contemporâneo. In: COELHO, G. L. S.; ARAÚJO, G. P. de. (org.). Educação do Campo e cidadania no Brasil contemporâneo. Palmas/TO: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2018 – ISBN: 978-85-60487-31-8 – pag. 11-13

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

- 1) Avaliação Formativa: experiências alternativas de avaliação. 2007;
- 2) Reforma Universitária. 2008;
- 3) A História da luta por democracia na Universidade pública brasileira. 2008;
- 4) Avaliação como forma de controle e de emancipação humana. 2008;
- 5) auto-organização dos alunos. 2008;
- 6) Metodologia Alternativa de trabalho em assentamentos de reforma agrária. 2008
- 7) Participação estudantil no processo de Avaliação Institucional da Escola: uma alternativa para a Gestão Democrática. In: V Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente, 2009, Uberlândia;
- 8) Resultados Parciais sobre levantamentos de telecentros e demais projetos inclusivos em Uberlândia. In: IV Congreso de la Cibernética, 2009;
- 9) Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Novos programas, velhos problemas. 2009;
- 10) A influência Freiriana no processo de formação do educador do MST. In: XV Seminário Regional sobre a formação do Educador, 2010, Uberlândia.
- 11) A influência das idéias de Paulo Freire no processo de formação do MST. In: XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 2010, Belo Horizonte;
- 12) Metodologia da problematização: uma alternativa para o desenvolvimento da educação do campo. In: VI Simpósio Internacional - O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente e II Seminário Internacional da Educação do Pontal do Triângulo Mineiro, 2011, Uberlândia;

- 13) Educação em alternância e educação para a cooperação: bases educativas para a educação do Campo. In: ENPECPOP - Encontro Nacional de Pesquisadores e Culturas Populares, 2011, Uberlândia;
- 14) Práticas Pedagógicas em Escolas no campo: constatações, análise e proposições. 2012;
- 15) A interface entre escolaridade, profissão e renda familiar do campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 16) A importância do PIBID para os alunos das licenciaturas. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 17) Acessibilidade na escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 18) Estudando, analisando e refletindo sobre a temática da Educação Ambiental a partir das propostas pedagógicas das. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 19) Limites e possibilidades do PIBID/Educação do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 20) PIBID Educação Popular com Ênfase no Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 21) Os Desafios da Escola do Campo. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 22) PIBID Educação Popular com Ênfase e Educação do Campo: um novo paradigma para a educação das escolas rurais. In: VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 23) Educação do Campo e Questão Agrária. 2013;
- 24) Educação do Campo: dificuldades e contradições entre a teoria e a prática. 2013;
- 25) Avaliação Sistêmica como Política de Regulação da Qualidade Educacional. In: XXVII Simpósio de Política e Administração da Educação, 2015, Olinda;
- 26) Prática Pedagógica e avaliação no plano de ações articuladas (PAR): a pesquisa e suas intenções. In: XXVII Simpósio de Política e Administração da Educação, 2015, Olinda;
- 27) O PIBID e a educação do campo na UFU: reflexões sobre uma caminhada. In: I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras, 2016, Uberlândia;
- 28) Práticas Pedagógicas em Escolas no campo: constatações, análises e proposições. In: I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras, 2016, Uberlândia;
- 29) Formação de professores para educação do e no campo do Brasil. In: Ciclo de debates Jovens, educação do e no campo e sustentabilidade planetária: reflexões para nossa América. 2017.

30) Educação do Campo e Reforma Agrária. In: parte das atividades do evento: Política, Educação e Diversidade em Tempos Sombrios / FAGED/UFU em 14/11/2017;

31) Povos Indígenas e a Diversidade Cultural. 2017;

32) “Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo: Escola da Terra”. In: II Mostra de Extensão e Cultura da UFU, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - DIREC (PROEXC DIREC) da UFU em 31/10 a 01/11/2019;

33) “Educação superior do Campo na Região do Triângulo Mineiro”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019;

34) “A formação de educadores do campo: a experiência do programa Escola da terra desenvolvida pela FAGED/UFU”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019;

35) “As manifestações afro-brasileiras como estratégias pedagógicas para a implementação da LEI 10.639”. In: 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019;

36) “Consciências”. In: Descolonialidades e Geopolíticas do Conhecimento - evento integrado no programa Centros de Gravidade, comissariado por Alexandra Balona no âmbito do projeto 7 X 7 — 7 Meses com 7 Curadores do Armazém Cowork - no dia 20/11/2019

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PALESTRAS, MESA-REDONDA, CURSO MINISTRADO

1) Curso: Avaliação Formativa: experiências alternativas de avaliação. 2007;

2) Palestra: Pesquisa ação-participante, 2011;

3) Curso: Políticas Educacionais e organizações da Escola Brasileira. 2013;

4) Expositor da mesa temática: Avaliação do Plano de Ações Articuladas: Um Estudo em Municípios do Rio Grande do Norte, Pará e Minas Gerais, no período de 2007 a 2012 – In: III Encontro Nacional dos Projetos OBEDUC – Universidade Federal do Pará – Belém/PA, 10 a 12 de dezembro de 2014;

5) Mesa Redonda: Relações Étnico-Raciais e Educação – PROGRAD/UFU, 20/11/2014

6) Debateu a mesa redonda: Avaliação do Plano de Ações Articuladas: Um Estudo em Municípios do Rio Grande do Norte, Pará e Minas Gerais – In: Colóquio dos Projetos OBEDUC – Campinas Grande – PB, 05 a 07 de maio de 2016;

7) Palestra “Formação de professores para educação do e no campo do Brasil”. In: Ciclo de debates Jovens, educação do e no campo e sustentabilidade planetária: reflexões para nossa América/ PPGD da Univ. Estadual de Goiás em 21/10/2017

8) Palestra: “Educação do Campo e Reforma Agrária”. In: parte das atividades do evento: Política, Educação e Diversidade em Tempos Sombrios – FAGED/UFU em 14/11/2017

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA – PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

- 1) 2º Simpósio de Educação de Jovens e Adultos e 2º Fórum de EJA do Triângulo Mineiro e Pontal do Triângulo: Paulo Freire: Vida e Obra. 2008;
- 2) Difusão Afro-Cultural na Educação. 2008;
- 3) I Congresso Coordenação Nacional de Lutas. 2008;
- 4) II Congresso de Educadores da Rede Berlaar. 2008;
- 5) IV Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente: Avaliação como forma de controle e de emancipação humana. 2008;
- 6) IX Seminário Nacional: Uno e o diverso na Educação Escolar e XIV Seminário Regional sobre Formação do Educador: Participação Estudantil no processo de Avaliação Institucional da Escola: princípio para a auto-organização dos alunos. 2008;
- 7) Seminário Monocultivo de Cana-de-Açúcar: o neocolonismo em expansão. 2008;
- 8) Capacitação dos avaliadores do BASIS no instrumento de renovação de reconhecimento de Curso. 2009;
- 9) VI Congresso de Alfabetização, IV Congresso de Educação Infantil e IV Congresso de Educação de Jovens e Adultos - Metodologia para Aprendizagem da Língua Escrita - Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Novos programas, velhos problemas. 2009;
- 10) V Simpósio Internacional o Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente - Participação estudantil no processo de avaliação Institucional da Escola: uma alternativa para a gestão democrática. 2009;
- 11) I Encontro Internacional de Educação do Campo - Educação do Campo: História e perspectivas contra hegemônicas em uma sociedade capitalista. 2010;
- 12) X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro Oeste: Desafios da produção e divulgação do conhecimento - Paulo Freire e a formação do MST: Resistência a velha e clássica forma de organização do Trabalho Pedagógico. 2010;
- 13) X Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro Oeste: Desafios da produção e divulgação do conhecimento - As políticas públicas de Educação Infantil no contexto do Neoliberalismo. 2010;
- 14) XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Políticas e Práticas Educacionais - A influência das idéias de Paulo Freire no processo de Formação do MST. 2010;
- 15) XV Seminário Regional sobre a Formação do Educador: A Influência Freiriana no Processo de formação do Educador do MST. 2010;
- 16) NPECPOP - Encontro Nacional de Pesquisadores e Culturas Populares: 'Educação em alternância e Educação para a cooperação: Bases educativas para a educação do campo'. 2011;
- 17) VI Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente - Metodologia da problematização: Uma alternativa para o desenvolvimento

da Educação do Campo. 2011;

18) XVI ENDIPE - Práticas Pedagógicas em escolas no campo: Constatações, análise e proposições. 2012;

19) Curso de Extensão: Contribuições da Geografia Agrária com a Educação do Campo. 2013;

20) Educação do Campo e questão agrária. 2013;

21) III Encontro Nacional do Projeto OBEDUC – Par - Aspectos Estruturais dos Municípios Mineiros. 2013;

22) II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no Campo Educação do Campo: Conteúdo e Método – PIBID - Educação do Campo: Impactos e contribuições para a formação docente. 2013;

23) VII Simpósio Internacional: O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - A interface entre escolaridade, profissão e renda familiar no campo. 2013;

24) Visita técnica às Aldeias e Escolas Guarani-Kaiowá - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 2013;

25) I Reunião técnica do Projeto: Avaliação do Plano de ações articuladas: Um estudo nos Municípios do Rio Grande do Norte, Ará e Minas Gerais, no período de 2007 a 2012. 2014;

26) Mesa Redonda: Relações Étnico-Raciais e Educação. 2014;

27) Ser Professor(a) da Escola Pública Primária Rural em Minas Gerais : Cenários e desafios (1899-1911). 2014;

28) III EMEC - Encontro Mineiro de Educação do Campo: da luta a conquista de Políticas Públicas - Que caminhos estamos construindo?. A prática de ensino em um curso de Educação do Campo: a articulação teoria-prática e os desafios para a formação docente. 2015;

29) política de regulação da qualidade educacional. 2015;

30) I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania - Povos Indígenas, Negros e Sem Terras - O PIBID e a educação do campo na UFU: reflexões sobre uma caminhada. 2016;

31) Seminário de avaliação do Projeto Escola da Terra - Formação continuada de educadores das Escolas do Campo em Minas Gerais. 2016;

32) VIII Simpósio Internacional O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente e X Seminário Regional da ANPAE Sudeste - Avaliação externa e o discurso da qualidade: influências no currículo escolar. 2016;

33) Seminário Internacional e IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo: Políticas Educacionais para o meio rural na América Latina - Formação Docente, Movimentos Sociais e Práticas de Ensino: para além da lógica produtivista de currículo. 2017;

34) Cinema, debate e religiosidade Afro Brasileira: exibição documentário “Agô Minha Mãe”. 2018;

- 35) Congresso Nacional de Capoeira e Cultura Popular. 2018;
- 36) Formação, Alfabetização e Letramento, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santa Vitória com a UFU. 2018;
- 37) Seminário BNCC. 2018;
- 38) Palestra: Outros sujeitos, outras pedagogias com Miguel Arroyo promovida pela Pró-Reitoria de Graduação/UFU em 02/04/2019;
- 39) I Encontro de Formação das Comissões de Heteroidentificação - UFU promovido pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Federal de Uberlândia - Período de 28 e 29/06/2019;
- 40) 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019;
- 41) Seminário “Educação de adultos, currículo e diversidade”. In: Ciclo de Conferências: Políticas Educativas, Literacia e Diversidade - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), em 21/02/2020

PRODUÇÃO TÉCNICA – PARECERISTA

- 1) Parecerista Ad Hoc para a Revista de Educação Educere ET EDUCARE, 2008;
- 2) Parecerista Ad Hoc para a Revista Educação e Filosofia, 2010;
- 3) Programa de Extensão Universitária, 2010;
- 4) Parecerista do Projeto do PEIC, 2013.
- 5) Comissão Científica do VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 6) Visita Técnica às Aldeias e Escolas Guarani-Kaiowá, 2013;
- 7) Comissão científica do IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - CAPES/PIBID/UFU, 2013;
- 8) Comissão Científica do IV Encontro Nacional das Licenciaturas e II Seminário Nacional do PIBID, 2013;
- 9) Comissão Científica do VII Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no tempo presente, 2013;
- 10) Visita técnica às Aldeias e Escolas Guarini-Kaiowá - FAGED-UFU, 2014;
- 11) Comissão Científica do Seminário Nacional de Teoria Marxista, 2014;
- 12) Comissão Científica do V Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e IV Seminário Nacional do PIBID, 2014;
- 13) Parecerista dos Projetos PEIC, 2014;
- 14) Parecerista Ad Hoc da Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas, 2014;
- 15) Comissão Científica do I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras, 2016;
- 16) 9º Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo

presente - promovido pela Faculdade de Educação/ UFU – Período: 08 a 10/05/2019
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS – MESTRADO
1) Banca de Fernanda Andrade de Faria – “Núcleo de Prática Jurídica como local privilegiado de potencializar a vertente emancipatória dos Cursos de Direito: análise comparativa de sua configuração em dois Projetos Político-Pedagógicos” Mestrado em Educação/Universidade Federal de Uberlândia – 2008; 2) Banca de Alex Cristiano de Souza – “A Pesquisa em Educação do Campo na Geografia: contribuições teórico-metodológicas a partir da escola do trabalho soviética” - Mestrado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia – 2015; 3) Banca de Patrícia Afonso Ferreira – “Dizeres e não dizeres de professores de escolas rurais sobre gêneros e ensino de línguas” - Mestrado em Estudos Lingüísticos/Universidade Federal de Uberlândia – 2016; 4) Banca de Lair Miguel da Silva – “Significados ideológicos do Rural Brasileiro em fotografias do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - campo) 2016” - Mestrado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia - 2017.
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCA – QUALIFICAÇÃO DE DOUTORADO
1) Banca de Eduardo Rozetti de Carvalho – “Identidades Camponesas Ameaçadas: riscos à vida e novas ruralidades na comunidade Vila Coqueiros a partir do avanço da cana-de-açúcar” Doutorado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia, 2016
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS – DOUTORADO
1) Banca de Heloisa Vitória de Castro Paula – “A implementação dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Brasil: do PROCAMPO às Ledoes” - Doutorado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia – 2017; 2) Banca de Eduardo Rozetti de Carvalho – “Comunidades camponesas ameaçadas: riscos à vida e novas ruralidades na Vila Coqueiros a partir do avanço da cana-de-açúcar” - Doutorado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia - 2017; 3) Banca de Marcelo Venâncio – “Expressões da colonialidade no Programa de compensação ambiental Xerente (PROCAMBIX)” - Doutorado em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia - 2017.
PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCA – ESPECIALIZAÇÃO
1) Banca de Antônio Francisco do Nascimento Filho – “As dificuldades no ensino de geometria: um estudo de caso” - Especialização em Educação Matemática/Universidade Federal do Tocantins – 2007

**PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCA – TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO**

1) Banca de Maria Valdirene Cunha da Silva – “Alcoolismo: implicações escolares na vida da criança e do adolescente” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2007;

2) Banca de Marinalva Gomes de Souza – “A participação da família na Escola Francisco de Assis Nobrega: o salto para a produção da aprendizagem” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2007;

3) Banca de Wilmar Pereira da Costa – “A (des)motivação docente: uma análise do mal-estar dos professores no contexto da reestruturação produtiva” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2007;

4) Banca de Valdecy Moraes Lopes – “A leitura na EJA: dificuldades e possibilidades de sucesso” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2007;

5) Banca de Helen Cristina Oliveira Noya Santos – “Leitura escrita na 3ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Brigadeiro Lisis Rodrigues: estratégia e dificuldades” Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal do Tocantins – 2007;

6) Banca de Enise Cristina Barbaresco de Sousa – “Política de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: a perspectiva dos discentes” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

7) Banca de Pollyana do Nascimento Andrade e, Sandra Regina Brozinga Santo – “A História oral dos Afro-Descendentes” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

8) Banca de Gleice Novais Viana Lucio e, Iolanda Pinheiro Neves – “Aprendendo para a vida: lendo, interpretando e praticando a Matemática” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Matemática/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

9) Banca de Edna Neres Santana e, Odenilson Vilas Boas Lopes – “Alimentação e Saúde” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

10) Banca de Simone Pereira Gonçalves e, Sirlane Cardoso da Silva – “A questão da leitura e interpretação nas séries finais do Ensino Fundamental e os desafios na construção do conhecimento” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

11) Banca de Maria Aparecida Izidório e, Renata de Abreu Gonçalves – “Jornal O Centenário” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

12) Banca de Enise Cristina Barbaresco de Sousa – “Políticas de fortalecimento dos conselhos escolares: a perspectiva dos discentes” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

13) Banca de Eliane Lago Botelho e, Marcone Aparecido Viana – “Alimentação e rendimento escolar” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Pedagogia/Universidade Federal de Uberlândia – 2011;

14) Banca de Lair Miguel da Silva – “O livro didático de geografia no processo de construção de Educação do Campo no Município de Uberlândia-MG” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia/Universidade Federal de Uberlândia – 2014;

15) Banca de Laura Ferreira Santos – “O trabalho análogo ao escravo na TV: análise cultural do telejornalismo brasileiro” - Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Comunicação Social – Jornalismo/Universidade Federal de Uberlândia – 2017

PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE DEFESA DE PROJETOS

1) Banca de defesa do Projeto: Esporte - arte que promove vida com saúde e interatividade social dos alunos: Fátima Inês Santos de Oliveira, Uberto Deyler Pereira de Oliveira, Rafisa Aparecida Soares dos Santos. 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

2) Banca de defesa do Projeto: A história local dos afro-descendentes - alunos: Pollyanna do Nascimento Andrade, Sandra Regina Brozinga dos Santos, Eva de Castro Silva - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

3) Banca de defesa do Projeto: Aprendendo para a vida: lendo, interpretando e praticando a Matemática - alunos: Gleice Novais Viana Lúcio, Iolanda Pinheiro Neves, Maria Ângela Machado Otoni - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

4) Banca de defesa de projeto: Alimentação e Rendimento Escolar - alunos: Eliane Lago Botelho, Marcone Aparecido Viana, Rita de Cássia Ferreira Ramos - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

5) Banca de defesa do projeto: Alimentação e Saúde - alunos: Edna Neres Santana, Odenilson Vilas Boas Lopes, Maria Meralice Ribeiro dos Santos - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

6) Banca de defesa do projeto: A questão da leitura e interpretação nas séries finais do Ensino Fundamental e os desafios na construção do conhecimento - alunos: Simone Pereira Gonçalves, Siriane Cardoso da Silva, Aletícia Pereira Dias - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia;

7) Banca de defesa do projeto: Jornal: O centenário - alunos: Maria Aparecida Izidônio, Renata da Abreu Gonçalves, Beatriz Souza Latini Mayrink - PDE Gestar II, 2011. Universidade Federal de Uberlândia.

PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS

1) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto - na Universidade Federal do Tocantins em 2007 – Membros: COSTA, A. C. M.; LIMA, M. B. de; SILVA, R. P.;

2) Banca Examinadora de Processo Seletivo para Professor Substituto - na Universidade Federal do Tocantins em 2010;

3) Banca Examinadora de Concurso Público para o cargo de Professor Assistente – na Universidade Federal de Goiás em 2013 – Membros: COSTA, A. C. M.; BITES, M. F. S.; VALENTE, L. F.

PRODUÇÃO TÉCNICA – PARTICIPAÇÃO EM BANCAS – AVALIAÇÃO DE CURSOS

1) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP – FINAV - Faculdades Integradas de Naviraí – 2010 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; GONCALVES, G. S. Q.;

2) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - FAP. - Faculdade de Pimenta Bueno - 2011 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; SARDINHA, M. O. B.;

3) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP – Bagozzi - Faculdade Padre João Bagozzi.- 2011 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; SCHUCH JUNIOR, V. F.;

4) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - FMB. - Faculdade Montes Belos – 2011 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; ALMEIDA, S. M. L.;

5) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - FPA.- Faculdade Palas Atena de Chopinzinho – 2011 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; TARTUCI, D.;

6) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - FEF RJ. - Faculdade de Economia e Finanças do Rio de Janeiro – 2012 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; RODRIGUES, A. W.;

7) Avaliação de Curso - CGACGIES/DAES/INEP - FGT. - Faculdade Gran Tietê – 2012 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; VASCONCELOS, M. C. C.;

8) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - UNIP. - Universidade Paulista – 2012 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; SILVA, R. S.;

9) Avaliação de curso - CGACGIES/DAES - INEP - CSET Drummond. - Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade – 2012 – Examinadores: COSTA, A. C. M.; SANTANA, M. M. D.;

10) e-MEC - 249 - instrumento de avaliação de cursos de Graduação presencial e a distância - autorização de curso - CSE - INEP/MEC - 17 a 20/10/2012;

11) e-MEC - 197 - instrumento de avaliação de cursos de Graduação presencial e a distância - autorização de curso - Faculdade de Cubatão - INEP/MEC - 21 a 24/04/2013;

12) e-MEC - 249 - instrumento de avaliação de cursos de Graduação presencial e a distância - autorização de curso - IFSP - INEP/MEC - 24 a 27/02/2013

PRODUÇÃO TÉCNICA – ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

1) A TV digital no Brasil: os padrões internacionais e as relações de poder. 2007;

2) Processos Sócio-histórico Cubano e contexto atual. 2007;

3) III Seminário da luta pela terra - A construção da cidadania - sem terras, negros e índios: sujeitos históricos na luta por um país sem latifúndio, sem preconceito e com Educação. 2007;

4) Diálogo entre as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Pedagogia e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnicas Raciais (Lei 10639/03). 2008;

5) Visita Técnica a Escola Nacional Florestan Fernandes. 2008;

6) TV Digital no Brasil: Particularidade de Uberlândia. 2009;

7) Educação do Campo e questão Agrária. 2013;

8) V Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) e IV Seminário Nacional do PIBID. 2014;

9) I Seminário Internacional de Educação do Campo da UFU: Da luta pela terra a construção da cidadania. Povos Indígenas, Negros e Sem Terras. 2016;

10) Política, Educação e diversidade em tempos sombrios. 2017;

11) I Jogos Mundiais Indígenas: celebração e encontros culturais (Exposição) 2017;

12) I Congresso Nacional de Capoeira e Cultura Popular. 2018

PRODUÇÃO TÉCNICA – COMISSÃO ORGANIZADORA DE EVENTOS

1) Coordenador do V JURA - Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária, promovido pelo Instituto de Geografia (IGUFU)/ UFU, vinculado ao programa 'Apoio à continuidade dos processos de incubação de empreendimentos econômicos solidários na perspectiva da Extensão Universitária no município de Uberlândia e Região do Triângulo Mineiro (MG)' - Período de 08 a 10/05/2019

PROJETOS DE PESQUISA

1) Integrante do Projeto: Literatura e poesia popular no Tocantins: da história oral aos meios de comunicação como ferramentas didático-educacionais. – Coordenador: Adriana Cristina Omena dos Santos – Período: 2007-2008;

2) Integrante do Projeto: Análise comparativa dos projetos de inclusão digital em Palmas/TO – Coordenador: Adriana Cristina Omena dos Santos – Órgão Financiador: Governo do Estado de Tocantins - Período: 2007-2008;

3) Coordenador do Projeto: As práticas educativas desenvolvidas nas Escolas de Assentamento no Município de Uberlândia: práticas alternativas ou reprodução de práticas urbanas – Período: 2008-2010;

4) Integrante do Projeto: Avaliação da Gestão em Sistemas e Tecnologias de Informação nos Hospitais Brasileiro – Coordenador: Antonio Balloni – Período: 2009-2010;

5) Coordenador do Projeto: Sociedade Informacional e exclusão: Os projetos de Inclusão Digital em Uberlândia – MG – Período: 2009-2010;

6) Coordenador do Projeto: As práticas avaliativas desenvolvidas nas escolas

rurais no município de Uberlândia – Período: 2010-2011;

7) Coordenador do Projeto: Retratos de Assentamentos: um foco nas escolas rurais de ensino fundamental no Triângulo Mineiros – Período: 2011-2012;

8) Coordenador do Projeto: As práticas avaliativas desenvolvidas nas escolas rurais da região do Triângulo Mineiro – Período: 2012-2013;

9) Coordenador do Projeto: Avaliação do Plano de Ações Articuladas: um estudo nos municípios do Rio Grande do Norte, Pará e Minas Gerais, no período de 2007 a 2012 – Período: 2013-2015;

10) Coordenador do Projeto: As práticas pedagógicas desenvolvidas nas Escolas Rurais da região do Triângulo Mineiro – Período: 2013-2014;

11) Coordenador do Projeto: A Educação ambiental em foco: Práticas Educativas ambientais desenvolvidas nos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia – Período: 2014-2015;

12) Coordenador do Projeto: Projeto Escola da Terra - Comitê Gestor Institucional da REDE UFU de Formação Continuada, que integra a RENAFORM – Período: 2017-2018

PROJETOS DE EXTENSÃO

1) Coordenador do Projeto: Preservação do Patrimônio dos Grupos de Matriz Africana – Período: 2011-2013;

2) Coordenador do Projeto: Visita técnica as Aldeias Guarani-Kaiowa – Período: 2013;

3) Coordenador do Projeto: Educação do Campo e Questão Agrária – Período: 2013;

4) Coordenador do Projeto: Formação sócio-educativa: Trupe encena Abadá Capoeira Regional de Uberlândia – Período: 2013;

5) Coordenador do Projeto: Ensinando e aprendendo: Congado de Sainha – Período: 2013;

6) Coordenador do Projeto: Esporte e Lazer: estratégias socioeducativas de inclusão e melhoria da qualidade vida – Período: 2015-2016;

7) Membro de equipe de Projeto de evento – “Clareando Caminhos: Cultura Popular, Memórias e Religiosidades no fazer acadêmico” - promovido pelo Instituto de História (INHIS)/UFU, vinculado ao 'Programa PIAEV 2018 (Edital SEI PROEXC N. 43/2018)', realizado no período de 31/10/2018 a 30/11/2018, sob a coordenação de Luciana Lemes de Andrade Barbosa

OUTROS PROJETOS

1) Coordenador do Projeto: PIBID - Educação do Campo – Período: 2012-2014;

2) Coordenador do Projeto: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - Subprojeto Interdisciplinar, eixo temático: Educação do Campo – Período: 2014-Atual;

3) Coordenador do Projeto: Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo - - DIPOC 00024/2017 - Gestora 1032, Registro SICONV nº 091634/2017, Convênio nº 858374/2017 – Período: 2018-2019;

4) Coordenador do Projeto: Curso de Especialização em Educação do Campo – Período: 2014-2015

REPRESENTAÇÃO EXTERNA

1) Membro da direção Colegiada da ADUFU-SS, desde outubro de 2011;

2) Avaliador de Curso - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP/MEC – Desde: 2007 – atual

LICENÇAS

1) Licença capacitação - Período: 19 de setembro a 17 de dezembro de 2011(Portaria R. 1156/2011 de 09/09/2011);

2) Licença Capacitação - Intercâmbio e Grupo Formal de Estudos e Pesquisa - FAGED/UFGM – Período: 02 de maio a 30 de julho a 2016;

3) Licença para Pós-doutorado, área de educação, na Universidade do Porto, Cidade do Porto, Portugal - Processo 23117.040851/2019-00 – Período: 20/08/2019 a 20/08/2020

5. CONCLUSÃO

“ É preciso lembrar que ninguém escolhe o ventre, a localização geográfica, a condição sócio-econômica e a condição sócio cultural para nascer. Nasce onde o acaso determinar, por isso temos que cuidar de todos aqueles que estão em todos os recantos deste país. (AZIZ AB’SABER. 2005)

Com a exigência dessa Resolução em vigor utilizada pela UFU, consegui fazer uma viagem dos anos percorridos na minha vida pessoal/profissional até chegar à classe de Professor Titular por meio de avaliação de desempenho nos interstícios das Classes, Denominações e Níveis. E com essa regulamentação da carreira do Magistério Superior na esfera federal, através de Memorial Descritivo foi possível deixar registrado minha caminhada, lutas, conquistas e aprendizados obtidos no serviço público.

Tudo na vida é aprendizado e para tudo existe um tempo certo para acontecer; há um tempo para nascer, crescer e florescer. Nossa vivência pessoal/profissional é permeada por essas fases. Hoje, eu me considero na face do florescer. Reconheço o valor e a importância de cada colega professor com quem convivo e sou muito grato pelas aprendizagens que cada um me proporcionou.

Pretendo cada vez mais me dedicar ao ensino contribuindo para que meus alunos possam desenvolver a consciência crítica, que possam aprender além daquilo que está relacionado a ciência, aprender a compreender o mundo, afim de que possam se tornar pessoas mais humanas, mais solidárias e amorosas.

No campo da extensão quer continuar socializando meus conhecimentos e experiências com todos aqueles que não tiveram a oportunidade que eu tive de acesso à educação básica e superior. Quero ser um elo permanente entre a Universidade e a sociedade; minha opção será sempre pelos grupos excluídos da nossa sociedade notadamente os pretos, os indígenas, os sem terra, os sem teto, os sem pão e sem amor. Desenvolver a extensão é um ato de amorosidade, num mundo onde o individualismo e o egoísmo buscam se impor.

No que se refere a pesquisa, tenho como meta entrar para o programa de pós-graduação. Almejo a criação de um mestrado voltado essencialmente aos movimentos sociais, pois empoderá-los dos conhecimentos acadêmicos é contribuir com suas lutas e resitências.

Quanto à gestão acadêmica, confesso que isso nunca estive nos meus planos, pois não sou uma pessoa de ficar presa as funções burocráticas, pois o que me move e

me motiva é a ação, o contato direto com outros seres humanos. No entanto, se pretendemos transformar a universidade, defende-lá dos constantes ataques a sua autonomia, a sua transformação em uma empresa, e se desejamos que ela seja um espaço plural e diverso, faz-se necessário ocupar espaços na gestão.

Finalizo esse memorial reafirmando minha gratidão a todos que me deram e ainda me dão oportunidades de aprendizados; reafirmo meu compromisso com todos aqueles que são invisibilizados pelas políticas públicas, com a defesa da universidade e de uma educação laica, gratuita e socialmente referenciada de acesso irrestrito a todos sem distinção.

Axé de Luz!

5. ANEXOS

5.1 Atividades realizadas durante o processo de formação de mestrado e doutorado.

■ OPINIÃO

Criança e Adolescente: um compromisso de todos

No final deste século, felizmente, a sociedade brasileira, ou melhor, parte dela, está travando uma discussão acirrada sobre qual é o lugar da criança dentro de nosso contexto. Estando envolvido nesta discussão defendo a idéia de que o lugar da criança é no meio familiar e escolar, sendo que no primeiro a criança deve ser protegida e rodeada de afeto, no segundo, além dos requisitos do primeiro a criança tem que ser incentivada e estimulada a desenvolver todas as suas aptidões tomando consciência dos seus direitos e deveres enquanto cidadã.

Mas, infelizmente, a realidade que observamos ainda é muito cruel, uma vez que, segundo dados do IBGE/1990, mais de 7 milhões de crianças e adolescentes estão trabalhando. É importante ressaltar que geralmente o ingresso de crianças e adolescentes no mundo do trabalho é diretamente proporcional ao nível de pobreza de suas famílias.

Tendo consciência que o trabalho infantil é extremamente prejudicial ao desenvolvimento da criança como pessoa e como cidadão, ONGs, Ogs e

alguns segmentos sociais organizados do município de Marília estão empenhados em reverter esse quadro perverso, que subtrai da criança o direito de ser criança e os obriga a enfrentar as armadilhas e os labirintos de uma sociedade caracterizada por profundas desigualdades sociais.

As consequências do ingresso prematuro de crianças e adolescentes no mundo do trabalho podem ser observadas sobre os aspectos físico, emocional, moral e intelectual. Sob o aspecto físico pode-se dizer que a criança fica enfraquecida organicamente ficando passiva a inibição do crescimento, prejudicando o cérebro, as vistas, as estruturas ósseas, além de distúrbios neurológicos. No que se refere ao aspecto emocional a criança é vitimada pela depressão. Com relação ao aspecto moral, pode-se dizer que principalmente aquelas que trabalham nas ruas, bares, hotéis, restaurantes ficando expostas a drogas, atos criminosos, prostituição, etc. Na minha opinião essas crianças e adolescentes são desmoralizadas porque aos olhos de muitos, por estarem nestes ambientes não são mais crianças, e o

que acontece não precisa ser comentado. No que diz respeito ao aspecto intelectual, a criança e o adolescente que trabalham ficam prejudicados pois sua ida à escola é irregular e os seus rendimentos são baixos.

De acordo com esses pressupostos fica evidente que a sociedade como um todo tem que dizer não ao trabalho infantil, e a universidade tem a obrigação de estimular essas reflexões e estendê-las à comunidade.

Partindo dessas considerações preliminares o projeto "Criança e Adolescente: o coração da comunidade" pretende desenvolver uma reflexão sobre a problemática que envolve as crianças e adolescentes no município de Marília, e também no Brasil, mobilizando todos aqueles que estão empenhados na luta pelo Direito das Crianças e Adolescentes na perspectiva de estar construindo estratégias de intervenção.

Antônio Cláudio Moreira Costa.
Mestrando em Educação e Pesquisador do Centro de Pesquisas e Estudos Agrários-CPEA. Unesp/FFC/Marília

10-10-98 DIÁRIO

Na luta pela reforma agrária

No dia 3 de março do corrente ano foi votada e aprovada pela Câmara Municipal a instituição do dia 17 de abril como Dia Municipal de Luta pela Reforma Agrária. Este fato suscitou muitos questionamentos quanto à sua importância, principalmente por ter sido projeto de um vereador petista. O projeto vai ao encontro dos anseios das pessoas que acreditam na luta pela reforma agrária e entendem que essa luta não é apenas pelo acesso à terra, mas sim uma luta mais ampla que tem como objetivo a transformação social, rumo a uma sociedade em que os sujeitos possam exercer o pleno direito à cidadania.

O dia 17 de abril, escolhido para lembrar à sociedade

a massacre ocorrido no município de Eldorado dos Carajás (PA), deveria ser esquecido, pois neste triste episódio 19 trabalhadores rurais sem-terra foram friamente assassinados em nome da ordem e do progresso latifundiário. O pior é que os culpados continuam impunes, graças à "deficiência visual" característica da justiça brasileira. Porém, se analisarmos esta data sob a ótica dos direitos humanos, a mesma jamais poderá cair no esquecimento, pois trata-se de um episódio execrável da história de nosso País. A punição exemplar dos culpados deve servir para que algo parecido jamais volte a acontecer.

A instituição do dia 17 de abril, como dia de luta pela

reforma agrária revela que no município de Marília, através dos seus vereadores, há uma preocupação com os direitos humanos e demonstra que existe uma grande necessidade de que cada vez mais as pessoas empunhem a bandeira pela reforma agrária, pois no processo de luta pela terra, vale ressaltar a frase de um dirigente camponês: "A pior das reformas agrárias ainda é capaz de proporcionar casa, comida e trabalho, três condições que nem sempre o migrante encontra na cidade".

Antonio Cláudio M. Costa & Patrícia H.C. Bulm, pesquisadores do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários (CPEA), UNESP/ Marília.

OPINIÃO

Crianças de Marília: Fórum de Defesa analisa o atendimento

O grande desafio da sociedade brasileira às vésperas do novo século é reconhecer que todas as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, portanto devem ser tratados com prioridade absoluta.

Promulgado em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069) é uma das leis de defesa e promoção da infância e juventude mais modernas e completas do mundo, mas, infelizmente, ainda é pouco conhecida e respeitada. Uma das estratégias para solucionar este problema é a criação, em todos os municípios, do Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. O Fórum é um espaço privilegiado para discutir os problemas relacionados à infância e à adolescência e, consequentemente, para buscar alternativas para superá-los.

No município de Marília, o Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente é composto por representantes de organizações governamentais e não governamentais e por membros da comunidade, preocupados com os problemas relativos à infância e à adolescência no município de Marília. Os membros do Fórum estão empenhados em desenvolver um trabalho de conscientização comunitária, sobre a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Além do Fórum, o Centro de Pesquisa e Estudos Agrários (CPEA) da UNESP, coordenado pela Profa. Dra. Teresinha D'Aquino, também se preocupa com a questão das crianças e dos adolescentes e está discutindo e participando dos debates que tratam da problemática infanto-juvenil no município. Atualmente o CPEA está desenvolvendo um interessante projeto de intervenção sobre o assunto em pauta, tentando traçar um paralelo entre a qualidade de vida das crianças no assentamento Fazenda Reunidas e a qualidade de vida das crianças do município.

O Conselho Tutelar de Marília, também está atuando de maneira decisiva para amenizar o problema das crianças e adolescente da cidade, mas necessita de um maior apoio do poder público e da sociedade para subsidiar sua atuação. Reconhece-se também a contribuição que o atual governo municipal vem dando a essa questão, com a implantação das Casas do Pequeno Cidadão, que acolhem as crianças e adolescentes que estão na rua propiciando-lhes uma iniciação profissional.

Mudar a situação das crianças e adolescentes requer uma ação conjunta de toda a sociedade, pois se nada for feito, e rápido, iremos presenciar a transformação daqueles que hoje formam uma minoria oprimida, em uma maioria opressora envolvida com drogas, furtos, assassinatos, prostituição etc.

Nesse sentido é louvável a integração da Secretaria do Bem Estar Social com o Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente para a elaboração conjunta de projetos fundamentais na área de drogaditos e abrigos para jovens infratores, necessidades urgentes no município de Marília.

O passo fundamental para darmos às crianças uma vida mais digna é, indubitavelmente, o conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, ou melhor, da Lei Federal 8.069. É preciso que todos os cidadãos fiquem atentos aos princípios que norteiam este Estatuto, a saber:

- A criança tem direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.

- A criança tem direito de ser compreendida, deve se desenvolver em condições de igualdade de oportunidades, com liberdade e dignidade, e A criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade, e A criança tem direito à alimentação, deve crescer com saúde e a mãe deve ter cuidados médicos antes e depois do parto.

- A criança deficiente tem direito à educação e cuidados especiais, e A criança tem direito ao amor e compreensão, deve crescer sob a proteção dos pais, com afeto e segurança para desenvolver a sua personalidade e A criança tem direito à educação para desenvolver as suas aptidões e o seu sentimento de responsabilidade moral e social.

- A criança em qualquer circunstância deve ser a primeira a receber proteção e socorro.

- A criança não deve ser abandonada, espancada ou explorada, não deve trabalhar quando isto atrapalhar sua educação, saúde e seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

- A criança deve ser protegida do preconceito, deve ser educada com espírito de amizade entre os povos, de paz e fraternidade, deve desenvolver suas capacidades para o bem de seus semelhantes.

Ter consciência destes princípios é reconhecer que as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e devem ser tratados com prioridade absoluta. É dever da família, do Estado e de toda sociedade garantir o cumprimento desses princípios, uma vez que eles irão garantir um futuro mais digno às crianças e adolescentes e consequentemente estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática.

Antônio Cláudio Moreira Costa é Mestrando em Educação, pesquisador do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários (CPEA) da UNESP/FFC e Membro do Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente do município de Marília.

DIREITOS E DEVERES

Unesp discute estatuto da criança



Os pesquisadores Patricia e Antonio estão estudando qualidade de vida de crianças

O Cpea (Centro de Pesquisas e Estudos Agrários) da Unesp (Universidade Estadual Paulista) realiza hoje o seminário "Criança e adolescente: O coraço da comunidade, Trabalho Precoces, Educação e Saúde, Violência, Propostas de Intervenção" e amanhã o projeto "Brincando e aprendendo na Unesp".

O seminário pretende conscientizar a sociedade sobre o Eca (Estatuto da Criança e do Adolescente), discutir e refletir sobre os direitos e deveres da criança e tratar de questões como educação, trabalho precoce e saúde dos menores, além de debater projetos relacionados à questão desenvolvidos em Marília e região. Para o seminário, foram convidados representantes de diversos setores da comunidade, entre eles estudiosos ligados aos problemas dos menores, sindicalistas, médicos, assistentes sociais e representantes de órgãos públicos e não governamentais.

A abertura do seminário acontece hoje, às 8h, no anfiteatro da Unesp de Marília com a presença do diretor da universidade, professor Antônio Geraldo Aguiar e do prefeito Abelardo Camarinho. Após a abertura tem início a mesa redonda 1 com o tema: O Eca em debate: implantação e viabilidade; e a mesa redonda 2 com o tema: Violência contra crianças e adolescentes: até quando?

No período da tarde, às 14h30, está marcada a mesa redonda 3 com o tema: Trabalho precoce,

saúde e educação; à noite, às 19h30, o tema da mesa redonda 4 é: Projetos de intervenção locais e regionais.

Segundo Antônio Cláudio Costa, pesquisador do Cpea, tanto o seminário, como o projeto Brincando e aprendendo na Unesp, fazem parte de um estudo para comparar a qualidade de vida das crianças do Assentamento Fazenda Remidas, no município de Promissão, e a qualidade de vida das crianças na periferia de Marília.

"Ainda não temos o relatório final, mas podemos dizer que há uma enorme diferença entre as crianças do assentamento e as da periferia. No assentamento o estatuto da criança e do adolescente é respeitado, pois lá elas não trabalham ao contrário do que acontece na periferia", explicou o pesquisador.

Segundo o pesquisador Costa, no assentamento a escola é prioridade e nos casos em que os menores trabalham não é para ajudar no sustento da família. "As crianças no assentamento quando vão trabalhar é para aprender com os pais como é feito o plantio ou como se cuida da terra", disse.

Para Patricia Helena Buini, também pesquisadora do Cpea, nos assentamentos, mesmo sem conhecer o estatuto, a comunidade local aplica o Eca. "Lá, além das crianças não trabalharem não há evasão escolar", disse a pesquisadora.

De acordo com Patricia, no assentamento, quando uma crian-

ça tem dificuldades nos estudos a comunidade se mobiliza para saber qual é o problema do aluno e tentar resolvê-lo.

Amanhã, a partir das 14h30, o Centro promoverá no campus da universidade o projeto Brincando e aprendendo na Unesp com cerca de 150 crianças da 1ª a 6ª da rede oficial de ensino.

São 60 montes, todos eles alunos da universidade, que realizarão oficinas de teatro, música, sucatas e fantoches para as crianças enriquecendo o estatuto.

"Não adianta pesquisar e não levar nada para a sociedade, por isto estamos realizando o seminário e trazendo as crianças ao campus", disse Patricia. Entre os dias 26 e 30 de outubro o Cpea percorrerá escolas de 1ª e 2ª graus de Marília e do Assentamento Fazenda Remidas, em Promissão, para a realização de minicursos.

Cada um terá duas horas aula de duração e com os temas: "O Eca, trabalho precoce e a legislação", "Saúde ocupacional e prevenção de acidentes de trabalho" e "Trabalho precoce e uso de defensivos agrícolas: um alerta em busca de conscientização e qualidade de vida". O seminário "Criança e adolescente: O coraço da comunidade, Trabalho Precoces, Educação e Saúde, Violência, Propostas de Intervenção" ainda tem inscrições abertas. Os interessados podem se dirigir a Unesp-avenida Higinio Muzzi Filho, 737, Campus Universitário e pagar a taxa de R\$ 3,00.

Criança é tema de seminário na Unesp



Os pesquisadores Patrícia Buim e Antonio Cláudio Costa, estudam a qualidade de vida entre as crianças assentadas em Promissão e as crianças da periferia de Marília

O Cpea (Centro de Pesquisa e Estudos Agrários) da Unesp (Universidade Estadual Paulista) promove hoje a partir das 8h o seminário "Criança e adolescente: O coração da comunidade.

Trabalho Precoces, Educação e Saúde, Violência, Propostas de Intervenção" para conscientizar a comunidade a respeito do Eca (Estatuto da Criança e do Adolescente), discutir os direitos e deveres das crianças, além de debater projetos relaciona-

dos a menores em Marília e região. O prefeito Abelardo Camarinha e o diretor da Unesp de Marília, Antônio Geraldo Aguiar, farão a abertura do evento.

Foram convidados diversos segmentos da comunidade para participar do seminário. De acordo com Antônio Cláudio Costa, pesquisador do Cpea, o seminário faz parte de um projeto do Centro para comparar a qualidade de vida das crianças do Assentamento Fazenda Reunidas,

na cidade de Promissão, com a qualidade de vida das crianças da periferia de Marília. Pesquisadores do Cpea afirmam que ainda não possuem o relatório final do estudo, mas há diferença fundamental é que no assentamento as crianças não trabalham, diferentemente dos meninos da periferia. Amanhã, às 14h30, alunos da rede pública farão oficinas culturais no campus da universidade enfocando o estatuto.

Programa na Unesp diverte e ensina

Marlon Sanchez



O coordenador do "Brincando e Aprendendo na Unesp", Antonio Cláudio

"Brincando e Aprendendo na Unesp" de Marília, é a atividade que a universidade promove dia 16 à partir das 14h30 no Campus, envolvendo 150 crianças da Casa do Pequeno Cidadão e das escolas Nassib Cury e Reny Cordeiro.

O evento cultural integra o seminário "Criança e adolescente; o coração da comunidade". O programa científico vai promover quatro mesas redondas abordando os problemas que atingem os menores como o trabalho infantil, a violência, saúde e educação e projetos de intervenção.

O "Brincando e Aprendendo...", será coordenado pelo mestrando em Educação, Antonio Cláudio Costa. Ele explicou que as atividades serão desenvolvidas por grupo de 50 alunos dos cursos de Pedagogia, Biblioteconomia, Ciências Sociais e Fonoaudiologia.

Haverá teatros de fantoches, trabalhos manuais em sucatas, pinturas e outras atividades pedagógicas. Os participantes vão receber uma cartilha ilustrada com os di-

reitos e deveres das crianças, garantidos pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Elas também vão receber lanches da cozinha piloto da Secretaria Municipal da Educação.

A exploração do trabalho infantil acabou originando neste ano um movimento internacional que reuniu vários países da América Latina. Em Marília, de acordo com Antonio Cláudio, o problema é tratado pelo Fórum de Defesa da criança e do Adolescente.

"Costuma-se dizer que o trabalho infantil em Marília não há, mas hoje a literatura já considera que pedir esmola é uma forma de trabalho", explicou.

Em Marília, as três unidades da Casa do pequeno Cidadão, conseguiram reduzir o número de crianças que antes permaneciam nas ruas pedindo esmolas.

"O trabalho da Casa é importante porque promove o aprendizado e o conhecimento como por exemplo de informática. Isso é importante", afirmou Antonio Cláudio.

OPINIÃO

O carnaval

E, a cidade de Marília festejou mais um carnaval e, com toda certeza irá entrar para a história. Quando digo que irá entrar para a história, lamento decepcionar muitas pessoas, mas não é em virtude do carnaval deste ano ter sido aquilo que algumas pessoas, alheias ao que acontece a sua volta diriam: foi belíssimo; não muito pelo contrário, o carnaval deste ano entrará para a história devido ao cinismo com que foi apresentado ao público um bloco da Casa do Pequeno Cidadão durante a abertura do desfile, expondo aquelas crianças a uma situação de ridículo.

Com toda certeza muitas pessoas irão se sentir ofendidas com essas críticas, mas para reanimá-las levantarei algumas questões, que considero pertinente para uma reflexão:

- Se o propósito da apresentação das crianças durante o desfile era divulgar o "trabalho" desenvolvido na Casa do Pequeno Cidadão, por que os responsáveis pela mesma não estão desenvolvendo um trabalho sério de resgate da cidadania das crianças que aparecem por lá?

- Se a apresentação do "bloco dos anjinhos" não era apenas divulgar a Casa do Pequeno Cidadão, mas também proporcionar um raro momento de lazer para as crianças, por que os funcionários e diretores da Casa não envolveram seus filhos, filhas, sobrinhos, sobrinhas, netos, netas, enteados, afilhados e demais entes na apresentação"? Bom, na minha opinião fica evidente o preconceito dessas pessoas que continuam pensando, apesar de todo um discurso de igualdade social e justiça, que, não é conveniente misturar as estações:

- Se a apresentação do "bloco dos anjinhos" nada tem haver com uma propaganda política e seu objetivo era tão somente alegrar aquelas crianças selecionadas, por que paralelamente ao desenvolvimento do desfile, outras crianças estavam trabalhando? Umas "reparando" carros, outras vendendo bebidas e até mesmo cigarros. E o mais lamentável: algumas se drogavam.

Sem dúvida nenhuma essas questões têm várias respostas, algumas sérias e outras nem tanto. Diante desses fatos ficam duas interrogações: Quando é que a criança vai ser, realmente, uma prioridade absoluta para o município? e Aonde é que estavam e o que tanto fazem os supostos responsáveis (diretos) pelo bem estar dessas crianças no município que não conseguem captar essa dura realidade?

Bom, a esta última interrogação tem uma hipótese: alguns estavam passando o tempo em seus camarotes, loucos de vontade para cair na folia em seus clubes prediletos, após cumprir com suas obrigações, outros, participavam daquele ato político.

Para finalizar minha reflexão quero deixar claro, que não sou contra o carnaval e nem a participação das crianças no desenvolvimento do mesmo, apenas defendendo a idéia de que, ao se cogitar a participação infanto-juvenil nos eventos, tenha-se mais prudência, senso crítico e criatividade, para evitar que os mesmos sejam expostos a uma situação ridícula e constrangedora.

Antonio Cláudio Moreira Costa - Mestrando em Educação na Unesp/Marília e membro do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários (CPEA).

1º de abril de 1999

PESQUISA

Evento debate luta por reforma agrária

Hamilton Alves

O Centro de Pesquisas e Estudos Agrários da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Marília, promove dias 16 e 17 de abril, o Seminário "Da luta pela terra à construção da cidadania", com o desenvolvimento de mesas redondas e debates.



Pesquisadores discutiram ontem programa de debates sobre reforma agrária

O evento vai marcar o Dia Nacional e Municipal de Luta pela Reforma Agrária e ainda o Dia Internacional Contra a Opressão Camponesa, que acontece dia 17. A data relembra o massacre de 19 sem-terra em Eldorado do Carajás, em 1995. As mortes ainda não foram julgadas.

O evento vai reunir lideranças, pesquisadores e militantes. O centro é integrado por 11 pesquisadores que afirmam não estar vinculado a nenhum movimento político, incluindo o MST (Movimento dos Sem-Terra).

O centro surgiu há dez anos desenvolvendo pesquisas acadêmicas junto ao assentamento da Fazenda Reunidas, em Promissão, que começou com 44 famílias e hoje comporta 637.

Segundo os pesquisadores os trabalhos desenvolvidos em educação, saúde, religião, economia, produção, política e outras áreas, comprovam que a viabilidade da RA para a realidade do Brasil.

As pesquisas comprovam

que os assentados melhoram sua qualidade de vida em todos os sentidos em relação à vida que levavam antes", explicaram as pesquisadoras Patrícia Helena Buim e Maria Teresa Nabão.

Além disso, de acordo com elas, o assentamento contribui para o crescimento de Promissão, aumentando a arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Apenas o acampamento significa 25% da população da cidade.

Por isso os pesquisadores afirmaram que a RA e projetos alternativos para pequena produção podem contribuir para a melhoria de qualidade em todo o país, reduzindo a formação de favelas reduzindo todos os problemas que o crescimento desordenado pode trazer às cidades, como a violência urbana e outros.

PROGRAMAÇÃO

O Seminário será aberto dia 16, às 15h, pela professora da Unesp e coordenadora do CPEA, Terezinha D'Aqui-

trabalhos científicos sobre a RA. No dia 17 acontecem as mesas redondas que vão abordar os seguintes temas: "Impactos de Assentamentos Rurais e Alternativas para a Pequena Produção", "MST e Entidades interessadas em apoiar a RA" e "Violência no campo".

Entre os participantes estarão o deputado federal do PT e advogado do MST, Luiz Eduardo Geenhard, Zelitro Luz da Silva do MST e da Cooperativa Regional do Pontal do Paranapanema e Dom Eugênio, bispo de Assis e membro da CPT (Comissão da Pastoral da Terra).

Os interessados em obter certificados podem se inscrever no NAC (Núcleo de Apoio Cultural). O CPEA é integrado ainda pelos seguintes pesquisadores: Antonio Cláudio Costa, Cláudia Maria Bernava, Elaine Cristina Carraro, Fabiana Xavier Vieira, Fábio Júnior Lopes, José Benedito Leandro, Maria Madalena Fermiano e Silvio César Mi-

lião.

5.2 Evento de extensão realizado nas Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO.

Jornal da Divisa

SEXTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 2003 ► A-5

Gabriel Chalita abre Congresso de Educação Inclusiva das FIO

O Secretário de Educação do Estado fará a palestra de abertura do evento de âmbito regional

O secretário de Educação do Estado, professor doutor Gabriel Chalita participará da primeira mesa redonda do I Congresso de Educação Inclusiva que as Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) promoverão no período de 29 a 31 de maio em Ourinhos. A abertura do evento, no dia 29, será no Teatro Municipal Miguel Cury, com início às 19h30.

Mais de 340 inscrições já tinham sido recebidas pela instituição até a quarta-feira, 14, segundo o professor Antônio Cláudio Moreira Costa, coordenador do evento dirigido aos professores das redes estadual e municipal de ensino, das APAEs, alunos de graduação e pós-graduação e do CEFAN (Magistério). As FIO deverão receber para o Congresso professores e universitários de diversas cidades da região inclusive do Paraná.

A promoção é dos Departamentos de Letras, Geografia, Biologia e APAE de Ourinhos.

Integram a comissão organizadora do evento: o vice-diretor e coordenador do curso de Letras, professor mestre Márcio Roberto Pereira e os professores Antonio Cláudio Moreira Costa, Antônio Cleverson, Edélzia Bertello, Odair Francisco e Nilton



Professor Antônio Cláudio, coordenador do Congresso, com alunos da APAE que participam de projeto especial no Campus das FIO

FONTE: JORNAL DA DIVISA
DATA: 16/05/03
OURINHOS/SP

Jornal DA DIVULGAÇÃO
DATA: 31/05/2003
OURINHOAS/SP

Gabriel Chalita prestigia Congresso de Educação Inclusiva da FIO



Odila Boneto Pires (diretora do Colégio Objetivo), Antonio Cláudio (coordenador do evento), Márcio Pereira (vice-diretor da FIO), José Marta Filho (diretor da FIO), Nildo Ferrari (presidente da FEMM), secretário Gabriel Chalita, Roque Quagliato (vice-presidente da FEMM) e o prefeito Claudemir

Página A-6

Gabriel Chalita prestigia Congresso de Educação Inclusiva da FIO

DA REPORTAGEM

O secretário estadual de Educação, Gabriel Chalita, foi aplaudido de pé, na noite de quinta-feira, 29, no anfiteatro do Colégio Santo Antônio (Objetivo), por mais de 750 professores das redes estadual, municipal e de escolas particulares de Ourinhos, autoridades e dirigentes da Educação, após fazer a abertura do Congresso de Educação Inclusiva promovido pelas instituições integrantes de Ourinhos.

O outro palestrante da noite foi o coordenador da Secretaria Nacional de Educação Especial do Ministério da Educação, José Rafael Miranda, que trouxe além de sua experiência e vivência como especialista em Educação Especial, as propostas e perspectivas do MEC para promover os avanços no processo de educação inclusiva.

Escola para todos — Ao falar da importância e da necessidade da proposta de Educação Inclusiva nas escolas brasileiras, Chalita impressionou o público com uma aula de literatura, filosofia, sociologia, transmitindo uma mensagem de incentivo, valorização e estímulo ao educador. O secretário elevou a auto-estima do professor, ao mostrar a dimensão do seu papel social, enfatizando a responsabilidade de formar o ser humano, preparar o cidadão e transmitir-lhe conhecimentos, conforme determina a Constituição.

A palavra mágica da inclusão, disse ele, é o acolhimento. A escola deve acolher com amor e com respeito os alunos portadores de necessidades especiais, da mesma forma a sociedade acolhe as pessoas na sua imensa complexidade, com suas diferentes histórias de vida, sonhos, ideais.

Para que o aluno possa desenvolver suas aptidões e formar sua cidadania é fundamental, afirmou o secretário que haja um vínculo do professor com o educando de tal maneira que seja possível um compartilhamento de experiências e conhecimentos que fazem crescer a criança e o jovem, despertando suas potencialidades, valorizando suas habilidades, respeitando suas diferenças.

Para que haja esse comprometimento, é preciso amor, respeito, solidariedade. Chalita falou da escola tão sonhada e idealizada por Cecília Meireles, Clarice Lispector dentre tantos outros que vislumbraram uma escola ideal para todos. Uma es-

cola cidadã e solidária. Chalita enfatizou sua palestra falando da importância dos sonhos na vida do ser humano, da necessidade de voar alto para buscar o que há de melhor em cada um, para transformar o mundo e a proposta de inclusão abre as portas para uma sociedade mais justa e íntegra. Gabriel Chalita foi recepcionado pelo prefeito Claudemir Alves da Silva, pelo presidente da Fundação Educacional Miguel Medeiros, Nildo Ferrari, e pelo vice-presidente, Roque Quagliato, pelo diretor da FIO, José Marta Filho, pelo vice-diretor, Márcio Roberto Pereira, pelo coordenador geral do evento, professor Antonio Cláudio Moreira Costa, pelo diretor do Colégio Santo Antônio/Objetivo, Odila Boneto Pires, pela dirigente regional de Ensino Maria Regina Pereira de Araújo e docentes da FIO. Após execução do Hino Na-



O presidente da FEMM, Nildo Ferrari, faz a abertura oficial do Congresso

cional e abertura oficial do evento pelo presidente da FEMM, Nildo Ferrari, a professora do curso de Direito da FIO, Juiza Vanessa Carolina F. Ferrari, de Santa Cruz do Rio Pardo, fez a apresentação do secretário ressal-



Odila Boneto Pires, Antonio Cláudio Moreira Costa, Márcio Roberto Pereira, José Marta Filho, Roque Quagliato, Gabriel Chalita, Claudemir Alves da Silva, Nildo Ferrari, Vanessa Carolina Ferrari, José Rafael Miranda, Elcio Antonio Selmi e Maria Regina Pereira de Araújo



Evento reúne mais de 720 professores de Ourinhos e região

Congresso de Educação Inclusiva da FIO recebeu mais de 700 inscrições

DA REPORTAGEM

As Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) receberam 720 inscrições para o I Congresso de Educação Inclusiva que será realizado nos dias 29, 30 e 31 de maio, no anfiteatro do Colégio Santo Antônio/Objetivo (rua Arlindo Luz 800). A FIO já encerrou as inscrições e, segundo o coordenador do evento, professor Antônio Cláudio Moreira Costa, há pelo menos 500 pessoas na lista de espera. O elevado número de inscrições obrigou a FIO a mudar o local do evento que, inicialmente, estava previsto para ser realizado no Teatro Municipal, dias 29 e 30, e dia 31 no Campus Universitário.

Antônio Cláudio ressaltou que o número de participantes superou as expectativas o que demonstra o interesse pelo evento e a importância do tema para todos que atuam na área da Educação.

O Congresso reunirá em Ourinhos profissionais da educação, alunos de graduação e pós-graduação e representantes das APAEs e de demais entidades de diversas cidades da região, inclusive do Paraná.

"Com esta iniciativa as Faculdades Integradas de Ourinhos esperam dar a sua contribuição para ampliar e aperfeiçoar o debate e viabilizar a proposta de inclusão", afirmou Antônio Cláudio.

O Congresso será aberto no dia 29, às 19h30, pelo secretário de Educação do Estado, professor doutor Gabriel Chalita que participará da primeira mesa redonda.

A promoção é dos Departamentos de Letras, Geografia, Biologia e APAE de

Ourinhos. Integram a comissão organizadora do evento: o vice-diretor e coordenador do curso de Letras, professor mestre Márcio Roberto Pereira e os professores Antônio Cláudio Moreira Costa, Antônio Cleverson, Edélzia Bertello, Odair Francisco e Nilton Zupa.

O Congresso tem como objetivos: promover uma reflexão crítica sobre as variáveis que interferem no desenvolvimento do processo inclusivo; proporcionar ao público alvo do evento subsídios para melhor compreender as várias facetas da educação especial e do processo inclusivo; discutir sobre a perspectiva inclusiva e suas relações com as políticas educacionais dos organismos internacionais.

Programação — O secretário Gabriel Chalita será um dos expositores do tema. As propostas de Educação de Inclusão nas escolas brasileiras que também será debatido pelo representante da Secretaria de Educação Especial do MEC/DF, professor José Rafael Miranda. O debate será dirigido pelo vice-diretor da FIO, professor mestre Márcio Roberto Pereira.

Na sexta-feira, 30, o Congresso terá continuidade às 8h30, com a mesa redonda sobre A formação de educadores no processo de inclusão: um desafio a ser superado. Os expositores serão as professoras Rosimar Bortolini Pokar, doutora em Educação e professora da Unesp/FFC, Evelyn Mostasso, coordenadora pedagógica da educação especial na Rede Municipal de Educação de Ourinhos e o representante do MEC José Rafael Miranda. A coordenadora deste debate será a professora Edélzia Bertello.

No período da tarde, com início às 14 horas, será realizada conferência sobre Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. A conferencista convidada é a professora Mary Neide Damico Figueiró, doutora em Educação Escolar e professora da UEL. O médico, vice-prefeito e professor mestre das FIO, Gilberto Severino será o coordenador.

Logo após, às 18 horas, haverá lançamento de livros e em seguida apresentação dos alunos da APAE/Ourinhos no Espaço Cultural. Encerrando as atividades do dia será realizada mesa redonda sobre o tema A ética pedagógica no processo inclusivo. Os palestrantes serão os professores Paulo Ghiraldelli Junior, doutor em Filosofia, professor da Unesp/FFC e professor visitante na Auckland University e Emanuel Ângelo Fragoso, doutor em Filosofia e professor da UEL. O coordenador da mesa será o professor doutor Reinerio Lirias.

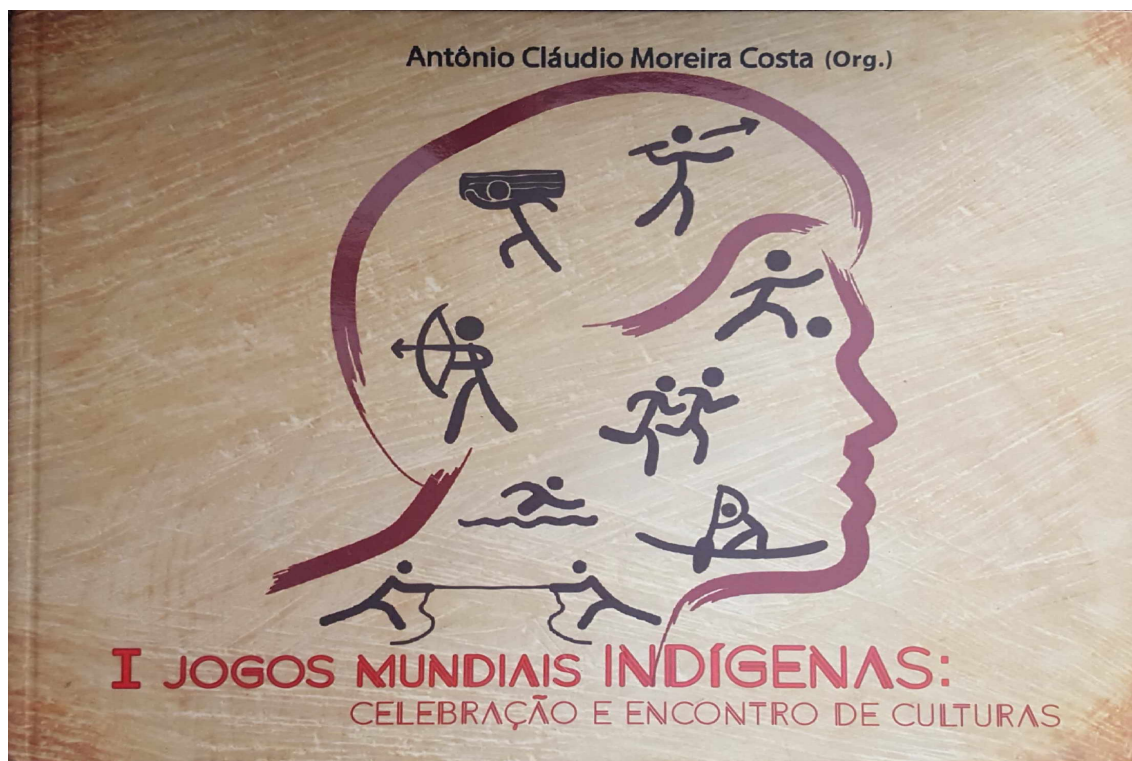
No dia 31, o Congresso terá continuidade, às 8 horas, com a realização de grupos de trabalhos nas seguintes áreas: deficiência mental, deficiência visual, deficiência auditiva e deficiência física. Os grupos serão dirigidos, respectivamente, pelas professoras Anna Augusta Sampaio de Oliveira, doutora em Educação e professora da Unesp/FFC; Eliana Maria Cher Vambommel, mestranda em Educação; Sandra Eli Sartorato de Oliveira Martins, mestre em Educação e professora da Unesp/FFC e Luciana Ramos Baleotti, mestre em Educação e terapeuta educacional.

5.3 Publicações de livros durante o exercício profissional na UFU.

5.3.1 Livro 1



5.3.2 Livro 2



5.3.3 Livro 3

EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO:

olhares que se cruzam



ANTÔNIO CLÁUDIO MOREIRA COSTA
ALESSANDRO RODRIGUES PIMENTA
MARIA SIMONE FERRAZ PEREIRA (ORGs.)

UFU - 2017

5.3.4 Livro 4



Esse material foi fruto de um trabalho desenvolvido durante o Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo, do Programa Escola da Terra, com o patrocínio do Ministério da Educação. O material contém um livro com artigos produzidos pelos professores que trabalharam no curso, e um ensaio fotográfico contendo 60 fotos de diferentes povos indígenas, que é acompanhado de um texto escrito em parceria com o escritor e cineasta indígena Cristino Wapichana.

